



AQUICULTURA

Produção de camarão cresce e impulsiona a economia na PB

Atividade tem substituído a pecuária e modificado a rotina alimentar de paraibanos. **Página 17**



Foto: Leonardo Ariel

Crianças revelam o próprio olhar sobre a infância e o futuro

No dia dedicado aos pequenos, uma matéria especial aborda as diferentes visões que eles têm sobre o presente e as preocupações de pais e especialistas em relação ao seu desenvolvimento, com enfoques nas relações sociais e na busca pela realização pessoal. Brincadeiras também mudaram bastante ao longo dos anos.

Página 5

Tambaú recebe disputas do Rei e Rainha do Mar e finais do futevôlei

Partidas serão realizadas, hoje, dentro da programação do World Beach Games, que segue até o dia 9 de novembro.

Foto: Evandro Pereira



Página 21

Promotora relata dificuldade em fazer valer a Lei do Gabarito em JP

Coordenadora do Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente do MPPB, Cláudia Cabral Cavalcante cobra fiscalização e busca conscientização em diálogo com as construtoras.

Página 4

Expansão urbana compromete a arborização nas ruas da capital

Avanço das construções nos bairros promove a perda da cobertura vegetal, agravada pela ausência de espaço nas calçadas e de canteiros centrais para o plantio de árvores.

Página 20

Rota Cultural Raízes do Brejo chega a Lagoa de Dentro no próximo dia 16

Com o lema “Um caminho de identidade, cultura e emoção”, o festival itinerante percorrerá 10 municípios da região, promovendo o turismo e a cultura da Paraíba.

Página 8

Roteiro turístico promove a educação antirracista no Centro Histórico de João Pessoa

Agência especializada em afroturismo busca percorrer espaços da cidade com olhar atento às narrativas invisibilizadas, resgatando memórias e promovendo a valorização cultural dos povos negros e indígenas.

Página 25



Foto: Caio Fernandes/Apuama



■ “A partir de Castro Pinto, de João Pessoa ao João Azevêdo do primado tecnológico de hoje, o Palácio, convertido em Museu, chega ao símbolo mais solene da nossa História”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

O mundo sem disfarce

Por mais que se use maquilagens retóricas de efeitos quase mágicos para tentar embelezar perfis sociais acentuadamente graves, a realidade, de uma maneira ou de outra, acaba de sobrepondo aos resultados das aplicações, apresentando-se, às vezes, com seus traumas ainda mais acentuados, devido, exatamente, à tentativa feita no sentido de disfarçá-los. A melhor política, ao que parece, é mostrar a realidade com a cara que ela tem.

Veja-se o exemplo de Belém do Pará. A cidade foi escolhida para sediar a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (Conferência das Partes) — a mais importante convenção internacional relacionada à busca de soluções para a crise ambiental planetária —, mas o que poderia ser motivo apenas de alegres comemorações acabou expondo as contradições sociais, econômicas e ambientais da capital paraense.

A promoção da COP30 — que acontecerá de 10 a 21 de novembro de 2025, antecedida, porém, pela cúpula de chefes de Estado, nos dias 6 e 7 de novembro — foi, de certo modo, ofuscada pela ganância de proprietários de imóveis, pousadas e hotéis, que elevaram ainda mais os preços das estadias, o que alimentou especulações acerca da capacidade (ou não) de Belém de acomodar os participantes do conclave da ONU.

Mas não ficou nisso. Vieram à tona, também, problemas relacionados ao déficit de saneamento básico, violência, coleta de lixo e o alto custo de vida. A cidade celebrizada por riquezas como as paisagens naturais, o Círio de Nazaré, a gastronomia e as culturas indígenas e africanas, por ter-se transformado em uma vitrine internacional, passou a ser vista na sua realidade intrínseca, com os manequins do jeito que eles são.

Mas essa é a realidade do mundo, que, assim como a população global, divide-se, até hoje, infelizmente, em cidades ricas, intermediárias e pobres. Sendo assim, é provável que seja um fator bastante positivo a COP30 acontecer em Belém do Pará, porquanto as contradições da cidade, sendo assim ressaltadas, talvez recebam respostas mais rápidas e eficazes tanto dos poderes públicos nacionais quanto de instituições internacionais.

E que aconteça a COP30, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva dormindo em barcos ou quartos de hotel, porque, se Belém precisa de tanto, o mundo carece de muito mais. Que se dê início à sonhada redução de emissões de gases de efeito estufa, e que os governos, com generosos financiamentos internacionais, consigam desenvolver políticas eficientes de adaptação às mudanças climáticas que vêm atormentando o planeta.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O homem-massa e a corrosão democrática

Quando o filósofo espanhol José Ortega y Gasset publicou, em 1930, a coletânea de artigos intitulada “A Rebelião das Massas”, já demonstrava sua preocupação com a ascensão do que conceituou como “homem-massa” no final do século XIX e início do século XX. Esse personagem, dizia ele, agia “como irracional, medíocre, avesso ao estudo e à sabedoria, incorporando a derrota do saber e do bem-comum e a sede cega dos fascismos”.

O homem-massa tende a apoiar causas populistas e agressivas, depositando seu voto em favor de *outsiders* que fazem questão de demonstrar pouco se importar com o bem-estar social. Constrói uma ideia política centrada nos próprios interesses e, por isso, não se constrange em partilhar notícias falsas, acreditando contribuir para destruir um sistema político que eventualmente não o satisfaça. Elege como líderes figuras desprovidas de valores éticos e morais, algumas incapazes até de se expressar com clareza, que fazem discursos em desrespeito às leis e às instituições.

Ortega previu que esse comportamento caminharia em direção ao caos social, corroendo os fundamentos da cultura e da vida em coletividade. O homem-massa age como um robô, inautêntico, incapaz de dirigir a própria existência. Busca ser idêntico aos que fazem parte de sua “bolha ideológica”, rejeitando a classe social da qual realmente faz parte. Torna-se, assim, um homem vulgar.

Guiado por lideranças nas quais deposita confiança cega, anda ao acaso, ignorando a própria história de vida e movido por estímulos externos impregnados de preconceitos e ódios. Não reconhece limites, desde que atendidos seus desejos. Sem opiniões próprias, repete as dos outros, incapaz de agir criticamente, como um ventríloquo. Com a falta de conhecimento histórico e o baixo nível cultural, assume uma postura de submissão voluntária, perdendo a individualidade e aceitando ser manobrado como parte de um rebanho.

Ortega afirma que o homem-massa

se orgulha “do direito de não ter razão, a razão da não-razão, que dá as costas aos valores da tradição liberal e introduz na vida pública um estilo de ação baseado sobre a sistemática agressão e cancelamento do outro, sobre idolatria do chefe carismático e sobre o estatismo totalitário”. Em síntese, é um antidemocrata.

O mais grave é o risco de termos uma sociedade de prioridades invertidas, relegando o conhecimento e a verdade a plano secundário e abandonando os valores morais como norte de uma vida em coletividade. Hoje, nas redes sociais, encontramos muitos exemplos desse personagem: pessoas que odeiam a tranquilidade e a meditação, que necessitam fugir de si mesmas, sensíveis à propaganda e dependentes de colonistas ou influenciadores que pensam por elas.

Aí está o grande perigo do protagonismo social do homem-massa: querer impor opiniões sobre qualquer questão da vida pública, mesmo permanecendo cego e surdo ao mundo real, vulnerável a influências nefastas. Se não quisermos sucumbir ao império do homem-massa, é preciso reafirmar a centralidade do conhecimento, da ética e da responsabilidade cidadã como valores inegociáveis da vida democrática.

“

Ortega afirma que o homem-massa se orgulha ‘do direito de não ter razão’. Em síntese, é um antidemocrata

Foto
Legenda



Aventuras da infância

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O novo palácio

Em maio de 1841, o presidente da província, Pedro Rodrigues Chaves, dirige-se ao governo imperial pedindo “alguma quantia” para consertar o Palácio em que reside, nos termos seguintes recolhidos por Irineu Pinto em suas “Datas e Notas”: “...é um casebre indecente e tão velho que estou vendo o momento em que me cahe em cima e de toda minha família ... não tem mobília ... não há preparada uma sala para cortejo, nem um retrato capaz de S. Majestade o imperador. Só posso assegurar que, mesmo particular, nunca vivi em casa tão ordinária e tão desmontada...”.

Se daquela vez o casebre passou por melhoria ou não, dez anos depois, morando e despachando nele, o presidente B. Rohan, valendo-se de um jardineiro francês que demorava em Recife, já incrementava o cultivo do largo ajardinado que viria ser a praça cívica da era republicana. A partir de Castro Pinto, de João Pessoa ao João Azevedo do primado tecnológico de hoje, o Palácio, convertido em Museu, chega ao símbolo mais solene da nossa História.

Foi este o cenário mais impressionante e ao mesmo tempo influente em que gravitaram os meus olhos e minhas esperanças de moço recém-chegado do interior, a quem foi dada a chance de ver de cima, num balcão entre colunas de feição romana do belo edifício do jornal, um cenário que lembrava o do Catecismo Ilustrado, deslumbre de infância segregada nos grotões de minha Alagoa Nova.

No ano seguinte, 1952, sou admitido como extranumerário contratado na folha do jornal e cedo ingresso no encargo de anotar as audiências e visitas do expediente do senhor governador. Deu-se, aí, uma convivência. Acanho-me em declarar “intimidade”, a não ser com o aparato ornamental próprio do ambiente, ao visitante, ao próprio funcionário, a exemplo de uma Ismália Borges, na primeira linha de assessores do governador José Américo, ou a dona Rita, belo exemplar de negra, lá atrás, confundida com o aroma único do seu café, o compartimento que mais assiduamente frequentei independente de quem estivesse no governo. E de onde avistávamos as naus de azulejo portugueses que decoram um painel interno ao lado da

“

Ali [antiga sede do Paraiban] cabe uma Assembleia, uma Câmara, um centro administrativo inteiro

antiga copa. Passei a vida trabalhando perto, salvo quando Ernani Sátyro derrubou o palacete de meu mirante para dar corpo à fantasia dos três poderes.

Mas a História, com seus instrumentos, tem sua força. Numa época de mudanças radicais, sufocada pela combustão dos motores e dos artifícios guerreiros, alienante pela comunicação fácil e da qual ninguém escapa — as matrizes da religião e da história a se autodestruírem —, vem um jovem feito com esse instrumental e dele se aproveita em favor da casa velha ou da casa nova, construída com dinheiro público, mas criminosamente abandonada como a antiga sede do Paraiban, construída no governo Burity.

Ali cabe uma Assembleia, uma Câmara, um centro administrativo inteiro da forma como está sendo reconstruído. O Palácio incrementado para Museu de História da Paraíba é o coroamento excepcional de um cuidado cívico e cultural que, exceção feita ao governo Burity, outras expressões culturais no poder não tiveram.

Não é por acaso que esses dois governadores que constituem a exceção são justamente os dois que tiveram ouvidos para os reclamos da nossa Academia Paraibana de Letras. Burity ampliou a sede, na gestão de Manuel Batista; e João Azevedo abrindo licitação para a construção do memorial Augusto dos Anjos, anexo à academia.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

EM 2025

Feiras e exposições devem gerar R\$ 500 milhões na PB

Eventos potencializam o agronegócio e estimulam o turismo e a geração de empregos

Samantha Pimentel
samanthainiao@gmail.com

Elas reúnem produtores de diversos municípios e regiões, potencializam as vendas e ajudam a firmar parcerias, expandir os contatos e partilhar experiências. Para quem atua no setor de agronegócios, as feiras e exposições são espaços fundamentais para fortalecer a comercialização. Além disso, os eventos estimulam o turismo e a geração de empregos. Com apoio da Secretaria de Desenvolvimento da Agropecuária e Pesca do Estado da Paraíba (Sedap-PB), em 2025 o chamado “Circuito Paraíba Agronegócio” conta com mais de 60 feiras e exposições. Em 2024, foram 32 eventos, que ao todo receberam em média um milhão de pessoas, e movimentaram aproximadamente R\$ 250 milhões. Neste ano, a expectativa é superar esses números, chegando a um volume de negócios de R\$ 500 milhões, com um público de mais de 1,3 milhão de pessoas em todos os eventos.

O secretário da Sedap-PB, Joaquim Hugo, destaca que em 2019 apenas três eventos receberam apoio do Governo do Estado. “Hoje, já são mais de 60 espalhados por todas as regiões, contemplando desde exposições de animais a festas como a da carne de sol em Picuí ou a do camarão em Itabaiana. Esses eventos geram emprego, movimentam o turismo, estimulam pequenos produtores e funcionam como vitrines para novos produtos. Muitas queijarias, por exemplo, sobrevivem apenas das vendas nesses espaços”, afirma. Ele também comenta que a maior dificuldade do produtor rural paraibano é a comercialização, por isso as feiras e exposições também são essenciais. “Além disso, esses eventos oferecem cursos, capacitações e oportunidades para



O Circuito Paraíba Agronegócio conta com mais de 60 exposições, que atraem milhares de pessoas

negócios, sendo fundamentais para fortalecer o setor e dar visibilidade à agropecuária paraibana”, ressalta.

O presidente da Associação Paraibana de Criadores de Caprinos e Ovinos (Apacco), Júnior Nóbrega, aponta que as feiras e exposições movimentam toda uma cadeia econômica. “Desde a pessoa que vende uma água, um cachorro-quente, a pessoa que tem uma pousada na região, o produtor rural que vende, estimula o turismo também... E o objetivo é esse, que se dê visibilidade ao agronegócio da Paraíba, se fomente oportunidades de negócios às pessoas nas pequenas cidades no mesmo patamar das grandes cidades”, ressalta. Para ele, os eventos são ainda uma oportunidade de interação entre regiões e municípios, além de oferecer capacitações que podem fortalecer a atuação dos produtores. Quanto ao crescimento desse circuito, o presidente da Apacco explica que ele vem aumentando devido à visibilidade.

“O Governo do Estado fomenta isso através de investimentos, estrutura e publicida-

de, e outros parceiros também se somam. A gente percebe que este ano, todas elas [as feiras e exposições] vêm aumentando o seu valor de negócios em relação ao ano passado, em pelo menos 40% do que se girou ano passado”, destaca. Segundo Júnior, a Apacco iniciou essa ideia de organizar um circuito, que se iniciou com quatro eventos, e a iniciativa foi posteriormente abraçada pela gestão estadual. Integrando o Circuito Paraíba Agronegócio, a VI Leite do Vale Expo Negócios acontece em dezembro deste ano na cidade de Itaporanga, no sertão do estado. Em sua última edição, o evento reuniu mais de 10 mil visitantes e contou com a participação de 70 expositores. Mais de 3,5 milhões em negócios foram contabilizados, e a expectativa para 2025 é de crescimento desses números. O gerente da agência regional do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PB) em Itaporanga, Isaac Araújo, conta que a iniciativa é promovida pela instituição junto com outros parceiros, a exemplo do Governo do Estado e da

Prefeitura Municipal. Ele destaca que o momento, além do potencial econômico, também é de aprendizado.

“Esse evento vem fortalecer cada vez mais a agropecuária e o setor turístico do Vale do Piancó. Também trazemos muito conhecimento e tecnologia para que os produtores rurais possam cada vez mais se adaptar à nova realidade do uso de tecnologias sociais, sustentabilidade e melhoria no processo produtivo”, afirma. O consultor do Sebrae-PB na região e um dos organizadores do evento, Alexandre Cortês, relembra que a iniciativa surgiu a partir de um dia de campo, em parceria com a Fazenda Santa Clara, Fazenda Eficiente e o Sebrae-PB. “A cada ano, a gente vem ampliando. Hoje ela [a feira] também foi ampliada para outras culturas, ainda com foco na produção de leite, mas abriga expositores de caprinos, ovinos, suínos e outras atividades econômicas, como tecelagem, setor imobiliário, empresas de tratores e equipamentos. Vem ganhando destaque na região e em outros estados”, destaca.

Municípios voltam a realizar grandes eventos

Com o fortalecimento das feiras e exposições, e as parcerias que se formam para potencializar esses eventos, muitos municípios que tinham deixado de realizar esses momentos voltaram a promovê-los. Esse é o caso de Esperança, no Agreste paraibano. Lá, após quase duas décadas, foi retomada a Exposição Berro do Bode, que aconteceu em setembro deste ano.

O secretário adjunto de Agricultura da cidade, João Paulo Brito, conhecido como João Paulo Passarinho, conta que a cidade era muito forte em culturas como batata inglesa, mandioca e erva doce, o que foi diminuindo com o tempo. “A gente vendo isso, e olhando o cenário de outras cidades de pequeno porte se destacando, sobretudo na produção de leite, de caprinos, tivemos essa vontade de resgatar essa produção. E logicamente que fortalecer os agricultores é levar mais qualidade de vida para eles, e proporcionar uma segurança financeira também”, ressalta. Nesse primeiro evento pós-retomada, poucos produtores locais integraram

o evento, mas João Paulo disse que depois disso muitos já vêm buscando auxílio na prefeitura e estratégias para produzir com qualidade e ter canais de comercialização.

“Já estão buscando a gestão para saber do melhoramento genético dos rebanhos, das matrizes, para fortalecer a caprinovinocultura. Eles viram durante o evento que tem mercado, que pode vender inclusive para a merenda escolar, e estamos orientando eles, indicando os parceiros. Acreditamos que, no próximo evento, a gente vai ter essa produção mais fortalecida, porque o evento vai estimulando também”, aponta ele.

O produtor de bovinos de leite de Itaporanga Francisco de Sales, mais conhecido como Júnior de Moar, que atua desde 2024, diz que passou a participar de feiras e exposições desde 2010, por meio de parceria com o Sebrae-PB. “Hoje a Leite do Vale Exponegócios acontece aqui na minha propriedade. E isso vai agregando mais conhecimento para o produtor. Têm as parcerias com a Sedap, Senar, Sebrae, prefeituras...

tudo isso vai fortalecendo a cadeia produtiva aqui no Vale do Piancó”, aponta.

O produtor ressalta ainda que, para o homem do campo, é difícil ausentar-se de suas propriedades para viajar em busca de conhecer outras experiências mais distantes e adquirir novos conhecimentos, por isso as feiras e exposições são essenciais. “A gente traz isso para perto dos produtores, isso vem até ele. E foi através dessas feiras também que foi abrindo mais os mercados. As feiras trazem essas empresas para mais perto do produtor, porque uma dificuldade grande que existe ainda é a comercialização”, destaca.

Nesses espaços também há lugar para o artesanato. A professora e artesã Dalila Gomes, do Ateliê Artesania, conta que faz artesanato desde criança, junto com a família, como uma ferramenta lúdica, e depois começou a enxergar isso como um negócio. Natural da Bahia, hoje ela trabalha com acessórios e bijuterias em macramê, que prefere chamar de adereços decorativos, e mantém uma loja física em Monteiro, no Ca-

riri do estado, onde reside. As feiras e exposições expandiram sua clientela e também potencializaram o faturamento. “É muito rentável. O aumento de vendas, nos meses em que participo dos eventos, é de cerca de 60% em relação a um mês em que eu não vou. Atualmente, muita gente que me conhece em outras feiras já fala comigo, encomenda peças, me espera em outras feiras do gênero para comprar os produtos”, afirma.

O circuito das feiras e exposições ainda conta momentos de formação e diálogo, como palestras, minicursos e o Encontro de Mulheres do Agro, pautando a atuação das mulheres nesse setor. Há ainda concursos de animais, mostra de máquinas, veículos e implementos agrícolas. Outros produtos que ganham destaque ainda são os laticínios, como queijos de cabra, cachaças, mel, doces e peças em couro. Toda uma cadeia produtiva se fortalece, impulsionando ainda os setores de restaurantes, bares, lanchonetes, hotelaria e transportes. Atrações culturais também são presença marcante nesses espaços.

Eduardo
Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A última barreira

Na geometria íntima do corpo feminino, erguia-se uma fortaleza inexpugnável, o Castelo de Cobre. As suas muralhas, torres sinuosas, não foram feitas para abrigar reis, mas para negar a vida, para ser o último e mais desesperado bastião contra a criação. O castelo, senhor da guerra impassível, e a sua única missão era guardar o Cálice Sagrado que repousava adormecido e puro, nos aposentos mais profundos do reino.

A guerra era eterna, um conflito silencioso e cíclico travado no útero escarlate. E, tal como os Trezentos de Leônidas em Termópilas, o Castelo de Cobre defendia um desfiladeiro. Não era uma passagem rochosa entre montanhas, mas o canal, uma porta estreita e mucilaginosa que levava às câmaras internas onde o Cálice aguardava.

O exército invasor era uma horda incontável, branca e frenética. Uma legião de hoplitas microscópicos. Cada um, um soldado com uma única missão: cravar a sua lança da vida no Cálice Sagrado e despertar o milagre. Moviam-se como um rio branco e turvo, impulsionados por uma força primordial, seus flagelos batendo num ritmo de guerra antiga. Seu rei, o comando central, estava na carga genética que cada um carregava no núcleo de suas cabeças.

A batalha começava sempre da mesma forma. A horda, milhões de guerreiros, se arremessava contra as muralhas externas. O Castelo de Cobre, porém, não era um inimigo passivo. Ele era a própria paisagem hostil.

A primeira linha de defesa era um campo minado químico. Das paredes de cobre do castelo, emanava uma seiva tóxica e invisível, um “fogo grego” biológico que paralisava e envenenava os soldados mais impetuosos. Muitos sucumbiam ali mesmo, nadando em um mar que os queimava lentamente, seu vigor se dissipando antes mesmo de avistarem o portão principal.

Os mais fortes, os mais resilientes, alcançavam o desfiladeiro: o canal. Aqui, a estratégia do castelo se assemelhava à dos espartanos. O canal era a Passagem Quente, estreita e facilmente defendida. O muco, normalmente uma porta aberta, era agora espesso e hostil, como uma falange de escudos empilhados. Os guerreiros tinham de se debater, furiosos, contra essa barreira gelatinosa, que prendia os mais fracos como em areia movediça.

O castelo, porém, tinha mais um general à sua disposição: a inflamação estéril. A presença constante do cobre mantinha as paredes do castelo em um estado de alerta permanente, como se uma guarnição de sentinelas estivesse sempre patrulhando, tornando o ambiente inóspito para qualquer tentativa de implantação, caso algum inimigo miraculosamente ultrapassasse todas as defesas.

E, às vezes, um herói surgia. Um guerreiro, mais ágil, mais resistente ao veneno, conseguia furar a falange de muco e penetrar no canal. Era o equivalente ao Efiltes, o traidor que mostrou o caminho secreto, mas neste caso a traição era a própria perfeição biológica. Esse único guerreiro, uma lança viva, atravessava o desfiladeiro e se via no vasto salão do útero. A vitória parecia próxima. O Cálice Sagrado, o Óvulo, brilhava ao fundo como um tesouro inestimável.

Mas o Castelo de Cobre tinha uma última e cruel artimanha. Mesmo para aquele herói solitário, o ambiente era traiçoeiro. As paredes, graças à inflamação controlada, não ofereciam abrigo. A jornada era longa e o tempo, curto. Muitos desses heróis anônimos pereciam à vista do prêmio, exaustos, envenenados pelo ambiente hostil, sem jamais tocar o Cálice.

A batalha, portanto, não era um evento épico com golpes de espada e gritos, mas um silencioso e implacável cerco bioquímico. Era a guerra da obstrução, do veneno sutil, do ambiente inóspito. O exército de espermatozoides, por mais numeroso e motivado que fosse, esbarrava na fria e calculista estratégia do castelo.

O Cálice Sagrado permanecia intocado, seu segredo guardado a sete chaves. O milagre da vida era, nesta fortaleza, o inimigo a ser derrotado. E, no fim de cada batalha, quando a última investida se dissipava em derrota, o Castelo de Cobre permanecia em seu posto, uma sentinela de metal e reação, vigiando o desfiladeiro íntimo, assegurando que, naquela guerra particular, a porta para a criação permanecesse firmemente fechada. A vida era o prêmio, mas a sua negação era a vitória.

Colunista colaborador

DIA DA CRIANÇA

Arte de brincar: o ontem e o hoje

Do real ao digital, pequenos filósofos mostram que a infância ainda cabe na imaginação, na curiosidade e no riso

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

“Dá para brincar quando for adulto? — pergunta Pedro Augusto, no alto dos seus cinco anos, franzindo a testa. “Porque, se der, eu quero ser um brinquedo quando crescer, para brincar o tempo todo!”. Maria Alice, a mais atenta, foi a primeira a cair na gargalhada, ao perceber que seu amigo Pepeu (como costuma ser chamado) tinha cometido um “equivoco”, segundo suas próprias palavras. “É brincar, não é brinquedo”, alertou, enquanto concluía, muito séria: “Adulto só trabalha. Criança pode correr, brincar e cuidar dos bichinhos. Eu tenho um peixe, a Rainha, e um hamster, o Marshmallow. Eu cuido deles”.

Ao lado, Bernardo, no auge de seus seis anos, interrompe a conversa com uma ideia que o faz abrir um sorriso largo: “Eu já sei! Quando eu for adulto, vou trabalhar com carros de corrida. Assim, posso brincar de dirigir e trabalhar ao mesmo tempo!”. Jorge, também com seis anos, não perde tempo: “Eu quero ser adulto para ter um celular só meu e não ter que esperar minha mãe me deixar jogar! Vou desenhar muitos jogos e jogar o dia inteiro!”.

Entre risadas e ideias que brotam espontaneamente, as falas dos pequenos filósofos revelam muito mais do que inocência. Mostram um olhar próprio sobre o tempo em que

vivem. Um tempo em que a infância já não cabe só no quintal. Com a naturalidade de quem ainda vive o agora, eles sabem, vivem e sentem que ser criança, em 2025, é viver entre dois mundos ao mesmo tempo: o real e o digital. São meninos e meninas que crescem com *tablets* e *videogames*, mas que ainda correm, sonham e inventam brincadeiras com o que têm por perto.

Segundo a psicóloga Júlia Tavares, o brincar é mais do que diversão — é linguagem e aprendizado. “A infância, hoje, tem mais informações e estímulos do que nunca, mas menos tempo para o que é essencial: o vínculo, o toque, o afeto. Brincar é a forma natural de a criança organizar o mundo interno, elaborar frustrações, desenvolver criatividade. Quando a tela ocupa esse espaço, o brincar vira observação — e não experiência”.

Júlia ressalta, entretanto, que a tecnologia não é apenas uma vilã; ela pode ampliar o conhecimento, desde que seja usada com equilíbrio. “A tecnologia pode estar presente, ela veio para ficar. O problema é o uso precoce, sem mediação. Quando a criança passa horas diante da tela, ela parece calma, mas o cérebro está hiperestimulado. E isso reduz a atenção, o sono, o contato humano. O brincar livre é essencial — é nele que a criança organiza o mundo interno e aprende a lidar com as frustrações”, ressalta a profissional.



Fotos: Leonardo Ariel

Pepeu, Bernardo, Jorge e Maria Alice aproveitam a escola para se divertir: correndo, pulando e jogando, dão vazão à liberdade e à alegria de ser criança

Para a coordenadora pedagógica da escola onde o quarteto estuda, Isabel Soares, o desafio da infância contemporânea é justamente estabelecer esse equilíbrio entre a tecnologia e o mundo real e colorido das crianças. “Quando uma criança está na tela, ela está olhando, mas não está vendo. No mundo real, ela enxerga, transforma, imagina. Um pedacinho de pau vira uma varinha. Uma garrafinha vira um carrinho. A escola tem que garantir esse espaço de imagina-

ção e curiosidade”.

Por isso que, na escola dos pequenos grandes notáveis, localizada no bairro Pedro Gondim, em João Pessoa, as professoras fazem questão de manter viva a experiência real. Rebeca Cavalcante, educadora infantil — e maestra de Pepeu, Alice, Jorge e Bernardo —, diz que sem as telas, o comportamento fica mais espontâneo, a imaginação floresce. “Ser criança é criar, é transformar. Mas a rotina e o medo de deixar as crianças brincarem



na rua vão limitando isso. A gente precisa se esforçar para manter viva essa parte mágica da infância”.

E, antes que a “Tia Rebeca” pudesse finalizar o pensamento, Pepeu precisou interromper a conversa com um pedido urgente: “tia, quero fa-

zer xixi, quero fazer xixi, quero fazer xixi”. E, nesse instante, ficou evidente que — entre o videogame e o parquinho, entre a rua e a tela — a infância ainda cabe inteirinha na inocência de quem protagoniza a construção do seu próprio mundo.

Crescer conectado sem perder o encantamento

Para a jornalista Ceres Leão, mãe de Kayla, 13 anos, a infância mudou de cenário, ritmo e sentido. “Não se fazem mais brincadeiras como antigamente”, diz, com a nostalgia de quem cresceu em um tempo no qual a rua era parque, o quintal virava floresta e a imaginação, o maior dos brinquedos. Na lembrança, estão os dias de bola, elástico e esconde-esconde, sem precisar de muito além da criatividade e da companhia dos amigos. “O som das garga-

lhadas competia com o barulho da bola quicando no chão. A infância tornou-se digital demais: as brincadeiras, as amizades e até as descobertas acontecem nas telas. As crianças estão mais conectadas, mas, paradoxalmente, mais isoladas”.

Ceres observa, com preocupação, o desaparecimento do convívio entre vizinhos e a solidão infantil dentro dos próprios lares. “Muitos pais não estão ausentes por falta de amor, mas por falta de tempo. A roti-

na exaustiva e o cansaço reduzem a convivência. E as crianças acabam buscando nas redes sociais o acolhimento que não encontram nas conversas”. Mãe atenta e presente, ela reconhece os benefícios da tecnologia, mas defende vigilância e diálogo constantes. “Já presenciei situações perigosas nas redes. Conversei com Kayla sobre respeito, limites e proteção. Vigilância e diálogo caminham juntos. Ser mãe hoje é estar atenta a um mundo cheio de possibilidades, mas também de armadilhas sutis”.

Apesar das ressalvas, Ceres acredita que o futuro pode reencontrar o equilíbrio. “A tecnologia é um presente quando usada com propósito. A escola precisa unir inovação e humanidade, formar crianças empáticas e criativas, não apenas competentes.” Para ela, educar é “ajudar cada criança a descobrir quem é, o que sente e o que pode construir”.

Kayla, por sua vez, vive uma infância bem diferente daquela vivenciada pela mãe — e reconhece o privilégio. “Minha mãe me deu tudo o que ela não teve. Tenho uma vida mais confortável e sou muito grata a ela por me proporcionar isso. Eu gostaria que a minha mãe soubesse o quanto quero que ela viva comigo a infância que não pôde viver. Que a gente brinque, viaje, ria muito”, destaca. Aos 13 anos, divide o tempo entre os estudos, o inglês e

as aulas de dança de *k-pop*. Gosta de ler, de cantar e de brincar com jogos de simulação no celular, em que finge ser médica ou professora. “Gosto de tecnologia, mas, às vezes, cansa. Fico sem ter o que fazer, já li todos os livros que tenho e os jogos ficam repetitivos”, confessa, com o sorriso sincero e leve.

O futuro, para ela, tem várias possibilidades: pediatria, biologia ou até arquitetura. “Gosto de cuidar de crianças, mas também adoro Ciências. Tenho muitos planos”, explica. Em suas palavras, há leveza e curiosidade — traços que, para Ceres, simbolizam o melhor dessa nova geração. “As crianças de hoje são questionadoras, sensíveis e conscientes. Elas falam de diversidade, meio ambiente e empatia com uma maturidade que inspira. Quero que minha filha cresça com fé, equilíbrio e sabedoria para transformar o mundo, sem perder a doçura de ser criança”.



Mãe, Ceres Leão acompanha, com cautela, as transformações pelas quais a sociabilidade infantil tem passado

Tripé da infância feliz: família, escola e afeto

Para a psicóloga Júlia Tavares, uma infância saudável nasce do equilíbrio entre três pilares: família, escola e tempo livre. “Não se trata de estar presente o tempo todo, mas de estar presente de forma afetiva e disponível”, explica. “É desligar o celular, olhar nos olhos, brincar junto. Pequenos gestos criam vínculos seguros, base da saúde emocional das crianças”.

Júlia lembra que o excesso de telas não é apenas uma questão de tempo de exposição, mas de qualidade da presença. “A tecnologia pode estar presente, ela veio para ficar. O problema é o uso precoce, sem mediação”.

Na escola, Rebeca Cavalcante reforça a importância dessa parceria: “Quando família e escola caminham juntas, a criança se sente segura para explorar, criar, errar. O brincar vira linguagem de

aprendizado. Aqui, tentamos garantir experiências reais, com corpo, toque e imaginação. Porque é assim que a criança sente que o mundo é dela”.

A psicóloga complementa: “Cuidar de si também é cuidar do vínculo com os filhos. Um adulto exausto tem menos paciência e menos presença. Então, o equilíbrio começa pelo exemplo. Quando os pais aprendem a desacelerar, a criança também aprende a viver o tempo da infância — o tempo do agora”.

No fim, ser criança hoje é um convite ao equilíbrio: brincar, aprender e conectar-se, sem perder o encantamento com o mundo. Entre risadas, gritos, pulos e algumas conferidas no relógio digital, Alice, Pepeu, Jorge, Bernardo e Kayla lembram que crescer não é pressa, é caminho.

Ser criança é...

“Brincar de corrida e jogar boliche com o papai” — Bernardo
“Não ser mais bebê e cuidar dos dentes de Marshmallow” — Maria Alice
“Fazer fogueira na praia e brincar com minha mãe” — Pedro
“Arranjar o que brincar enquanto minha mãe não me deixa usar o celular” — Jorge



Kayla, de 13 anos, confessa que o celular cansa às vezes

ALIMENTAÇÃO

Transgênicos não são consenso

Senado analisa projeto que propõe retirar o símbolo informativo dos produtos geneticamente modificados

Maria Beatriz Oliveira
Obeatriz394@gmail.com

O Brasil é o segundo maior produtor de alimentos transgênicos do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. As principais culturas geneticamente modificadas no país são a soja, o milho e o algodão. Desde o início dos anos 2000, os transgênicos tornaram-se cada vez mais comuns nas prateleiras dos supermercados, especialmente de forma indireta, em produtos processados ou derivados. Ainda assim, esses alimentos continuam gerando desconfiança entre muitos consumidores, que têm demonstrado uma preferência crescente por versões orgânicas.

Os alimentos transgênicos, no Brasil, são identificados por um símbolo amarelo em forma de triângulo, com a letra “T” no centro, estampado nas embalagens. A exigência foi estabelecida e regulamentada pelo Decreto nº 4.680, de 24 de abril de 2003 e especificada pela portaria nº 2.658, de 22 de dezembro de 2003, do Ministério da Justiça. Essas legislações determinaram a obrigatoriedade do selo em produtos que contenham, em sua composição, pelo menos 1% de organismos geneticamente modificados (OGMs).

Atualmente, o Senado Federal, no entanto, analisa o Projeto de Lei Complementar nº 34 de 2025, que propõe a retirada do triângulo amare-



Imagem que informa à população sobre os produtos de origem transgênica foi exigida a partir de uma portaria de 2003

lo das embalagens. De acordo com os defensores da medida, o símbolo pode gerar interpretações equivocadas entre os consumidores, reforçando um estigma negativo sobre os transgênicos. O argumento, daqueles que defendem a proposta, é que retirar o símbolo tornará a rotulagem menos alarmista, no entanto, o aspecto da desinformação ou omissão a respeito do que está sendo consumido pela população não é levado em conta.

Para o engenheiro de alimentos e pesquisador José Lázaro da Silva, o receio dos consumidores em relação aos organismos geneticamente modificados (OGM) está diretamente ligado à falta de uma divulgação científica acessível. “O grande problema dos transgênicos, a meu ver, é o que chamamos de torre de marfim. O cientista desenvolve algo inovador dentro do laboratório, mas esse conhecimento não chega de forma

clara à sociedade. Por isso, os transgênicos acabam assustando, assim como acontece com a inteligência artificial, ou até mesmo com as vacinas. Tudo que é novo tende a gerar desconfiança. Há muita desinformação e até terrorismo em torno dos transgênicos, como a ideia de que provocariam câncer ou destruiriam a natureza, mas não é bem assim. Como toda tecnologia, existem aspectos positivos e negativos”, esclareceu.

O pesquisador defende que, caso o processo de produção dos organismos geneticamente modificados fosse mais bem explicado à população, muitos entenderiam que a transgenia já ocorre na própria natureza — e que os cientistas apenas reproduziram esse mecanismo em laboratório. “Existe um micro-organismo chamado *Agrobacterium*, capaz de inserir seu gene em plantas, fazendo com que cresçam

■ **Engenheiro de alimentos entende que o receio da população está diretamente ligado à falta de divulgação científica**

Especialista defende avanços genéticos, mas alerta para riscos

Embora enxergue nos transgênicos uma alternativa essencial para o futuro da alimentação mundial — diante das mudanças climáticas, do estresse hídrico e da intensificação dos desastres ambientais —, José Lázaro ressalta que ainda há espaço para avanços na produção de organismos geneticamente modificados.

“Não posso negar que existem pontos negativos. Do lado humano, por exemplo, a agricultura familiar, muitas vezes, não tem acesso às sementes modificadas e acaba ficando para trás nesse modelo de produção voltado ao mercado. Outro problema é que, embora as plantas transgênicas sejam resistentes a pragas, os organismos também evoluem, criando as chamadas superpragas, o que leva ao aumento do uso de agrotóxicos, com impactos negativos para o solo e para a saúde. Felizmente, a ciência está em constante evolução. Um exemplo é o CRISPR, tecnologia premiada com o Nobel de Química em 2020, desenvolvida por duas pesquisadoras. Diferente da transgenia tradicional, que insere genes de outros organismos, o CRISPR permite editar e potencializar características já existentes na própria planta. Isso mostra que estamos sempre avançando nessa área”, destacou.

Para a nutricionista Araci Sabino, o consumo de

produtos transgênicos também pode trazer impactos à saúde, especialmente no desenvolvimento de intolerâncias alimentares. “Para crianças, que estão em fase de formação alimentar, e para idosos, uma dieta baseada em orgânicos é muito mais saudável. Eu não sei até que ponto doenças como alergias alimentares, por exemplo, podem estar ligadas ao consumo excessivo de OGMs. Muitas vezes, nem temos conhecimento de que determinado alimento é transgênico. A soja é um bom exemplo: hoje ela está presente em quase tudo e a produzida no Brasil é praticamente 100% transgênica. Assim, mesmo que você não compre a soja diretamente, acaba consumindo-a em outros produtos”, explicou.

Além disso, o especialista ressalta que os produtos orgânicos ainda enfrentam duas barreiras importantes: o preço elevado e a dificuldade de acesso nos supermercados. Um exemplo é o cuscuz, item básico na mesa do brasileiro, que em alguns estabele-

cimentos de Campina Grande chegou a custar até 215% mais caro quando trazia na embalagem o selo de “livre de transgênicos”.



A agricultura familiar, muitas vezes, não tem acesso às sementes modificadas e acaba ficando para trás

José Lázaro da Silva

Famílias buscam alternativas naturais para reduzir o consumo

O casal Cícero e Ellen Rodrigues sempre buscou manter uma alimentação saudável, mas a chegada do filho Pietro, de sete anos, alérgico à proteína do leite, intensificou ainda mais essa preocupação. Desde então, a família tem priorizado alimentos orgânicos e livres de organismos geneticamente modificados.

“Nós percebemos que os transgênicos chegaram a um nível exagerado. O trigo, por exemplo, um alimento milenar, já passou por mais de 40 modificações e hoje é considerado, por muitos médicos, inflamatório. Até a planta mudou: antes, uma plantação de trigo chegava a dois metros de altura; hoje, são muito menores. Chega ao

ponto em que você nem sabe mais o que está consumindo”, comentou Ellen.

No início, ao substituírem alguns produtos, o casal percebeu um aumento no valor da feira. A solução foi apostar em alimentos mais naturais, em vez de optar pelas versões orgânicas dos itens que já consumiam. “Se você for comprar um macarrão não-transgênico, realmente será mais caro, mas se substituir a massa por macaxeira, inhame ou batata-doce, por exemplo, o custo fica igual ou até menor”, explica Cícero.

Para reduzir os custos e garantir a procedência dos produtos, o casal compra diretamente de produtores rurais, que entregam a feira

em casa. Além disso, alguns itens orgânicos, como azeite, aveia e leite de coco, são adquiridos *on-line* em grande quantidade, o que permite economia significativa. “Se comprássemos em supermercados locais, seria 10 vezes mais caro; em lojas de produtos naturais, os preços são ainda maiores, e por serem vendidos a granel nem sempre dá para ter certeza da qualidade”, acrescentam.

Para Pietro, os pais priorizam alimentos preparados em casa, algo que ele já está acostumado e até prefere em relação aos industrializados. “Biscoito, bolo, pão, panqueca são as coisas que mais gosto”, contou o menino, sobre as receitas favoritas da mãe.



Ellen e Cícero Rodrigues intensificaram a alimentação orgânica após a chegada de Pietro

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Marcas ficam para além do parto

Processos desnecessários e condutas inadequadas podem afetar mulheres antes, durante e após o nascimento do bebê

Emerson da Cunha
emerson.auriao@gmail.com

A enfermeira obstetra e doula Thayana Jovino esperava ter um parto domiciliar humanizado. Havia preparado tudo desde o pré-natal. No dia do nascimento de Enzo Samuel, ela passou cerca de 24 horas entre contrações, até perceber que não poderia realizar o procedimento em casa. Thayana seguiu direto para o hospital, mas o que seria um momento fundamental da maternidade tornou-se um pesadelo. De início, o pai foi impedido de entrar na maternidade e precisou chamar a polícia para garantir seu direito, previsto em lei, como acompanhante. Além disso, como a criança não conseguia atravessar a pelve, a opção foi a cirurgia cesariana. Começou, então, a série de violências psicológicas.

“Fizeram terrorismo pelo fato de eu querer ter meu filho em casa. Quando me abriram, ele tinha feito cocô, mas estava bem; porém, a médica começou a dizer que ele iria para a UTI. Minha gestação tinha se prolongado, com mais de 42 semanas. Aí, ela chamou o pai, dizendo que era absurdo. A pediatra colaborou, disse que, talvez, o bebê ficasse com seqüela neurológica. Eu não queria procedimentos nele e ela fez, sem minha autorização”. No fim, Thayana ficou exposta, porque vários profissionais aproximaram-se, querendo ver a doula que havia tentado um parto em casa sem conseguir. “Muitas pessoas questionaram minhas escolhas. Foi uma experiência bem frustrante, deixou muitas marcas. Passei muitos anos para conseguir falar sobre a minha experiência de parto”.

O que houve com Thayana tem nome: violência obstétrica. Trata-se de qualquer ato de desrespeito, abuso ou negligência de tratamento durante o ciclo gravídico-puerperal — ou seja, pré-natal, parto e pós-parto —, conforme explica a obstetra Erika Ribeiro. A violência pode ser física, quando, por exemplo, são feitos procedimentos desne-

cessários ou não informados; verbal, quando é conversado com a pessoa grávida de forma desrespeitosa; psicológica, quando acontece uma comunicação que gera medo ou sensação de vulnerabilidade; e institucional, quando, por exemplo, a mulher peregrina pelas maternidades por vaga ou não há rede adequada para acolhê-la no parto ou no pré-natal.

Os exemplos não faltam, conta Erika. “A ocitocina, hormônio sintético para ritmar as contrações, pode ser oferecida, se a gestante precisar, mas a gente não pode usar sem autorização. Uma cesariana sem indicação, uma episiotomia — o corte na vulva, com objetivo de aumentar o espaço para a passagem do bebê —, comentários ofensivos ou agressivos. Às vezes, não se permite acompanhante ou a livre movimentação da mulher durante o trabalho de parto. Tudo isso pode se configurar como uma vio-

lência obstétrica”, cita. Para prevenir esses casos, é necessário buscar informação, como em grupos de apoio de gestantes. “Saber disso ajuda na identificação e na inibição dessas violências”.

Uma em cada quatro mulheres declarou ter sofrido algum tipo de violência antes, durante ou no pós-parto, segundo a pesquisa de opinião pública “Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado”, da Fundação Perseu Abramo e do Sesc, do ano de 2010. Entre os atos dos quais as mulheres foram vítimas, estão exame de toque de forma dolorosa, negação de alívio para dor, gritos, não informação sobre os procedimentos realizados, negação de atendimento, xingamentos, humilhações, empurrões, agressão física e assédio sexual. Outra pesquisa que surpreende é a “Nascer no Brasil”, da Fiocruz, que, de um grupo de 24 mil mulheres, entrevistadas de 2011 a 2012,

Fotos ou vídeos ajudam a compor denúncia

Para quem tenha passado por algum episódio de violência obstétrica, a advogada de Direito da Família Danielle Alves alerta que é preciso reunir provas materiais para entrar com algum tipo de ação, seja contra as instituições ou a equipe médica. “A gestante pode solicitar que conste, no prontuário hospitalar, qualquer queixa, intercorrência, procedimento, consentimento ou recusa. Posteriormente, pode fazer o Boletim de Ocorrência, informando o abuso ou a violação praticada. Podem servir também registros em áudios, vídeos, fotos — o próprio acompanhante pode fazer isso. Depois, ela pode passar por uma perícia que ateste lesões constatadas, físicas ou psicológicas, decorrentes do

procedimento”, esclarece a jurista.

De início, contudo, as denúncias devem ser encaminhadas às ouvidorias dos próprios hospitais, para que eles tomem conhecimento e abram inquéritos internos. As vítimas também podem buscar os serviços da Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB), caso correspondam ao perfil social e de renda para atendimento, ou junto aos Centros de Referência de Assistência Social (Creas). O Ministério Público do estado (MPPB) é outro aliado, podendo ser acionado tanto por meio das promotorias da Saúde, para casos que envolvam o SUS, como mediante as promotorias do Consumidor, caso se refiram a maternidades ou hospitais privados.

“**A gestante pode solicitar que conste, no prontuário hospitalar, qualquer queixa, intercorrência, consentimento ou recusa**

Danielle Alves



Foto: Carlos Rodrigo

Thayana é enfermeira obstetra e doula e, apesar dos cuidados que busca garantir aos pacientes, ela mesma viveu um pesadelo no dia em que deu à luz seu filho, Enzo Samuel, de sete anos



Foto: Thayana Jovino/Arquivo pessoal

apontou um percentual de 45% que haviam sofrido violência obstétrica no Sistema Único de Saúde (SUS) e outras 30% que haviam sido alvo em atendimentos nos hospitais privados.

Legislação

Leis federais e estaduais garantem o acesso digno a um parto de qualidade e de respeito às gestantes. No nível federal, as pessoas grávidas são protegidas pelo Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento, ins-

tituído pelo Ministério da Saúde (MS), pela Portaria nº 569/2000. Há o Pacto Nacional pela Redução da Mortalidade Materna e Neonatal, também do MS, de 2004. A Lei nº 11.108/2005, por sua vez, garante às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, o parto e o pós-parto imediato, enquanto a Lei nº 10.778/2003 torna compulsória a notificação de casos de violência contra a mulher atendida em serviços de saúde de públicos ou privados.

Na Paraíba, a Lei nº 9.602/2011 exige que hospitais e maternidades fixem cartazes informando o direito à presença de acompanhante, enquanto a Lei nº 11.412/2019 dispõe sobre a garantia de atendimento humanizado à gestante, à parturiente e à mulher em situação de aborto no estado. Há, ainda, leis municipais que garantem a presença e o acompanhamento das doulas, como a Lei nº 13.080/2015, em João Pessoa, e a Lei nº 6.302/2015, em Campina Grande.

Modalidade humanizada propõe mais autonomia

Uma das saídas contra a violência obstétrica vem por meio do parto humanizado. Como explica a doula e educadora perinatal Aline Martinells, que atua na Associação de Doulas da Paraíba, essa não se trata de uma modalidade de parto, mas de uma perspectiva de atendimento e de assistência, considerando o protagonismo da pessoa gestante — com respeito à sua fisiologia e com acesso à informação de qualidade, que possibilite autonomia no processo de escolha. “O parto humanizado é uma perspectiva de atendimento respeitosa a quem está parindo e a quem está nascendo”.

Entre as ferramentas para garantir esse protagonismo da paciente grávida,

está o Plano de Parto, um registro de vontade antecipada em que a mulher, com sua rede de apoio, relata suas vontades e desejos para que possa parir em um ambiente que avalie como respeitoso e de qualidade para ela e seu bebê. “O Plano de Parto possibilita que a mulher acesse a busca por informação de qualidade, que possibilite escolhas respeitadas à sua fisiologia e ao seu entendimento da experiência de parto, que tem muitas camadas. Para além de processo fisiológico, existem perspectivas e entendimentos baseados em outras culturas e em outras referências sobre o que significa esse portal da travessia do parto”, observa Aline.

RAÍZES DO BREJO

Lagoa de Dentro abre rota cultural

A partir desta semana, circuito itinerante percorrerá 10 cidades, valorizando o turismo e a identidade da região

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

A sétima edição da Rota Cultural Raízes do Brejo inicia a sua programação na cidade de Lagoa de Dentro, na próxima quinta-feira (16), com o lema “Um caminho de identidade, cultura e emoção”. O festival itinerante, realizado pelo Fórum de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FTSBP) e lançado em Guarabira, no fim do mês passado, percorrerá 10 municípios da região, sendo considerado um evento de grande importância para a valorização do turismo e da cultura paraibana.

Conhecida pela Lagoa Francisco Soares e pelas atividades de turismo religioso, Lagoa de Dentro fica a 100 km de João Pessoa. “São 10 municípios que fazem parte [da rota], e a gente tem essa responsabilidade de realizar uma abertura à altura, para recepcionar visitantes de todas as cidades”, declarou o prefeito de Lagoa de Dentro, Camaf Douglas Moreira, sobre a expectativa para a inauguração do circuito, que seguirá no município até o



Foto: Arquivo pessoal

Vamos entregar segurança e qualidade em todos os aspectos da programação, incluindo as oficinas, as trilhas e os shows musicais

Elias Júnior

próximo domingo (19). Durante os dias do festival — que contarão com muito forró, tradição e atividades de valorização da cultura nor-



Foto: Divulgação/Prefeitura de Lagoa de Dentro

De acordo com o prefeito Camaf Moreira, a maior parte das atrações será realizada na orla da Lagoa Francisco Soares

destina —, a expectativa é que cerca de 10 mil pessoas visitem a cidade. “É um público advindo de municípios, vizinhos, circunvizinhos e de estados próximos também. O Raízes do Brejo é um evento consolidado, conta com uma grande participação de turistas, por isso temos a melhor expectativa, em termos de pú-

blico”, comentou o secretário adjunto de Cultura, Esporte e Turismo de Lagoa de Dentro, Elias Júnior. A população lagoense de dentro, que soma cerca de 7.800 pessoas, está ativamente envolvida nos preparativos da festividade. “É uma característica da gestão ouvir a população. Então nós escutamos,

eles deram dicas sobre a programação cultural e nós agregamos na agenda”, pontuou o secretário. De acordo com o prefeito, os comerciantes locais, proprietários de pousadas, produtores rurais e profissionais que trabalham nas áreas de gastronomia e artesanato poderão apresentar, na ocasião, as belezas e potencia-

lidades que a cidade possui. Conforme explicou Elias Júnior, a grade de atrações foi, de fato, pensada e trabalhada para o público. “Vamos entregar segurança e qualidade em todos os aspectos da programação, incluindo as oficinas, as trilhas e os shows musicais. Convido todos a participarem”, finalizou.

Atividades variadas prometem destacar os potenciais locais

Com uma agenda diversificada, que vai desde apresentações culturais até uma cavalgada, Lagoa de Dentro estará em evidência na região, durante esta semana, quando seus visitantes poderão conhecer produtos de grande importância. A abertura oficial da Rota Cultural Raízes do Brejo está prevista para começar às 19h30 da quinta-feira (16), na orla da Lagoa Francisco Soares. A maioria das atividades da agenda, a propósito, ocorrerá nesse ponto turístico do município, de acordo com o prefeito Camaf Douglas Moreira. Na sexta-feira (17), as ações começam cedo. Às 8h, o público participante poderá conhecer os atrativos do turismo de aventura oferecido na região, com a realização de uma trilha ecológica e o plantio de mudas. Já à tarde, será promovida uma oficina de circo. Durante a noite, a partir das 22h, a banda União Forrozeira, a dupla cearense Cláudio Ney e Juliana e o cantor Gerson Thor anima-

rão a festa. Para começar o fim de semana, às 8h do sábado (18), acontecerá uma oficina de fotografia com o tema “Nossas Raízes, Nossas Belezas”. O destaque do fim da tarde ficará por conta dos idosos do grupo De Bem com a Vida, do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), gerido pela Secretaria de Assistência Social do município. A feira multicultur de artesanato e gastronomia, por sua vez, abrirá às 19h, na orla da Lagoa. Em seguida, estão programados os shows musicais do cantor Pedro Carpelli e de Gilzin Presição, o Rei do Piseiro. O último dia da rota em Lagoa de Dentro será marcado pela tradicional cavalgada Raminho Vaqueiro, com início às 8h do domingo (19). A agenda terá seu encerramento no período da tarde, com a Festa das Crianças do município. **Economia** A Rota Cultural Raízes do Brejo pretende movimentar

a economia da região, ressaltando a cultura, a história e as riquezas de cada localidade participante, mediante atividades envolvendo música, teatro, dança, artesanato, gastronomia, ecologia e religião. De 16 de outubro a 28 de dezembro, o festival percorrerá 10 municípios. A edição deste ano conta com o apoio e o patrocínio do Governo da Paraíba, do Banco do Nordeste (BNB) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB). Na avaliação do presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ferdinando Lucena, “a Rota Cultural Raízes do Brejo é um exemplo de como o turismo cultural pode transformar realidades, movimentando a economia local, atraindo visitantes e valorizando as tradições que formam nossa identidade. O apoio do Governo do Estado tem sido fundamental para consolidar esse projeto e promover a Paraíba como um destino diverso, autêntico e acolhedor”.

Fé, gastronomia e artesanato expõem tradições e costumes

Quem estiver de passagem por Lagoa de Dentro durante o circuito itinerante, pode aproveitar a estadia para conhecer atrativos locais, como a Igreja de São Sebastião, localizada no Centro da cidade. A procissão de São Sebastião está intimamente ligada com a história do município, que era, antigamente, ponto de parada de viajantes e comerciantes que vinham de Guarabira. Antônio Fernandes, que já residia na localidade, fez a doação de um lote de terras para a construção de uma capela em homenagem ao santo. Atualmente, o evento religioso integra a Festa de São Sebastião, que acontece todos os anos, em janeiro. Já para aqueles que apreciam o contato com o meio ambiente, Lagoa de Dentro dispõe de trilhas ecológicas, com percursos que proporcionam aos visitantes conferir as belezas naturais da região, bem como seus aspectos históricos. A culinária também é um atributo de destaque da cidade, com comidas regionais e doces artesanais, que podem ser encontrados em estabelecimentos como a Doceria Dona Lili. Além disso, como forma de incentivar o turismo e a geração de renda das famílias locais, foi criada a Feirart, feira na qual as pessoas comercializam obras de arte, artesanato e plantas, além de poder assistir a performances musicais. A Casa da Cultura é outro ponto importante, onde os turistas podem conhecer mais detalhes sobre as origens do município, por meio de exposições permanentes que representam a memória da cidade.

Programação

- Confira o calendário e a lista completa dos municípios que fazem parte da Rota Cultural Raízes do Brejo de 2025:**
- **Lagoa de Dentro:** de 16 a 19 de outubro;
 - **Alagoinha:** de 24 a 26 de outubro;
 - **Serra da Raiz:** de 7 a 9 de novembro;
 - **Dona Inês:** de 14 a 16 de novembro;
 - **Juarez Távora:** de 21 a 23 de novembro;
 - **Guarabira:** de 28 a 30 de novembro;
 - **Pirpirituba:** de 5 a 7 de dezembro;
 - **Belém:** de 12 a 14 de dezembro;
 - **Duas Estradas:** de 19 a 21 de dezembro;
 - **Pilõesinhos:** de 26 a 28 de dezembro.



Fotos: Divulgação/Prefeitura de Lagoa de Dentro



O público do festival poderá conferir a cavalgada Raminho Vaqueiro e uma apresentação do grupo De Bem com a Vida, entre outros atrativos



Foto: Divulgação/Prefeitura de Lagoa de Dentro

A Festa de São Sebastião acontece no mês de janeiro

MÚSICA

Falando de amor

Isabella Taviani conversa com **A União** sobre seu novo EP, em que assume o lado confessional de sua obraDaniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Quando os críticos a julgavam uma cantora confessional, Isabela Taviani não tomava como algo pejorativo. Com o tempo, passou a entender que, sim, havia ali uma avaliação negativa. Tomando para si o melhor daquilo que tanto lhe apontavam, reconheceu o traço confessional que é próprio à sua trajetória e decidiu assumi-lo com o EP *Confissões (De Amor)* – Vol. 1, cantando seus amores, desamores, angústias e alegrias. O trabalho já circula nas plataformas digitais.

Em conversa com **A União**, a cantora conta que o título surgiu quando planejava um show comemorativo de 20 anos de carreira, que acabou se tornando um projeto de voz e violão, levado a diversas cidades do país. Dizendo-se uma artista afeita ao romantismo de contar uma história em cada projeto que faz, percebeu que faltava “amarrar” alguma coisa.

“Percebi que para eu voltar a atuar com a banda, trazer a banda para o palco, meus colegas músicos, e dividir com eles a cena, era legal eu ter uma história para contar, para justificar tudo isso. Então, resolvi fazer um álbum para ter uma justificativa de voltar com a banda”, comenta Isabella.

O EP é composto de cinco faixas autorais. Duas delas foram escritas em parceria com sua esposa, Myllena Gusmão – “Tente não chorar” e “Não para”.

“‘Tente não chorar’ nasceu como uma encomenda da Sony Publishing para Ivette Sangalo, por volta de 2014.

Fiz essa música no piano e mandei, mas não sei se ela chegou a ouvir, se chegou até ela”. A canção ficou guardada, esquecida, até que, por ocasião do EP, Myllena atentou para a música e por revisitar sua letra, que sentira ter ficado “meio estranha” à época.

“Coisa do passado”, “Flechas na parede” e “Acabou nosso tempo” (essa última, feita com Renata Fausti), perfazem as demais faixas. “Tem um toque de *country* americano. Eu escuto muito Brandi Carlile e Melissa Etheridge, e quis trazer um pouco dessa sonoridade”.

Pode-se dizer que o *setlist* constroi uma ordem narrativa. Começando com a dura “Tente não chorar”, em clima de abandono, “Acabou nosso tempo”, mostra toda a dificuldade que envolve o rompimento propriamente dito. “Coisa do passado” faz o tempo caminhar para uma saudade mais leve, confortada por memórias. Encontrando janelas temporais no cotidiano, “Flechas na parede” é tentativa de romper com a rotina, enquanto que em “Não para” o eu lírico se pega entendendo-se amante em pista festiva.

Fanzoca da Leila

Com 37 anos de trajetória musical, Taviani mantém raízes que remontam à infância. “Meu avô era baiano, gerente do Banco do Brasil, e cantava ópera como segunda profissão. Foi ele quem me apresentou o canto clássico e me levava ao Teatro Municipal para assistir todas as montagens das óperas”, recorda. A mãe, pianista, também teve papel importante. “Comecei a estudar canto clássico aos 16 anos e cheguei a ser solista de orquestra, mas minha paixão sempre foi a MPB”.

O avô era muito crítico, apesar de gostar de algumas cantoras: Olivia Newton-John (1948–2022), Elis Regina (1945–1982) e, principalmente, Simone. Mas Leila Pinheiro o cativou quando de sua aparição como vencedora do prêmio de artista revelação, no Festival dos Festivais, de 1985. “Ele tava comigo assistindo o festi-

val e disse: ‘Ó, essa menina aí canta! Essa aí é boa’”, relembra.

A partir do aval, Taviani passou a ser uma “fanzoca da Leila”, artista brasileira que mais lhe influenciou, sobretudo durante a fase em que cantava bossa nova, em saguões de hotel e restaurantes. Para além do registro vocal médio-agudo, a proximidade com a ídola mostrou-se com o passar dos anos uma amizade duradoura.

Parando com o canto lírico, participou do musical *Ridículo Amor*, em 1994, em substituição à atriz e cantora Beth Lammás, dona de voz grave. “A partir de 1994, eu me permito cantar mais com essa voz de peito, a tessitura mais grave chegou na minha vida e foi aí que eu comecei a entender que personagem era eu”.

No novo trabalho, a artista revisita essa trajetória de maneira simbólica, misturando o lirismo das origens com a liberdade adquirida nos últimos anos. O formato em EP, adotado após experiências com *singles* de 2022 a 2024, permitiu que voltasse a contar suas histórias completas.

“A música romântica existe desde o homem das cavernas”, diz ela. “É a música para conquistar, para sofrer, para sentir. Todo mundo tem aquela canção que ouve quando está na fossa”.

Produção Frankenstein

Mais do que a temática, o processo de produção marcou uma virada em sua carreira. Em apenas cinco faixas, Isabela reuniu três produtores diferentes — além dela própria — e músicos de estilos variados.

Entre os convidados estão nomes como Rafael dos Anjos, produtor do disco *Mundúê*, do sambista Diogo Nogueira, responsável pelo *single* “Me deixa entrar na sua vida”, primeiro samba gravado por Taviani. “Eu falei para ele: o refrão tem cara de samba, mas a música não é samba. É MPB com um refrão alegre. Eu só queria um pandeiro para dar *swing* e ele fez muito bem”, relata.

O pianista Dudu Farias, parceiro da cantora na faixa “A vida vive sem você”, outrora presente em seu álbum *A Máquina do Tempo* (2020),
a s s u -

miu “Tente não chorar”, faixa que, segundo Isabela, exigia uma sonoridade “bem doída”. “Eu queria a primeira parte só com piano e voz, depois a entrada da banda, com virada longa e teatral de bateria. O Dudu captou isso perfeitamente”, descreve.

Sérgio Melo, baterista e integrante da banda de Lulu Santos, foi o terceiro produtor do disco, de longa data na trajetória de Isabella. “Produzir com um baterista é uma loucura”, brinca. “Ele só pensava nos ritmos, na levada, e eu tava enlouquecida com as harmonias. Foi um processo de muita troca”. Dessa parceria surgiu a reconfiguração de “Coisa do passado”, originalmente concebida como um ijexá. “A canção nasceu como um axé suave. O Sérgio quis levar para uma onda meio Toto, Genesis. Eu dizia: ‘Você está maluco, isso é axé!’”, relembra rindo.

Durante as gravações, Isabella chegou para o engenheiro de som com o seguinte comentário: “Isso tá uma loucura, não tá bicho? Isso aí tá um Frankenstein!”. Em resposta, ouviu do técnico que estava “sensacional”, atestando as várias cores com as quais as canções conversavam — presente à variedade cromática está o baixista Paulo César Barros, que gravou em todos os LPs de Roberto Carlos, do período de 1961 a 1982, e marcou a Jovem Guarda na formação da banda Renato e Seus Blue Caps.

Como entregue pelo título, *Confissões (De Amor)* – Vol. 1 inaugura uma série. “A ideia é que este seja apenas um pedaço de uma compilação que virá nos próximos quatro anos; não sei quanto tempo, não posso prever”. A turnê de lançamento do novo EP começa em novembro — dia 19, no Teatro Riachuelo, no Rio, e dia 23, no Tokyo Marine Hall, em São Paulo. “Acho que só no ano que vem eu começo a per-

c o r -
rer o Nordeste e João Pessoa, que eu amo, está na rota. Eu não abro mão”, confessa.

Isabella
Taviani
contou
com três
produtores
diferentes
para as cinco
faixas do
disco

Foto: Divulgação

Formato em EP permite
à artista voltar a “contar
histórias” em cada disco

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

A decadência americana e o fim da imaginação

A decadência dos Estados Unidos pode ser percebida em vários âmbitos. Na economia. Nas desigualdades sociais. Na infraestrutura. Na liderança tecnológica. Na política e cultura.

Ao longo do século 20, a indústria cultural estadunidense tornou-se a mais poderosa do mundo. Exportando produtos em escala planetária — valores políticos, estéticos, desejos, ideologias — que produziram subjetividades, linguagens e memórias afetivas. Símbolos que povoam nosso imaginário e que ajudaram a consolidar um império global. Esse *softpower* extraordinário tem na indústria fonográfica, nas agências de notícias e em Hollywood o seu tripé.

O cinema é uma arte de massa diretamente ligada aos desenvolvimentos técnicos da modernidade e ao capitalismo industrial. Os custos para fazer filmes são altos, o que torna indispensável uma grande difusão. Walter Benjamim — no seu famoso ensaio “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica” —, diz que o cinema foi responsável por criar uma brecha na afirmação de Heráclito: “O mundo dos homens acordados é comum” e o “das pessoas que dormem é privado”. Isso aconteceu não por meio de uma “descrição do mundo onírico” nas telas, mas pela criação de “personagens do sonho coletivo”, que, muitas vezes, são capazes de gerar “neuroses sociais”. A reprodução em massa costuma significar a reprodução das massas.

A indústria cinematográfica dos EUA esterilizou, aos poucos, a própria capacidade de produzir formas coletivas de sonhar dentro das condições sociais precárias que foram geradas pelo capitalismo tardio e por sua horrorosa face neoliberal. Esse processo estendeu-se a todos os campos da produção

cultural do país. Para o filósofo Diego Ruz-zarin, é possível perceber a decadência artística dos EUA de duas maneiras. A primeira guarda relação com a substituição da arte histórica pela arte abstrata, o que funciona como apagamento do passado e da memória ao produzir uma forma autorreferencial e esvaziada de si, comum aos prédios públicos do país, mas que também atinge as moradias.

Essa estética mostra sua face mais assustadora na arquitetura do não-lugar e sua dimensão mais abrangente no minimalismo — que ultrapassa aqui a condição de estilo arquitetônico, devendo, portanto, ser entendido como ideologia e sintoma, e a estética que melhor reflete a atual e decadente sociedade estadunidense tomada pelo signo da funcionalidade, pelo consumo e individualismo, pelo desenraizamento e a desesperitualização, pela morte da coletividade, dos sentidos e bem comum.

A segunda diz respeito à incapacidade do império em declínio de oferecer uma visão positiva para o futuro, levando a uma aposta na nostalgia. Ruz-zarin observa que o entretenimento dos EUA, atualmente, é baseado em *remake*, *reboot*, *prequel* e *sequel*. E ironiza: “a gente mata o Tio Ben do Spider-Man uma vez por ano, para contar a mesma história”. Estamos assim diante de uma perspectiva que busca reconfortar e conformar, em vez de estimular a imaginação. Em outras palavras: quando uma sociedade não vislumbra mais o futuro, ela consome autofagicamente o passado num simulacro de sentido.

Segue-se daí um meio ideológico que impede o real enfrentamento do colapso da civilização, que assumiu a forma da crise ambiental, das desigualdades, da vio-

lência e da falência da democracia liberal. Quando esses temas, porventura, aparecem, eles são tratados pela lente da desgraça, da distopia e do fatalismo. A condição psicológica hollywoodiana é a mesma do capitalismo tardio, que pode ser sintetizada na famosa frase de Mark Fisher: “É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”.

Se o pensamento socialista projetou a emancipação da humanidade, o realismo capitalista projetou a ausência de alternativas. Ruz-zarin ilustra essa ideia, numa entrevista concedida ao *Podcast 3 Irmãos*, com o filme chinês *Terra à Deriva*.

A história se passa num futuro no qual a humanidade enfrenta graves problemas climáticos, que estão produzindo um colapso. Há elementos no filme que sugere-se tratar de uma sociedade comunista, como, por exemplo, a inexistência da propriedade privada. O governo, para solucionar o problema, elabora um plano que visa transportar a Terra até outro sistema solar, sem que para isso seja preciso sacrificar parte da humanidade. Leva-se 500 anos para construir as turbinas no Hemisfério Sul e abrir túneis no interior do planeta para abrigar as pessoas. E mais três mil anos de viagem ao destino em um novo sistema solar.

“Olha a sutileza da mensagem”, ressalta Ruz-zarin: “A China é uma civilização de cinco mil anos... Eles conseguem pensar que o que estou fazendo agora não é pra mim. É pros netos, dos meus netos, dos meus netos... Nesse sentido, é a diferença entre um império em decadência – ‘salve-se quem puder’ – contra um império civilizatório”. E conclui: “Ou chega todo mundo ou não chega ninguém”.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Irrracionalidade e demência social

A irracionalidade humana pode ser estudada por meio da interconexão entre o ódio na política e a desigualdade social com o aumento de demência dos cidadãos, desde que as políticas públicas e o estado de saúde mental deles tornam-se uma anomia e doença psíquica de alguns. Essa relação manifesta-se no aumento do declínio cognitivo e da perda do senso crítico político de muitos, impactando a má saúde financeira e a qualidade de vida da população. A demência política descreve processos de degradação da racionalidade coletiva. Ela refere-se a um processo estrutural em que as instituições, partidos políticos e lideranças perdem a capacidade de refletir, deliberar e decidir de modo coerente, racional e orientado para o bem-estar social. Trata-se, portanto, de um fenômeno que une irracionalidade, autoritarismo e deslegitimação das práticas democráticas, as quais se tornam uma patologia social em que o espaço público é degradado, as instituições perdem legitimidade, e a política é capturada por forças irracionais — sejam elas interesses privados ou manipulação discursiva de ódio. Do ponto de vista teórico, esse conceito é estudado por meio de diferentes teorias da sociologia e da ciência política.

O economista e jurista alemão Max Weber (1864-1920), em *Economia e Sociedade*, sustenta que o Estado moderno deveria ser regido pela racionalidade formal-legal, em oposição ao patrimonialismo e ao carisma irracional. Quando tal racionalidade é corroída por práticas personalistas ou discursos de ódio, instala-se a demência política, expressa como irracionalidade coletiva e esclerose institucional.

O filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937), nos *Cadernos do Cárcere*, descreve a crise de hegemonia como o momento no qual elites perdem a capacidade de dirigir moral e intelectualmente a sociedade. Nesse processo, surgem soluções autoritárias e re-



Weffort: “O populismo na política brasileira”

gimes de exceção. A demência política, então, corresponde à incapacidade de formular consensos estáveis, conduzindo ao “interregno” (ausência de um líder ou governabilidade), em que “o velho morre e o novo não nasce”, gerando espaço a discursos irracionais e teorias conspiratórias.

Na tradição crítica contemporânea, Jürgen Habermas (1929), filósofo e sociólogo alemão, em *Teoria do Agir Comunicativo*, defende que a esfera pública democrática depende do agir comunicativo. Porém, quando sistemas político e econômico manipulam essa esfera para fins egoístas, a racionalidade cede lugar à propaganda e ao *marketing*. A demência política, nesse contexto, transforma a deliberação em espetáculo midiático, em meio a mentiras (*fake news*) e polarização extrema.

A filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975), em *Origens do Totalitarismo*, mostra que massas alienadas podem ser mobilizadas por líderes que criam inimigos imaginários. Para ela, a perda de um espaço público plural conduz à incapacidade de distinguir entre fato e opinião, razão e propaganda, revelando a banalidade da maldade humana como expressão de demência social.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Milton nas asas da Panair

Se os começos valem para alguma coisa e valem muito, os fins podem sim justificar os meios. Se antes buscávamos a longevidade de uma relação e ainda estamos nessa, principalmente uma relação de amizade, que é a mais valorosa que possa existir. Seguimos a essência.

A relação de pai e filhos que não se enquadra nesse contexto, são relações do ventre, engendradas, profundas, que crescem juntas, na formação de uma nova pessoa, embora muitos filhos matem seus pais — mas aí são criminosos.

A beleza de uma relação que brota da natureza humana, da fonte da linguagem, da língua dos homens de boa vontade que ainda anseiam possuir um dialeto que atravessasse gerações, algo mais que uma canção, a paz na Terra.

“O meu melhor amigo está me deixando aos poucos”, escreveu Augusto Nascimento sobre seu pai, o cantor Milton Nascimento, que foi diagnosticado com demência por corpos de Lewy. Fiquei a pensar, em tantas vezes garoto, vi gente assim no sertão de mim.

Um coração e outro e nenhum pesa mais que um adeus, um aceno, uma vontade de viver mais tempo junto de alguém, até o amém.

Milton Nascimento está na voz de Elis, na voz dele, a mais intensa e mais bonita voz que ouvimos, ouviremos, até quando não existimos mais.

As canções de Milton parecem à procura de uma definição da natureza, dos amores, uns que se aguentam, outra que se sustentam, como a justificar a continuação da vida e, já agora, a entrega a esse ofício da finitude. Li que ele não consegue mais se alimentar.

Somos feitos para construirmos, nunca simulacros para gerar uma sensação de profundidade. Uma pessoa com demência apresenta-se, simbolicamente, por um pássaro enfiado numa gaiola a não mais viver o ritual de sobrevivência, em pequenos voos. É lindo vê-lo cantando “Nas asas da Panair”, gravado em 1975, no álbum *Minas*.

Não há queixas, não deve haver. Quantas conversas tiveram o filho Augusto com o pai Milton, sobre a história das canções, coisas do Clube da Esquina, que o Augusto nem existia, mas o cuidado do filho com o pai é um elo nunca perdido.

Expressões, ciclos táticos, lembrando um organismo entregue a um cultivo detalhado de tudo quanto somos capazes de fazer um pelo outro, do respirar a propagação do sagrado.

Isso dele dizer “O meu melhor amigo está me deixando aos poucos”, a madurez da sua fala impregna os gestos mais afetuosos e nos lembram que não devemos desistir, ao perder o outro.

A tarefa da beleza é uma rajada a fazer de nós homens formas parecidas, já o divino escreve-se seguidamente numa radiosa luz.

Coração americano, acordei de um sonho estranho, um gosto de vidro e corte, um sabor de chocolate, no corpo e na cidade, com sabor de vida e morte, “*Casamiento de Negros*” (de Violeta Parra), nada que será como antes, amanhã, Paula e Bebeto, peixes, pétalas, como nascem e se dobram no fim.

Milton é só canções lindas que não estão nos dicionários. Maria, Maria, Maria, uma certa magia, que invade a gestação do homem e que todas mães se reconheçam, do poema Drummond que ele musicou.

Kapetadas

1 – Troque a morte da Odete por um castigo para ela. Qual seria?

2 – Parem de olhar pelo lado ruim. Ao diminuir o consumo de destilados, vamos evitar consequências horríveis do álcool como mandar mensagem para o ex.



Augusto Nascimento e o pai, Milton Nascimento: melhor amigo

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Cine Bangüê ganha nova tecnologia

Muito bem posta a ideia de se modernizar, tecnologicamente, a forma de projeção fílmica do Cine Bangüê, da Funesc. O novo projeto digital SP4K-12C, com o procedimento de projeção DCP para digital-cinema-vídeo, como foi anunciado, contemplando o atual sistema de uma melhoria audiovisual, é nada mais que justo aos tempos atuais. O digital veio para ficar.

Agora me lembro quando inauguramos o Bangüê, naquele dezembro de 1982. Vindo de uma experiência já de alguns anos nos cinemas de meu pai, e coordenando o setor de audiovisual da Funesc, sob a indicação da presidente Giselda Navarro, fiquei à frente do projeto com o técnico Nilton Monteiro. Eu, na parte de projeção, e Monteiro na implantação do sistema de som. Nessa época, ele que era também o técnico das salas de cinema do grupo formado pelo Cinema Municipal.

Durante nossas reuniões no gabinete de Giselda, e com tudo pronto para a inauguração da Sala Bangüê, a escolha do filme a ser exibido era agora nossa preocupação. Algumas indicações foram discutidas, inclusive sobre o musical empolgante e irreverente do cantor David Bowie, produção anunciada e que vinha sendo sucesso de bilheteria. Mas, com o atraso de seu lançamento aqui no Brasil, optamos pela obra nacional *Inocência*, de Walter Lima Jr.

Aliás, foi uma sugestão nossa, indicando a importância de *Inocência*



Cine Bangüê, no Espaço Cultural, consolidou-se como opção para os cinéfilos pessoenses

sendo uma produção brasileira dirigida por Walter Lima, baseada no livro de mesmo nome, do Visconde de Taunay. Sob consenso dos presentes, foi então aprovada sua indicação. E o filme originava a fotografia assinada por Pedro Farkas, Lucy e Luiz Carlos Barreto, com música de Wagner Tiso. No elenco principal, Fernanda Torres e Edson Celulari.

Depois de todo esse tempo, com algumas paralisações de suas funções, o Cine Bangüê, do Espaço Cultural José Lins do Rêgo, mudou simplesmente de lugar, saindo do grande

auditório do mezanino para uma sala só sua, com mais acomodação para o espectador. Suas atividades, hoje, vêm representando bem uma opção cinematográfica à sua clientela, inclusive dando destaque às produções brasileiras e paraibanas.

Com o atual sistema agora implantado, o novo Cine Bangüê se reveste de maior importância como opção de lazer e entretenimento. Mais ainda, por se adequar às novas tecnologias de exibição de filmes. *(Para mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br).*



APC apoia o Festival de Santa Luzia

Contando com o apoio da Academia Paraibana de Cinema (APC), foi realizado no início desta semana, na cidade de Santa Luzia, no interior da Paraíba, o 2º Festival Talhado no Cinema. A APC fez-se representar por seu presidente, o professor João de Lima Gomes, que foi acompanhado dos associados João Carlos Beltrão e Fernando Trevas.

O festival concentrou homenagens ao feito de *Aruanda*, de Linduarte Noronha, destacando que foi em Santa Luzia, no Sertão do Seridó, sobretudo na Serra do Talhado, que o filme *Aruanda* foi realizado, no ano de 1960.

MÚSICA

Natascha Falcão e Júlia Vargas releem Rita e Gal

De estilos diferentes, mas unidas por uma mesma geração de artistas, Rita Lee e Gal Costa mantiveram colaborações esporádicas ao longo de suas carreiras, como num dueto para a clássica “Mania de você”, em 1991. O repertório das cantoras ganha uma intersecção maior com o show *Lee-Gal*, de Júlia Vargas e Natascha Falcão. A dupla traz esse espetáculo para João Pessoa, numa única apresentação, hoje, a partir das 17h, na Vila do Porto — esta, situada no bairro do Varadouro. Os ingressos podem ser adquiridos pelo *site* Shotgun — custam de R\$ 30 (meia) a R\$ 60 (inteira).

Lee-Gal conta com sucessos de ambas as homenageadas, acumulados em mais de cinco décadas. De Rita, foram pinçadas canções seminais como “Ovelha negra”, do LP *Fruto Proibido* (lan-

çado em 1975, numa parceria com o conjunto Tutti-Frutti) e “Pagu”, presente no álbum *3001* (de 2000), escrita a quatro mãos com Zélia Duncan. “Mania de você” também está presente: a faixa composta por Rita, com o seu esposo, Roberto de Carvalho, representou um ponto de virada na sonoridade da artista, a partir dos anos 1980.

De Gal Costa, as escolhas são múltiplas também. “Eso-térico”, de Gilberto Gil, fez parte do álbum que registrou a turnê dos Doces Bárbaros, quarteto efêmero que tinha por membros, além dela e de Gil, Maria Bethânia e Caetano Veloso. “Vapor barato” também tornou-se êxito por meio de outro disco ao vivo — o emblemático *Fa-Tal* — *Gal a*

Todo Vapor, de 1971. “Vaca profana”, por fim, pôde ser ouvida a partir de 1984, com o lançamento de *Profana*; a faixa teve sua execução pública proibida pela Censura.

O show estreou no Circo Voador, em abril deste ano. Na ocasião, em entrevista à revista *Veja*, Júlia assinalou que, num mundo dominado por homens, faz-se necessário “entrar com o pé na porta”, por meio de um espetáculo como esse. “Nosso encontro é potente porque uma entende as dores, dificuldades e o sabor da conquista da outra. Mulheres precisam se reafirmar o tempo todo. De certa forma, aprendemos isso c o m Rita e

Gal”, completou Natascha na mesma matéria.

Júlia Vargas, fluminense, teve seu *début* fonográfico com *Pop Banana*, em 2017: *Pedra dura*” teve participação de Ney Matogrosso. Seu lançamento mais recente é *Alegrai*, disco em colaboração com Pedro Ivo Frota e o Unicirco. Natascha Falcão, pernambucana, dividiu com Elba Ramalho o *cover* de “No rancho fundo”, que embalava o tema de abertura da novela de mesmo nome, em 2024. Entre 2024 e 2025, lançou duas edições do EP *Universo de Paixão*.

Natascha e Júlia: show estreou no Rio, em abril



ONDE:
■ VILA DO PORTO
(Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro, João Pessoa).

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Bares e nomes

Não sou historiador, sociólogo, antropólogo, fotógrafo, pintor. Por isto mesmo coleciono paisagens que pouco cabem na simetria das molduras. Sou dado às palavras, gosto de nomes, rubricas, razões sociais, principalmente quando nomeiam bares e as suas líquidas epifanias.

Vejam bem. Os bares do mundo têm nome como têm nome as coisas que conhecemos e amamos. Pode ser um decote qualquer aberto para o beijo do dragão marinho, uma ponte órfã de margens e destinatários, uma esquina fluvial para as arquiteturas do poema.

Estava no norte de Minas (Minas não há mais!!), e bebia no Bar Acabe Comigo. Gostei do nome e comecei a lembrar dos bares por onde andei por esses brasis afora, como diria meu vetusto professor de Direito Romano.

Numa ilha de Manaus, entre o Rio Negro e o Amazonas, bebi no Bar da Morte, feito de madeira da selva, aberto sempre ao pôr do sol e às depressões da lua, sem som, solitário, embriagado pelas águas noturnas e pelo aroma dos fenômenos que nunca acontecem.

Dia desse, com Marcos Estrela, andarilho dos agrestes interiores, dividi duas cervejas, meia garrafa de cachaça legítima, com o frio especular do Bar da Neblina, numa das serranias do Brejo paraibano. O Brejo se aconchega aos contrafortes da Serra da Borborema e gera a umidade e a alvura de climas superiores, de entidades inomináveis. Bruxos e bruxas lavados pelo perfume dos córregos.

Faz três horas que beberico meu sonho num lugarejo do Sertão, dentro do Bar Apocalipse, esmiuçando os programas inertes de uma seca secular. O gado magro pasta diante de mim, a cabocla morena, ajaezada, bonita como um topázio, arisca como uma égua árabe, deixa-me, no seu sorriso, um tiquinho de certeza de que vale a pena se perder por ali. O sol nem sempre queima e lacerar...

É tarde da noite. Jaguaribe dorme. Estou no Bar Entre a Cruz e a Espada. Eu, Magno Meira, Lúcio Lins e Pedro Osmar. O dono, Pierre Malzac, torturado pela ditadura, nos serve Montilla com Coca-Cola. O tempo não é dos bons. Há uma asfixia na atmosfera. O país sofre. Ali começávamos a sonhar os capítulos de um mundo melhor.

Na minha comarca, bato o ponto no Aconchego Bar e bebo o inesquecível conhaque da infância e da mocidade. Vale, é claro, um Nelson Gonçalves ou a ternura de um Anísio Silva. Depois me vou ao Bar da Curva, só para espiar, de longe, a minha casinha branca em riba da serra. Minha comarca das pedras é lapidar.

E os bares estão aí, multiplicam-se na alquimia dos nomes fenomenais. Bar do Ex-Corno, Bar Tô no Trabalho, Bar Faculdade da Pinga, Bar da Felicidade, Bar da Última Dose, Bar dos Martírios, Bar de Deus, Bar do Orgasmo, Bar que Nunca Fechou, Bar da Safadeza, Bar 69, Bar de Ninguém, Bar Microondas, Bar Purgatório, Bar de Dandara e Bar Todas.

São razões sociais, sim, porém, quero crer, sem o travo prosaico da pura mercancia. Por baixo das letras, na porta de entrada, quem sabe, não se inscreve o fabulário das pequeninas tragédias que fazem de seus *habitués* bichos humanos de verdade. Afinal, cada nome contém uma história.

Foto: Reprodução



“Os bares multiplicam-se na alquimia dos nomes fenomenais”

HISTÓRIA

Entrevista “perdida” de John Lennon

DJ inglês Nicky Horne divulgou conversa com ex-Beatle feita em 1975, no Edifício Dakota, em Nova York

Sabrina Legramandi
Agência Estado

John Lennon tinha receio de que pudesse estar sendo monitorado durante o governo Nixon e quase descartou um de seus álbuns solo, *Walls and Bridges*, de 1974. Foi o que revelou uma entrevista “perdida”, concedida pelo ex-Beatle cinco anos de sua morte ao DJ inglês Nicky Horne. O músico completaria 85 anos na quinta-feira (9), e, por conta da data, Horne resolveu dar mais detalhes sobre a conversa na estação Boom Radio, do Reino Unido. À época, o DJ tinha 24 anos e havia viajado a Nova York especialmente para entrevistar Lennon. Horne revelou que estava nervoso com a ocasião, já que estaria frente a frente com seu Beatle favorito, mas que, chegando ao edifício Dakota, onde o cantor morava com Yoko Ono, Lennon disse que havia preparado biscoitos de chocolate para ele.

O músico passou a contar sobre sua desconfiança em ter seu telefone grampeado pela CIA – à época, Horne foi chamado de “ingênuo” por ter acreditado no cantor. Anos depois, porém, a Lei Americana de Liberdade de Informação revelou que, realmente, Lennon tinha seu telefone monitorado, estava sendo seguido e o governo norte-americano queria deportá-lo. À época, o cantor associou o seu ativismo o antigo guerra com a perseguição,



Foto: Divulgação

segundo o *The Guardian*. “Eu sei a diferença entre o telefone estar normal quando eu o pego e, toda vez que eu o pego, há muitos ruídos”, contou ele. Lennon também comentou ocasiões em que desconfiava estar sendo seguido por um carro. “Eu abria a porta e havia caras parados do ou-

tro lado da rua. Eu entrava num carro e eles me seguiam de carro, sem se esconderem”, relatou. Segundo ele, a perseguição também aconteceu com outros astros do rock, como Mick Jagger e Keith Richards. Sobre quase ter descartado *Walls and Bridges*, o músico afirmou que “não suportava ouvir” as fitas de gravação do disco. Ele, porém, foi estimulado por amigos para lançar o álbum. *Walls and Bridges* recebeu um disco de ouro pelo sucesso em vendas e foi escrito durante uma breve separação entre Lennon e Yoko. Lennon foi assassinado, aos 40 anos, por um fã no dia 8 de dezembro de 1980, no Edifício Dakota. Ele não escondia sua “rixa” com Nixon e chegou a lançar diversas músicas falando sobre o ex-presidente dos EUA, como “Gimme some truth” e “Instant karma (We all shi-ne on).

Lennon em 1975: ele afirmou estar sendo monitorado pelo governo Nixon e que quase desistiu de lançar o álbum “Walls and Bridges”

Em Cartaz

Cinema

Programação de 9 a 15 de outubro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

A CASA MÁGICA DA GABBY – O FILME (*Gabby’s Dollhouse – The Movie*). Canadá/ EUA, 2025. Dir.: Ryan Crego. Elenco: Laila Lockhart Kraner, Kristen Wiig, Gloria Estefan. Aventura/ infantil. Garota tem sua preciosa casa de bonecas mágica roubada e precisa resgatá-la de vilã. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h30, 16h40, 18h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h30, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 16h15, 18h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h15, 15h30, 17h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: dom.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15; seg. a qua.: 16h15, 18h15, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15; seg. a qua.: 16h15, 18h15, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 15h10, 17h10, 19h10. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 16h40, 19h; seg. a qua.: 15h20, 19h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 1: dub.: dom.: 14h40, 16h40; seg. a qua.: 16h40. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h.

PERRENGUE FASHION. Brasil, 2025. Dir.: Flávia Lacerda. Elenco: Ingrid Guimarães, Rafa Chahub, Filipe Bragança. Comédia. Influenciadora precisa buscar o filho na Amazônia para participar de uma campanha. 1h34. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 16h15, 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 13h30, 15h45, 18h15, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 14h30, 17h, 19h30, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2: 16h45, 18h45, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 16h45, 18h45, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 17h15, 19h10, 21h15. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 15h10, 18h20, 20h30; seg. a qua.: 16h, 18h20, 20h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg. e qua.: 18h30.

RUÍDOS (Noijeu). Coreia do Sul, 2024. Dir.: Kim Soo-Jin. Elenco: Lee Sun-Bin, Han Soo-A. Terror. Mulher atormentada por sons relacionados ao desaparecimento da irmã e a um espírito maligno. 1h33. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 16h30, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h30, 21h.

TOTTO-CHAN – AMENINA NA JANELA (*Madogiwa No Totto-chan*). Japão, 2023. Dir.: Shinosuke Yakuwa. Animação/ drama. Menina hiperativa aprende lições de solidariedade e empatia quando é aceita em uma escola não tradicional. 1h54. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 17h15.

TRON – ARES (*Tron – Ares*). EUA, 2025. Dir.: Joachim Ronning. Elenco: Jared Leto, Greta Lee, Evan Peters, Jeff Bridges, Gillian Anderson. Ficção científica. Guerreiros digitais começam a ser usados no mundo real. 1h59. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 16h30, 19h; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 3D: 14h, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 3D: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 14h, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dom. e qua.: dub.: 20h; seg. e ter.: leg.: 20h. CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 3D: 14h50; 2D: 17h10, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h50, 18h10, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 3D: 14h50; 2D: 17h10, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h50, 18h10, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom. e seg.: 3D: 16h20, 18h45; 2D: 21h15; ter. e qua.: 2D: 15h10; 3D: 16h20, 18h45. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 3D: 15h40, 21h; 2D: 18h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 3: dub.: dom.: 3D: 14h, 18h50; 2D: 16h25; seg. a qua.: 3D: 18h30; 2D: 21h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h25, 20h30; seg. e qua.: 16h, 20h30.

ESPECIAL

POR OUTROS OLHOS – VOCAL LIVRE (*Kurenai no Buta*). Japão, 1992. Dir.: Dennyso Bravo. Documentário/ show. A história do grupo Vocal Livre e registro de show em Recife. 1h45. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom. e qua.: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dom. e qua.: 19h.

RELANÇAMENTO

AMORES BRUTOS (Amores Perros). México, 2000. Dir.: Alejandro González-Iñárritu. Elenco: Emilio Echevarria, Gael Garcia Bernal, Goya Toledo. Drama. Um acidente de carro conecta três histórias. 2h34. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h50, 20h.

CONTINUAÇÃO

UMA BATALHA APÓS A OUTRA (*One Battle after Another*). EUA, 2025. Dir.: Paul Thomas Anderson. Elenco: Leonardo DiCaprio, Sean Penn, Benicio Del Toro, Regina Hall. Aventura/ drama. Grupo de ex-revolucionários se unem para salvar a filha de um deles quando seus inimigos retornam após 16 anos. 2h41. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h30.

CORAÇÃO DE LUTADOR (*The Smashing Machine*). EUA/ Japão/Canadá, 2025. Dir.: Benny Safdie. Elenco: Dwayne Johnson, Emily Blunt, Lindsey Gevin. Drama. Astro lutador do MMA enfrenta problemas pessoais. 2h03. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4:

leg.: 21h15.

DEMON SLAYER – CASTELO INFINITO (*Gekijō-ban Kimetsu no Yaiba – Mugen Jō-hen*). Japão/ EUA, 2025. Dir.: Haruo Sotazaki. Animação/ aventura. Caçadores de demônios enfrentam batalha decisiva em castelo. 2h35. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 15h; dub.: 18h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 1: dub.: 20h40.

DORA E O MUNDO MÁGICO DAS SEREIAS (*Dora Mermaid 2025 Special*). EUA, 2025. Dir.: Não informado. Animação/ comédia. A aventureira Dora se transforma em sereia. 50min. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h45.

OS ESTRANHOS – CAPÍTULO 2 (*The Strangers – Chapter 2*). Espanha/ EUA, 2025. Dir.: Renny Harlin. Elenco: Madelaine Petsch, Gabriel Basso, Emma Horvath. Suspense. Garota que escapou de massacre é novamente perseguida por assassinos mascarados. 1h38. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: seg. e qua.: 17h30. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 21h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 2: dub.: dom.: 21h20.

INVOCACÃO DO MAL 4 – O ÚLTIMO RITUAL (*The Conjuring – Last Rites*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Michael Chaves. Elenco: Vera Farmiga, Patrick Wilson, Elliot Cowan. Terror. Casal de investigadores do sobrenatural reencontra um demônio que enfrentaram no começo de suas carreiras. 2h15. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: seg. e qua.: 19h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h25. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 21h10.

MALÊS. Brasil, 2025. Dir.: Antônio Pitanga. Elenco: Camila Pitanga, Rocco Pitanga, Antônio Pitanga, Patrícia Pillar. Drama/ guerra. Casal trazido à força da África se envolve com uma revolta de escravizados na Salvador de 1835. 1h54. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h, 15h40, 18h30.

A SOGRA PERFEITA 2. Brasil, 2025. Dir.: Cris D’Amato e Bianca Paranhos. Elenco: Cacau Protásio, Evelyn Castro, Marcelo Laham, Ricardo Pereira. Comédia. Mulher recusa pedido de casamento para não perder a liberdade, mas a chegada da sobra portuguesa complica sua rotina. 1h29. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 13h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 13h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 12h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 12h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 12h30.

O ÚLTIMO AZUL. Brasil/ México/ Países Baixos/ Chile, 2025. Dir.: Gabriel Mascaro. Elenco: Denise Weinberg, Rodrigo Santoro,

Miriam Socarras. Drama/ aventura. Ao se recusar a cumprir uma medida do governo que isola os idosos, mulher embarca em uma jornada pela Amazônia. Grande prêmio do juri no Festival de Berlim. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h, 15h, 19h30.

ZOOPOCALIPSE – UMA AVENTURA ANIMAL (*Night of the Zoopocalypse*). Canadá/ Bélgica/ França, 2025. Dir.: Ricardo Curtis e Rodrigo Pérez-Castro. Animação/ comédia. Lobo e leão da montanha se unem quando meteoro cai em zoológico e libera vírus que transforma os animais em zumbis. 1h31. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: dom.: 13h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 14h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 14h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h30. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 14h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: 14h.

SONHO ENCANTADO DE CORDEL. Direção: Thereza Falcão. Elenco: Aline Wirley, Igor Rockli, Giulie Oliveira. A vida do autor infantil Hans Christian Andersen.

Campina Grande: TEATRO FACISA (Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, nº 1901, Sandra Cavalcante). Domingo, 12/10, 15h e 17h. Ingressos: de R\$ 19,80 (balcão e plateia/ meia) a R\$ 80 (plateia/ inteira), antecipados na plataforma Sympyla.

VIVA USINA. Apresentação dos espetáculos *Jerimum de Jeito Nenhum*, do Coletivo Porta Adentro (16h), e *A Festa*, da Cia. Café com Pão (17h).

João Pessoa: USINA CULTURAL ENERGISA (R. João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambaíá). Domingo, 12/10, 17h. Entrada franca.

HOJE

PINOCCHIO. Do Cara Dupla Coletivo de Teatro. Direção: Letícia Rodrigues. Boneco de madeira ganha vida por magia de uma fada e deseja ser um menino de verdade.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra). Domingo, 12/10, 15h, 17h e 19h. Ingressos: R\$ 50 (inteira) e R\$ 25 (meia e antecipado), antecipados pelo whatsapp (83) 9.8625.5220.

SONHO ENCANTADO DE CORDEL. Direção: Thereza Falcão. Elenco: Aline Wirley, Igor Rockli, Giulie Oliveira. A vida do autor infantil Hans Christian Andersen.

Campina Grande: TEATRO FACISA (Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, nº 1901, Sandra Cavalcante). Domingo, 12/10, 15h e 17h. Ingressos: de R\$ 19,80 (balcão e plateia/ meia) a R\$ 80 (plateia/ inteira), antecipados na plataforma Sympyla.

VIVA USINA. Apresentação dos espetáculos *Jerimum de Jeito Nenhum*, do Coletivo Porta Adentro (16h), e *A Festa*, da Cia. Café com Pão (17h).

João Pessoa: USINA CULTURAL ENERGISA (R. João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambaíá). Domingo, 12/10, 17h. Entrada franca.

Música

HOJE

NATASCHA FALCÃO E JÚLIA VARGAS.

Cantoras apresentam o show *Lee Gal*, com repertório de Rita Lee e Gal Costa.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 12/10, 18h. Ingressos: R\$ 60 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (solidário) e R\$ 30 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 15/9, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

ARIANO SUASSUNA VISTO POR GUSTAVO MOURA. Seleção de registros do fotógrafo sobre o escritor.

João Pessoa: ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS (R. Duque de Caxias, nº 37, Centro). Visitação até 31 de outubro. Entrada franca.

COLETIVO MASONN. Exposição *Respirando Underwater – Kont from the Inside*, coletiva de sete artistas com fotografia, vídeo, colagem, performance, som e instalação.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até 12 de dezembro. Entrada franca.

ROSILDA SÁ. Artista abre exposição *Sargaços*.

João Pessoa: GALERIA ARCHIDY PICADO (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Visitação de segunda a sexta, das 8h às 21h, e sábados e domingos, de 10h às 16h, até 14 de novembro. Entrada franca.

SUSSURROS ESTRIDENTES. Coletiva com estudantes do curso de Artes Visuais da UFPB.

João Pessoa: GALERIA LAVANDEIRA (Centro de Comunicação, Turismo e Artes, UFPB, Campus 1). Visitação de segunda a sexta, das 7h às 12h e das 14h às 21h, até 31 de outubro. Entrada franca.

TERESA PALMA RODRIGUES. Artista portuguesa apresenta aquarelas na exposição *Ad Ventum*.

João Pessoa: GALERIA LAVANDEIRA EXTRAMUNDOS (Estação Cabo Branco, Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça a sexta, de 9h às 18h, e sábado e domingo, de 10h às 18h, até 24 de outubro. Entrada franca.

PROTAGONISMO POPULAR

Poder que emana das ruas do Brasil

Mobilizações demonstram que pressão do povo é capaz de moldar decisões políticas e transformar a realidade social

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A PEC da Blindagem, rejeitada pelo Senado Federal no fim de setembro, acabou sendo derrubada após as grandes manifestações populares realizadas em diversas capitais e cidades brasileiras. As palavras de Ulysses Guimarães, parlamentar que presidiu a Constituinte, materializaram-se mais uma vez: “a única coisa que mete medo em político é a voz rouca das ruas”.

Mesmo com toda a burocracia institucional necessária para o funcionamento da máquina estatal, “a voz rouca das ruas” é agente ativo em diversos momentos decisivos da história política do nosso país.

Para o professor Jonas Duarte, do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a história é feita nas ruas, com o povo como protagonista, fundamental nas transformações políticas e sociais. “Para nós, historiadores, as mobilizações populares são uma referência e funcionam como o termômetro das grandes mudanças que ocorreram na humanidade”, pontua o docente.

O historiador destaca que “os grandes processos têm uma relação com as mobilizações populares, muito mais depois da Revolução Francesa, quando o mundo estava vivendo um processo de urbanização”. Ele cita, ainda, a importância da mobilização camponesa nos processos revolucionários ocorridos na China, no Vietnã, na Coreia, em Cuba e na Rússia.

Contudo, Jonas Duarte frisa que as grandes manifestações realizadas pelo mundo não foram exclusivas de grupos ligados à esquerda, lembrando que o “fascismo de Mussolini e o nazismo de Hitler levava milhões de pessoas às ruas”.

No contexto brasileiro, o docente aponta o período pós-1930 como um marco para as grandes mobilizações de rua, iniciado pela Revolução de 1930, que gerou grandes mobilizações pelo país. “As pessoas se levantam, depois que Assis Chateaubriand, inteligentemente, pega o corpo de João Pessoa e sai passeando com ele no Brasil todinho, levantando o povo para, digamos assim, enfurecer os liberais da Aliança Liberal até derrubar o governo e Getúlio marchar para o Palácio do Catete”, explica.

Considerando as grandes

mobilizações que alcançaram suas reivindicações no Brasil, o historiador destaca a campanha “O Petróleo é Nosso”, de 1950, que fomentou a criação da Petrobras; a Campanha da Legalidade, de 1961, mobilização que buscou garantir a legalidade e a posse do vice-presidente João Goulart, após a renúncia de Jânio Quadros; a mobilização pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de 1986 a 1988, que, por meio de conferências municipais, estaduais e nacional, garantiu a aprovação do SUS na Constituição de 1988; e, por fim, os “Cara-Pintadas”, de 1992, que levaram ao impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello.

“Eu diria que o melhor exemplo de conquista pelo povo na rua é o SUS. O Brasil todo se mobilizou. A gente tinha uma bancada progressista bem ‘mixuruca’. A bancada de direita era enorme naquela Constituinte e, mesmo assim, a gente conseguiu aprovar coisas avançadas com gente na rua”, enfatiza.

Na Paraíba, o docente aponta a Greve dos Canaviais, ocorrida em 1984, durante o contexto das Diretas Já, que resultou em importantes conquistas trabalhistas fundamentais para regulamentação do trabalho no setor e que, mais tarde, estendeu-se a estados como Pernambuco e Alagoas.

“A greve dos canaviais impulsionou uma legislação própria para o setor. Eles tiveram conquistas significativas, uma delas foi a quantidade de cana por dia, diminuindo a meta, e um período de folga maior”, ressalta.

Mesmo quando não alcança a solução desejada, a mobilização popular também pode alterar os processos políticos da história do país. É o que defende o historiador e analista político Flávio Lúcio, reforçando que o engajamento dos cidadãos é um pilar fundamental na história do país.

“Por exemplo, a mobilização das Diretas Já não teve o efeito de aprovar a [emenda] Dante de Oliveira imediatamente para 1985, mas liquidou a Ditadura Militar. Veja as mobilizações de 2013: não conseguiram derrubar a presidente Dilma. Inclusive, a própria Dilma foi reeleita, em 2014, mas alterou o quadro político, fez com que novos agentes e dirigentes de uma direita e de uma extrema direita, que não existiam no Brasil, fossem catapultados para o cenário



Onda de protestos em diversas localidades do país freou projeto que blindava parlamentares

rio nacional, culminando com o epílogo de Dilma em 2016”, analisa.

Apesar da importância das mobilizações, o analista alerta para os limites da legitimidade das manifestações populares. Para ilustrar, ele cita os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, apontando que a Constituição garante o direito de protestar, mas não permite ações que tendem para o vandalismo, invasão de patrimônio público ou até mesmo pedidos de golpe de estado e intervenção militar.

“Por exemplo, você não pode fazer uma mobilização que vá pedir uma Ditadura Militar. Como é que você utiliza o espaço e a garantia da lei, que é você ter direito de protestar, e vai protestar contra a democracia? Você vai pedir uma intervenção militar, um golpe de estado? Isso não pode, a lei não permite, porque isso é crime”, crava.

A Constituição Federal garante o direito de protestar no artigo 5º, assegurando que as pessoas possam expressar suas opiniões livremente, desde que a manifestação seja pacífica e sem uso de armas. Além disso, proíbe o ano-

nimato nas manifestações. O artigo 220 reforça essa ideia, afirmando que a liberdade de expressão é garantida, mas quem cometer abusos pode ser responsabilizado legalmente.

Redes sociais

A partir do século 21, a comunicação política passou por mudanças nas estratégias e na hegemonia das mobilizações populares, com a ascensão das redes sociais. Especialmente após os eventos de 2013, essas plataformas alavancaram movimentos de extrema direita. O professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e pesquisador dos temas Política e Democracia Darcon Sousa defende que, embora haja o debate sobre a natureza espontânea dos atos, foi introduzido um componente autoritário nas manifestações populares brasileiras, quando “começamos a ver no Brasil uma inflexão e um movimento diferente, um movimento de rua que pede a volta da Ditadura”.

“Até o ano de 2018, isso vai num crescente, as esquerdas políticas vão perdendo esse espaço e o reflexo maior disso é a eleição de Jair Bolsonaro e

todos os acontecimentos que se sucedem durante o seu governo, em que há uma combinação de um exercício de poder autoritário, legitimado por um sistema democrático e amparado por movimentos de rua, que, a todo tempo, estão tensionando o tecido institucional, no sentido de que se feche o regime de que se estabeleça um regime mais autoritário, mais excludente”, analisa.

O professor lembra que Bolsonaro era visto como uma “anedota folclórica” e aproveitou-se da utilização e do poderio das redes sociais para mobilizar parte da população. “Na política brasileira, ele se monta nessa estrutura tecnológica intensa, dos bastidores das redes sociais, e aparece, em 2018, como líder de pesquisas eleitorais e, assim, prossegue, ainda hoje, mesmo na atual situação, mobilizar amplos setores da opinião pública e da população brasileira e isso se deve muito ao trabalho que eles fazem nas redes sociais”.

Nesse contexto, o docente sinaliza que há pouca divisão entre a mobilização no mundo

digital e no mundo real, sendo que os dois campos têm muito peso nas mobilizações populares. “Um alimenta o outro. As ruas, as manifestações populares são o que há de mais substantivo na democracia, mas, por outro lado, há todo um trabalho de formação da consciência, de mobilização, de ativar a sensibilidades que acontece lá onde a comunicação está cega, onde ela está concentrada, que é nas redes sociais”, conclui.

Desafios para sindicatos

Para o presidente da Central Única dos Trabalhadores da Paraíba (CUT-PB), Sebastião dos Santos, as mobilizações populares atuam como um motor de transformações e rupturas sociais no Brasil. Ele destaca que, no atual cenário de “ameaças e ataques às instituições”, a participação popular é fundamental para a defesa da democracia.

No entanto, os principais desafios para essa mobilização estão em torno da “acomodação e adormecimento” das novas gerações e das transformações do mundo do trabalho — como o avanço da inteligência artificial —, que contribuem para um isolamento, dificultando as grandes mobilizações do passado.

“O outro desafio que nós temos é que o movimento sindical, de certa forma, se elitizou, se burocratizou ao longo da sua história. E nós precisamos reinventar, adequar o movimento sindical às transformações do mundo do trabalho. E tudo isso dificulta o processo de luta”, lamenta.

Diante desse cenário, a CUT-PB e outros movimentos sociais estão articulando ações concretas, como uma caravana com destino a Patos, cidade natal do presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta. A manifestação, prevista para o dia 25 de outubro, tem o objetivo de realizar um grande ato contra a reforma administrativa e a anistia aos envolvidos no 8 de janeiro — pautas que a CUT-PB considera um “desrespeito do Congresso com o povo brasileiro”.

Segundo o dirigente sindical, a mobilização envolve os estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte, além da própria Paraíba. “Toda ação tem uma reação e acreditamos que nós vamos ter que reagir, porque não dá para continuar esse compromisso do Congresso com o capital financeiro, com o mercado financeiro”, critica.

Movimentos sociais que fizeram história no país

O Petróleo é Nosso (1948-1953)
Mobilização pelo desenvolvimento nacional culminou com a criação da Petrobras



Imagem: Rep.

Campanha da Legalidade (1961)
Civis engajaram-se para derrubar veto das Forças Armadas à sucessão legal de Jânio Quadros e garantir a posse de João Goulart



Foto: Div./MCH/C

Greve dos canaviais (1984)
Na primeira paralisação desde o Golpe Militar de 1964, trabalhadores rurais lutaram por melhores salários



Foto: Arq. A União

Caras-pintadas (1992)
Movimento estudantil protestou contra esquemas de corrupção e pressionou autoridades pelo impeachment do então presidente da República, Fernando Collor de Mello



Foto: Sérgio Lima/Ag. Brasil

PESQUISA CLÍNICA

Governo regulamenta lei que traz segurança ao setor

Marco legal contribui para que o Brasil seja um dos 10 países mais produtivos

Agência Gov

O Governo Federal regulamentou, na última semana, a Lei da Pesquisa Clínica, um marco para o desenvolvimento científico e para a saúde no Brasil. A legislação traz mais segurança jurídica, atrairá investimentos em inovação e impulsionará um setor estratégico para o desenvolvimento científico e industrial do país, ao mesmo tempo que fortalece a segurança e a proteção dos participantes, garantindo que os avanços ocorram de forma ética e responsável.

O Brasil está entre os 20 países no *ranking* global de estudos clínicos, mas participa de menos de 2% da pesquisa clínica mundial. O país tem potencial de estar entre os 10 países mais relevantes do mundo nessa área e a expectativa é que a nova legislação impulse este crescimento. A regulamentação coloca o Brasil em sintonia com modelos internacionais.

“Muitas vezes, uma universidade ou um instituto quer fazer um projeto de avaliação de medicamento e, hoje, no Brasil, isso demora, em média, até seis meses, em alguns casos, até um ano, para aprovação pelas várias etapas do sistema atual. Esse sistema foi criado nos anos 1990 e deu conta da necessidade de se ter um sistema de ética em pesquisa no país. Mas, com o novo instrumento aprovado pelo Congresso Nacional e regulamentado pelo presidente, estamos modernizando esse sistema para encurtar os prazos de



Foto: Carlos Rodrigo

Avaliação do uso de medicamentos terá mais celeridade

aprovação”, afirmou o ministro da Saúde, Alexandre Padilha.

Em 2024, o Brasil registrou 254 estudos clínicos. A expectativa é dobrar esse número e reverter a tendência de queda a partir de 2022, quando os marcos regulatórios de outros países tornaram-se mais competitivos. Após a pandemia de Covid-19, países como China, Reino Unido, membros da União Europeia, Índia, Canadá e Estados Unidos reavaliaram seus dispositivos legais, buscando aumentar a competitividade, estimular a inovação e facilitar o acesso a novas tecnologias.

“Vários estudos avaliam o potencial de crescimento de investimentos, que deve mais do que triplicar no Bra-

sil, de indústrias, universidades e cooperação internacional para esses estudos de pesquisa no país. Isso é decisivo para atrair também a produção de medicamentos e de diagnósticos. Portanto, é um marco regulatório que vai permitir que o Brasil tenha mais pesquisa na área da Saúde e, ao mesmo tempo, atraia investimentos, produtos e gere emprego e renda aqui no Brasil”, destacou o ministro.

Com uma população de aproximadamente 214 milhões de pessoas e ampla diversidade genética e cultural, o país reúne condições únicas para atrair investimentos de instituições mundiais e gerar impactos positivos para o fortalecimento do SUS.



Foto: Valer Campanato/Agência Brasil

“O marco regulatório vai permitir que o Brasil tenha mais pesquisas, atraia investimentos, produtos e gere emprego e renda

Alexandre Padilha

Prazo para aprovação de estudos ficou menor

O novo modelo, que está alinhado às melhores práticas internacionais, reduz de 180 dias para 30 dias o processo de avaliação dos projetos pelos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs). A avaliação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) será de até 90 dias úteis. Já as pesquisas estratégicas para o SUS e os casos de situações emergenciais em saúde serão avaliados em até 15 dias úteis.

“Essa agilidade desburocratiza o sistema e amplia os investimentos no país, aumentando o acesso de quem precisa. É uma decisão corajosa e arrojada, que fortalece a soberania do nosso país, além de modernizar o sistema de análise de ética em pesquisa, torná-lo mais eficiente, tanto na proteção do participante quanto na análise dos projetos”, avalia a secretária de Ciência, Tecnologia e Inovação e do Complexo Econômico-Industrial da Saúde, Fernanda De Negri.

A nova lei determina, ainda, que, em casos de doenças graves e sem alternativas de tratamento, os pacientes que apresentarem benefícios comprovados tenham garantida a continuidade do tratamento por até cinco anos após o término da pesquisa, mediante plano prévio aprovado pelo

■ Pacientes com doenças graves que tiverem benefícios durante as pesquisas poderão continuar tratamento

CEP. A oferta do medicamento pode ser encerrada em situações como decisão do participante, cura, surgimento de alternativa terapêutica, ausência de benefício ou ocorrência de reação adversa grave.

A proteção aos participantes também foi reforçada, com definição do consentimento livre e esclarecimentos mais detalhados. Regras específicas para pesquisas com grupos vulneráveis — como crianças, gestantes, povos indígenas e pessoas privadas de liberdade — foram estabelecidas para assegurar tratamento ético diferenciado, medidas específicas de salvaguarda e mais segurança. Houve, ainda, definição clara das responsabilidades de pesquisadores, patrocinadores e instituições.

Sistema Nacional de Ética

O modelo do Sistema Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos segue estruturas colegiadas independentes já consolidadas em diversos países, como Canadá e nações da União Europeia. O Sinep será composto por duas instâncias: a Instância Nacional de Ética em Pesquisa (Inaep) e a Instância de Análise Ética em Pesquisa, formada pelos CEPs.

A Inaep é uma instância normativa, consultiva e fiscalizadora, que concilia proteção dos participantes, garantia de participação da sociedade civil nos processos e agilidade na análise de protocolos. Sua composição será plural, com o Conselho Nacional de Saúde (CNS), os ministérios da Saúde, de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e da Educação (MEC), a Anvisa e o Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap). Os especialistas independentes serão selecionados via edital público, com critérios que promovam diversidade regional, étnico-racial e interdisciplinaridade, além de contar a experiência em CEPs.

Os Comitês de Ética em Pesquisa, por sua vez, permanecem como instâncias fun-

damentais na análise ética das pesquisas, atuando de forma independente e com mais autonomia. Agora, estão organizados em dois níveis — credenciados (para estudos de baixo e médio risco) e acreditados (para todos os níveis de risco).

“Para o período de transição, vamos instituir um grupo de trabalho. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) e os CEPs seguirão exercendo plenamente suas atribuições, assegurando a continuidade das análises em andamento e evitando qualquer interrupção na tramitação dos protocolos de pesquisa”, garantiu Fernanda De Negri.

O Sinep também será fortalecido por instrumentos modernos de governança, como a Plataforma de Pesquisas com Seres Humanos, que substituirá a atual Plataforma Brasil até o fim do próximo ano. A tecnologia contribuirá com o monitoramento dos estudos em execução de forma integrada, ampla e simultânea, buscando garantir que todas as regiões do país sejam beneficiadas com pesquisas clínicas por meio de direcionamento correto dos recursos e informações compartilhadas com sistemas da Anvisa.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (13)

Em Igarassu, Pernambuco, tem um vereador perpétuo. É Santo Antônio. Acredite se quiser! O santo casamenteiro é considerado vereador perpétuo pela Câmara de Igarassu em Pernambuco, por lei aprovada em 1951. Ele recebe um jetom anual, um salário mínimo que o santo gasta comprando pão para os pobres. É o único santo vereador no mundo!

Sonsinho desconfia que Deus é padeiro porque os fiéis sempre pedem “o pão nosso de cada dia”.

“O pobre tem três caminhos: a desgraça, a safadeza ou o estudo” (Zé Marques, motorista de táxi, citado por Petrônio Souto).

Você sabe que é pobre quando liga o chuveiro e a luz da casa pisca.

“A grande maioria do eleitorado não faz a mais vaga ideia do que seja esquerda e direita”, avalia Renato Meirelles na TV Brasil. Acabaram com o pontão-esquerda e o pontão-direita no futebol.

Ando meio peripatético e escalafobético. Ando cheio de minhas próprias perfídias.

Li o livro “Um poema acontece”, de W. J. Solha, enquanto esperava ser atendido pela médica. Exatos 70 minutos. O habitual caleidoscópio de imagens/ideias poéticas e históricas em mutação. Genial!

“A poesia não fala do que é, mas, do que poderia ser” (Aristóteles).

“Quando você vai arrumar o cabelo no vidro de um carro e depois descobre que tem gente dentro, é Satanás querendo te matar de vergonha. Tá amarrado em nome de Jesus!” (Irmã Zuleide).

Vote num candidato que lute pelo seu direito de ser imbecil e cachaceiro.

Quando eu morrer, evitem a vulgaridade e hipocrisia do velório.

Mas todos estão liberados para mentir positivamente a meu respeito.

“Na nossa sociedade, só os mortos são benquistos. Um morto não disputa, não exige, não critica nem atrapalha” (Millôr Fernandes).

“Ai, quem me dera uma feliz mentira que fosse uma verdade para mim!” (J. Dantas).

Vamos mentir profilaticamente, caridosamente, humanitariamente, e não cruelmente, ferinamente, maliciosamente.

“Atitude sustentável de hoje: mais um dia sem tomar banho e sem lavar louça. Salvando a água do planeta” (Ameba, o imundo).

“Se os opostos se atraem, cadê a pessoa bonita, inteligente, rica e legal atraída por mim?” (Ameba, o indigno).

“Se você morasse na Índia, seria considerada sagrada e intocável” (Maciel para Madame Preciosa).

“Se você fosse a última pessoa da terra, eu exigiria uma recontagem” (Madame Preciosa para Maciel Caju).

“Querida mandar um beijo pra minha barriga que, ao contrário do dono, está evoluindo na vida” (Ameba, o pançudo).

Sonsinho tem uma grande ideia: criar o mês de apenas 10 dias para se adequar ao salário.

Já matou seu inimigo hoje? Um assassinato imaginário por dia evita a necessidade de um psiquiatra” (Ameba, o criminoso virtual).

RESOLUÇÃO DO CFM

Adolescentes trans veem retrocesso

Promulgada em abril, decisão veta terapia hormonal e prescrição de bloqueadores puberais para menores de 18 anos

Maykon Almeida
Gabriela Nangino
Jornal da USP

Uma pesquisa, realizada no Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (Amtigos) da Faculdade de Medicina (FM) da Universidade de São Paulo (USP), aponta que adolescentes transgêneros, seus pais e cuidadores veem a Resolução nº 2.427/2025 do Conselho Federal de Medicina (CFM) como um retrocesso, uma regra ideologicamente motivada e sem embasamento científico. Promulgada em abril deste ano, a resolução veta a terapia hormonal para menores de 18 anos e proíbe a prescrição de bloqueadores hormonais da puberdade em crianças e adolescentes com disforia de gênero. Além disso, cirurgias de redesignação de gênero com efeito esterilizador — que englobam a grande maioria das cirurgias em mulheres trans — passam a ser

proibidas para menores de 21 anos. O dispositivo invalida, ainda, uma regra anterior. Trata-se da Resolução nº 2.265/2019, também do CFM, que ampliou o acesso a tratamentos hormonais em adolescentes transgêneros. Para especialistas envolvidos na pesquisa, “restringir o acesso a esses cuidados pode agravar ainda mais as vulnerabilidades estruturais e psicossociais vivenciadas por essa população”. Os resultados foram descritos em um artigo disponibilizado em versão *preprint*, que aguarda a revisão por pares. Para a investigação, foram realizados, de maio a junho, nove grupos focais, com 31 adolescentes transgêneros que recebiam cuidados no Amtigos no momento do estudo e 21 cuidadores. O grupo focal é uma técnica de pesquisa que consiste na coleta de discursos por meio de debates sobre tópicos específicos entre os participantes, estimulados por



Jovens apontam que a resolução do CFM fere autonomia em relação às suas próprias vidas

um mediador. Para os pesquisadores da FM, a escuta por meio desses grupos permite capturar a complexidade das experiências e emoções dos participantes afetados pela resolução. Se-

gundo eles, “ao centralizar essas vozes, o estudo busca informar políticas mais éticas, baseadas em evidências e políticas inclusivas para os cuidados das pessoas trans”. “A nossa intenção é trazer

essas vozes. A nova resolução deixa de lado uma parte crucial do cuidado em saúde, que é ouvir aqueles que vão ser afetados por aquela decisão. Estudos como esse devem ser considera-

dos e expandidos para outras realidades de adolescentes e crianças trans”, afirma Bruna Mazzolani, doutora em Ciências e primeira autora do artigo.

STF
No começo do mês, em 2 de outubro, o ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF) manteve a validade da resolução do CFM. O texto havia sido suspenso por uma decisão da Justiça Federal do Acre, mas o Conselho recorreu ao STF para anular essa suspensão. Como já existem dois processos, na Corte, voltados para a análise da constitucionalidade dessas regras, Dino optou por restituir ao STF a competência para julgar a questão “até que o exame concentrado seja realizado pelo foro constitucionalmente competente, assegurando-se, assim, segurança jurídica, uniformidade e deferência ao desenho constitucional do controle de constitucionalidade”.

Pacientes eram acompanhados por psicólogos antes de transicionarem

A Resolução nº 2.265/2019, invalidada pela decisão mais recente do CFM, permitia o uso de bloqueadores da puberdade na pré-adolescência de acordo com demandas individuais, a partir de uma avaliação contínua dos aspectos biopsicossociais que envolvem o processo. Eles poderiam ser utilizados apenas na fase Tanner 2 (escala da maturação do desenvolvimento físico), que ocorre por volta dos 12 anos, dura alguns meses e marca o início de mudanças significativas no corpo. Os medicamentos não são uma decisão definitiva e não contêm hormônios: seu único papel é suprimir temporariamente a produção do estrogênio ou da testosterona, retardando a evolução sexual para reduzir sintomas de disforia. Segundo Alexandre Saadeh, coordenador do Amtigos, isso não prejudica o desenvolvimento final e permite que o pré-púbere (jovem nas proximidades da puberdade) tenha mais tempo para refletir sobre sua identidade de gênero e explorar suas opções junto a um psicólogo — até

atingir uma idade avançada o suficiente para optar, ou não, pela terapia hormonal. A hormonização era permitida a partir dos 16 anos, idade mínima em diversos países, com uma equipe mínima formada por pediatra, psiquiatra, endocrinologista, ginecologista, urologista e cirurgião. “A 2.265 [anulada] demorou dois anos para ser redigida; consultou o Conselho Federal de Psicologia, o Conselho Federal de Serviço Social, o Ministério da Saúde, as famílias, os técnicos e os especialistas; foi um trabalho muito minucioso”, afirma Saadeh. Desde a norma recente, o pesquisador conta que dois de seus pacientes já perderam o bloqueio. Mais dois, que estão entrando na puberdade agora, provavelmente também perderão. De acordo com o CFM, a decisão de estabelecer a idade mínima de 21 anos para realização de procedimentos esterilizantes é justificada, pois essa é a faixa etária exigida para cirurgias de infertilidade, como a vasectomia. Entretanto, Saadeh co-

menta que há uma diferença basal no objetivo desses procedimentos, e compará-los é até mesmo antiético. “São critérios completamente distintos; a infertilidade é uma opção, uma escolha; aqui, a gente está falando de uma existência”, reforça. “Não é uma resolução inocua, é ideológica. Ela remove direitos e tem um efeito direto em uma população minorizada, pequena estatisticamente falando, mas que já é exposta a imensas violências”, complementa Bruno Gualano, presidente do Centro de Medicina do Estilo de Vida (CMEV).

■ **Regras atuais proíbem redesignação sexual antes de 21 anos; para pesquisador, isso nega a existência das pessoas trans**

“Não nos encaixamos no corpo com o qual nascemos”, afirma jovem

Os grupos focais foram conduzidos ao redor de algumas temáticas principais, como opiniões e sentimentos, experiências individuais e preocupações quanto ao futuro após as novas medidas. Os relatos giraram em torno do descontentamento com a decisão do CFM. Tantos os adolescentes quantos seus cuidadores sentiram-se afetados e atacados de alguma maneira. “Eu me sinto atacada de certa forma, sabe? Então, esse sentimento de ansiedade, de angústia, de depressão, de tristeza, de não ter a saída para essa situação toda”, afirmou um dos cuidadores. Para os adolescentes, a resolução enfatiza o preconceito contra a existência das pessoas com disforia de gênero e sua autonomia em relação às próprias vidas. Além disso, eles expressaram indignação com a tomada de decisão por pessoas alheias às vivências de pessoas transgênero. “[...] ao fazer essa lei, eles estão forçando crianças e adolescentes a viver em corpos que não lhes pertencem. Não nos encaixamos no corpo com o qual nascemos”, afirmou um dos participantes. O bloqueador puberal foi destacado por ambos os grupos como algo positivo para crianças e adolescentes, tanto fisicamente quanto psicologicamente. “Com a terapia hormonal, eles estavam satisfeitos com o desenvolvimento de características físicas que correspondem ao que é esperado para sua identidade de gênero, o que era o desejo quando iniciaram o tratamento”, afirmam os pesquisadores. Uma das justificativas usadas pelo CFM na resolução é a possibilidade de que pacientes venham a passar por pro-

cessos de destransição. Nos grupos focais, essa justificativa foi descartada, tanto pelos adolescentes quanto pelos cuidadores, pois os cuidados e os tratamentos para a afirmação de gênero no Brasil são bastante rigorosos e requerem um longo monitoramento e acompanhamento por profissionais especializados. Alguns cuidadores destacaram a destransição como o resultado entre pessoas sem acesso a suporte e aconselhamento ou até um processo natural de descobrimento da própria identidade. Como destaca um dos cuidadores, “ele vai se descobrir, se conhecer, experimentar. E nós estaremos lá apoiando-o nessas construções e desconstruções. Somos seres que estamos constantemente desconstruindo e reconstruindo”. Para os adolescentes, a destransição é vista como algo mais ligado às pressões externas do que ao arrependimento. Fatores como religião, política e problemas familiares foram destacados. Para alguns cuidadores, outro ponto a ser levado em consideração é a diversidade de realidades vivenciadas pelos transgêneros. “Meu filho é negro e trans. Nós temos que discutir coisas assim também”, afirmou um deles. O relato revela as lacunas ainda presentes no estudo e mapeamento das condições de pessoas com disforia de gênero, o que impacta diretamente no desenvolvimento de políticas públicas e ações voltadas para essa população ainda invisibilizada e pouco reconhecida. “Eu também fico preocupada, sem o bloqueador, outros apontam isso. Se você não consegue um emprego, você enfrenta preconceito. É por

isso que tantas pessoas acabam marginalizadas e desempregadas, certo? Porque elas são marginalizadas, não tem como evitar, é hipócrita dizer o contrário. As aparências, infelizmente, contam muito”, pontuou um dos cuidadores, acerca das barreiras enfrentadas pelas pessoas trans ao desenvolver características sexuais secundárias e viver em uma sociedade transfóbica. Segundo Bruno Gualano, que também é docente da FM e um dos condutores do estudo, para além da oposição dos grupos às novas medidas, relatos como esse revelam o grau de consciência política por parte dos pacientes e cuidadores. Alguns expressaram seu descontentamento, por exemplo, com a parada LGBTQIA+, que, para eles, tornou-se mais uma celebração do que um momento de luta por direitos. Nesse sentido, organizações da sociedade civil, como a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (Antra) e as Mães pela Diversidade, são de extrema importância no desenvolvimento de ações, mobilizações, cartilhas e orientações para a comunidade trans sobre novas medidas e políticas que atingem suas existências e resistências. “O que esperamos é que essas evidências também informem essas decisões judiciais. Os discursos que foram colhidos no âmbito desse projeto são muito fortes. Eles indicam perseguição política, uma restrição ao ser, à possibilidade de viver plenamente”, diz Gualano. Estudos como esse demonstram a necessidade da realização de pesquisas que consigam ir além dos dados e escutem essas vozes marginalizadas e invisibilizadas.



Foto: Reprodução/Lattes

Para Gualano, decisão é “ideológica”, atingindo uma população já vítima de violência

NA PARAÍBA

Certames reúnem quase 120 vagas

IFPB, UEPB e Prefeitura de Brejo dos Santos oferecem vagas em áreas como Educação, Saúde e Administração

Priscila Perez
priscilaperezcommunicacao@gmail.com

Concursos de diferentes perfis e portes abrem novas possibilidades na Paraíba nesta semana. Ao todo, são quase 120 vagas distribuídas por várias regiões do estado. Do trio de certames, o do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) é o maior deles, com 53 oportunidades em cargos de níveis médio, técnico e superior, além de salários de até R\$ 4,9 mil. Já Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) reforça o cenário com dois processos seletivos que somam 28 vagas em seus *campi*. A Prefeitura de Brejo dos Santos completa o trio com 38 chances e remuneração que pode chegar a R\$ 9 mil.

Oportunidades diversas

O novo concurso do IFPB reúne 53 vagas em diferentes áreas, com oportunidades para assistente em administração, pedagogo, psicólogo, nutricionista, psiquiatra, arquivista, bibliotecário, além de técnicos em diversas espe-

Salários

Os aprovados do IFPB terão remunerações que chegam a R\$ 4,9 mil. Na UEPB, os salários variam de R\$ 2,5 mil a R\$ 3,9 mil e em Brejo dos Santos podem chegar a até R\$ 9 mil

cialidades, incluindo Contabilidade, Enfermagem e Tecnologia da Informação. Aos aprovados, serão oferecidas remunerações que variam de R\$ 2,4 mil a R\$ 4,9 mil, acrescidas de R\$ 1 mil de auxílio-alimentação, para jornadas de 40 horas semanais.

Para participar do concurso, acesse o *site* do Instituto AOCF até 5 de novembro e siga as instruções. A taxa de inscrição custa de R\$ 100 a R\$ 150, de acordo com a vaga

escolhida. É necessário ter a escolaridade exigida para atuar no cargo, idade mínima de 18 anos e registro no respectivo conselho de classe. Sobre a avaliação, todos os candidatos farão uma prova objetiva no dia 7 de dezembro, composta por questões de Língua Portuguesa, Matemática, conhecimentos gerais e específicos. A seleção ocorrerá nas cidades de Cajazeiras, Campina Grande, João Pessoa, Patos e Sousa.

Níveis médio e superior

Já na UEPB, dois editais foram lançados com 28 vagas temporárias para profissionais de níveis médio e superior. No primeiro, há oportunidades para assistente administrativo, auxiliar de biblioteca, engenheiro de Segurança do Trabalho e psicólogo, com atuação em Campina Grande, Lagoa Seca, Guarabira e Araruna. Já o segundo edital concentra vagas para técnicos de laboratório nas áreas de Bromatologia, Química, Microbiologia, Esterilização, Geotecnia e Ma-

nutenção de Equipamentos Odontológicos, distribuídas nos *campi* de Araruna, Lagoa Seca, Campina Grande, Sousa e Catolé do Rocha. Os salários variam de R\$ 2,5 mil a R\$ 3,9 mil, com carga horária de 40 horas semanais.

As inscrições seguem abertas até 2 de novembro e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo Sistema de Gerenciamento de Processos Seletivos (Sigeps) da universidade, com taxas de R\$ 95 a R\$ 115. A seleção inclui a aplicação de prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, marcada para 23 de novembro. Para os cargos técnicos, haverá ainda prova prática, a ser aplicada na ci-

dade de Campina Grande. O processo todo será conduzido pela Comissão Permanente de Concursos (CPCon) da UEPB.

Sertão paraibano

A Prefeitura de Brejo dos Santos, por sua vez, está com 38 vagas para todos os níveis de escolaridade. O edital contempla cargos como professor, enfermeiro, psicólogo, fisioterapeuta, farmacêutico, médico e assistente social, além de vagas para profissionais de apoio, incluindo porteiro, recepcionista, cozinheiro e auxiliar de serviços gerais. Quanto à remuneração, os salários ofertados vão de R\$ 1,5 a R\$ 9 mil, dependendo do cargo, com jornadas de 20 a 40 ho-

ras semanais, ou de R\$ 900 a R\$ 1,8 mil por plantão.

Os interessados têm até 26 de outubro para se inscreverem no concurso, por meio do *site* da Ápice Consultoria. Para participar, a taxa cobrada vai de R\$ 43 a R\$ 62, conforme o nível de escolaridade exigido. Quanto à seleção, o processo será composto por provas escrita, agendada para 30 de novembro, prática e de títulos para determinados cargos. Todas as etapas ocorrerão na cidade de Brejo dos Santos, mas, se o número de candidatos inscritos exceder a capacidade de aplicação, as provas também poderão ser realizadas em municípios vizinhos.



Use o QR Code para acessar o edital do IFPB



Use o QR Code para acessar o sistema da UEPB



Use o QR Code para acessar o site da prefeitura

Segurança do Trabalho protagoniza gestão de pessoas e riscos

Você já ouviu falar no “fiscal do capacete”? Durante muito tempo, essa foi a maneira popular de se referir à figura do engenheiro de Segurança do Trabalho, o responsável por verificar o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) pela equipe. Mas, em um mercado guiado por pautas tão necessárias como saúde mental e ESG (sigla em inglês para Ambiental, Social e Governance), essa imagem, definitivamente, ficou para trás. Hoje, o profissional atua como gestor estratégico de bem-estar, riscos e produtividade, garantindo ambientes que sejam, de fato, seguros e humanos. Como explica George Teixeira, engenheiro e higienista ocupacional, a área tornou-se essencial à governança das empresas.

Mas nem sempre foi assim. A Engenharia de Segurança do Trabalho passou por uma transformação profunda nos últimos anos, deixando de ser um setor meramente técnico para se tornar parte da estratégia de negócios. De acordo com George Teixeira, essa mudança tem relação direta com as novas normas que modernizaram a área. Um bom exemplo disso é a NR-1, que passou a exigir das organizações a implementação do Programa de Gerenciamento de Riscos (PGR), um documento que as obriga a identificar e controlar todos os riscos impostos pelo ambiente de trabalho. Com isso, a abrangência do Gerenciamento de Riscos Ocupacionais (GRO) também foi ampliada, incluindo, agora, fatores psicossociais, como estresse e pressão excessiva. “Agora, temos as ferramentas e a obrigação legal de integrar a gestão de segurança e saúde em todos os níveis da



Foto: George Teixeira/Arquivo pessoal

Segundo George, o profissional atua como gestor estratégico, garantindo ambientes que sejam, de fato, seguros e humanos

organização. Isso nos permite não apenas identificar e mitigar riscos de acidentes, mas também direcionar ações que promovam um ambiente de trabalho integralmente saudável”, explica.

Novos campos

Esqueça o capacete. Quer dizer, não literalmente. Muito associada a fábricas, hospitais e canteiros de obras, a atuação do engenheiro de Segurança do Trabalho vai muito além dos chamados “setores de alto risco”. A profissão é versátil e ganhou espaço, também, na gestão estratégica e financeira das empresas. “Nossa *expertise* passou a

contribuir, diretamente, para a sustentabilidade financeira e jurídica das organizações. Hoje, atuamos na redução de custos e riscos legais”, explica George. Na prática, o profissional ajuda a diminuir passivos trabalhistas, apoia auditorias e colabora na obtenção de certificações como a ISO 45.001, norma internacional voltada à gestão da segurança e saúde ocupacional. Outro campo em plena expansão, segundo ele, é o da Higiene Ocupacional, focado na avaliação de agentes de risco, um movimento que tem tudo a ver com as práticas de ESG nas corporações.

Não por acaso, o domínio

das normas técnicas continuando essencial para o exercício da profissão. Mas, cada vez mais, são as competências humanas que diferenciam os melhores profissionais. Afinal, como é possível garantir um ambiente de trabalho saudável sem saber conversar com as pessoas? Não dá. “Precisamos transitar e dialogar com todos os níveis da empresa, da alta diretoria ao trabalhador na linha de frente”, destaca George. Essa interlocução exige empatia, escuta e poder de persuasão para transformar um tema aparentemente “burocrático” em valor organizacional. Para ele, o engenheiro que se destaca

é aquele que alia rigor técnico, senso crítico e atualização constante. “Um pequeno desvio pode gerar grandes consequências, por isso atenção e atualização são indispensáveis”, reforça.

Cultura de prevenção

Apesar dos avanços, ainda há muitos desafios a serem superados, especialmente quando o assunto é o papel estratégico da Segurança do Trabalho. Mesmo em um cenário no qual se fala tanto sobre saúde mental e qualidade de vida, ainda há gestores que tratam o tema como mera obrigação legal. Segundo George Teixeira, o que fal-

ta é uma verdadeira cultura de prevenção. “O maior empecilho é a cultura de enxergar a Saúde e Segurança do Trabalho (SST) como custo, e não como investimento”, avalia. Por isso, ele acredita que o melhor caminho para mudar essa percepção seja demonstrar resultados concretos. No fim, quando a empresa valoriza a prevenção, os resultados aparecem em todos os indicadores — do clima organizacional à rentabilidade. “Se os colaboradores sentem-se seguros e valorizados, a produtividade e o engajamento aumentam naturalmente”, finaliza.

Em Campina

Na Paraíba, quem deseja seguir carreira como engenheiro de segurança do trabalho pode se inscrever no processo seletivo simplificado da UEPB, que abriu duas vagas temporárias para o cargo no Campus I, em Campina Grande. A remuneração é de R\$ 3.922,87, com jornada de 40 horas semanais. Para participar, é preciso ter graduação em Engenharia, especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho e registro no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA). O resultado definitivo do certame será divulgado em 5 de dezembro.

■ Mesmo em um cenário no qual se fala tanto sobre saúde mental, ainda há gestores que tratam o tema como mera obrigação

Selic Fixado em 17 de setembro de 2025 15%	Salário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial +2,38% R\$ 5,503	Euro € Comercial +2,83% R\$ 6,39	Libra £ Esterlina +2,71% R\$ 7,350	Inflação IPCA do IBGE (em %) Agosto/2025 -0,11 Julho/2025 0,26 Junho/2025 0,24 Maio/2025 0,26 Abril/2025 0,43	Ibovespa 140.680 pts -0,73%
--	---	--	---	---	--	--

EM 2024

Paraíba produziu mais de 8 mil toneladas de camarão

Carcinicultura do estado manteve-se em terceiro lugar no país, aponta IBGE

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

A última pesquisa da Pecuária Municipal (PPM), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), confirmou que a Paraíba segue em uma tendência de consolidação na relevância para o país na carcinicultura. O estado ocupa, desde 2019, o terceiro lugar no Brasil na quantidade de produção de camarão. Analisados os dados de 2024, a Paraíba alcançou um montante de 8,9 mil toneladas de produção, gerando R\$ 183,3 milhões em valor de produção. O estado superou Pernambuco (6,6 mil toneladas), Bahia (4,8 mil toneladas), Piauí (4,3 mil toneladas) e Sergipe (4,2 mil toneladas). O levantamento, aliás, mostra como o Nordeste domina de maneira soberana o mercado de criação de camarões no país, com os três estados líderes, Ceará (83,8 mil toneladas), Rio Grande do Norte (31,6 mil toneladas) e a Paraíba (8,9 mil toneladas) somando 84% da carcinicultura no Brasil. A produção de camarão



Setor é responsável por cerca de três mil empregos diretos e indiretos no estado, segundo a ACP

no estado segue uma trajetória constante de evolução. Em 2013, o primeiro ano da série histórica da pesquisa do IBGE, a produção era de 864 toneladas. Já em 2019, ultrapassava 4,3 mil toneladas. Contando de 2014 para 2024, o crescimento foi superior a 10 vezes. De 2019 a 2021, o salto foi consideravelmente expres-

sivo. O criação de camarões nesse ciclo de tempo praticamente dobrou, fazendo com que a cultura ultrapassasse a de produção de peixe no estado, assumindo a liderança econômica da aquicultura a partir dali. Realidade que vem permanecendo e que ganha novos horizontes e metas. De acordo com a estimativa da Associação dos Carcinicultores da Paraíba (ACP), o setor vem gerando cerca de três mil empregos diretos e indiretos. Para o presidente da ACP, André Jansen, o estado segue a passos largos para conquistar ainda mais relevância nacional no setor. “Hoje, a criação de camarão na Paraíba é uma realidade, seguimos colados no Rio Grande do Norte, com uma produção estimada de 18 a 20

mil toneladas para o ano de 2025. Temos a maior produtividade média por hectare/ano, que ultrapassa a média nacional que é de sete toneladas. Na Paraíba temos uma produtividade de 15 a 20 toneladas por hectare/ano”, avaliou. André destaca ainda o Vale do Paraíba, região que engloba Itabaiana e cidades vizinhas, e o Vale de Mamanguape, no Litoral Norte, como expoentes importantes da carcinicultura. “Aquela realidade de 900 toneladas já ficou para trás desde 2015, quando outros polos de produção surgiram como o Vale do Paraíba e o Vale do Mamanguape. Além disso, tivemos a recuperação dos produtores em água salgada e a modernização das fazendas”, comentou.



Criação gerou mais de R\$ 183 milhões, no ano passado

Pecuaristas migram para aquicultura

Um movimento interessante dentro da economia paraibana, sobretudo no interior, também responde pela consolidação do estado como terceiro maior produtor de camarão de todo o país. É que alguns pequenos empresários acabam por trocar a pecuária pela aquicultura. É o que revela Alberto Magno, produtor da Fazenda Mirim, localizada em Salgado de São Félix, e referência na produção de camarão. A fazenda emprega 12 pessoas e é um dos importantes pontos da carcinicultura da Paraíba. “Muitas famílias estão trocando a pecuária e a criação de pequenos animais para ter pequenos viveiros em suas propriedades usando as águas do Rio Paraíba. E, hoje, o que vemos no interior do nosso estado é o camarão ganhando mercado e indo para o Sul e Sudeste do país”, conta Alberto.

Fruto do mar está no cardápio da merenda escolar de escolas públicas

Umas das consequências da força da produção de camarões na Paraíba é que a iguaria passou a ser uma constante na alimentação dos paraibanos. Além dos diversos restaurantes que levam o nome do animal e que se especializaram em pratos com o ingrediente, notadamente, em sua maioria, localizados em João Pessoa e em outras cidades do Litoral, alguns municípios passaram a colocar o camarão

na merenda escolar. No interior, por exemplo, Itabaiana e Salgado de São Félix, que ficam a 89 km e 81 km da capital, respectivamente, oferecem camarões em algumas de suas escolas públicas. As duas cidades possuem produtores da carcinicultura. Ou seja, a produção é feita nos municípios e é consumida pela população também, girando a roda da economia localmente e criando uma nova for-

ma de consumo interno, fomentando ainda mais o setor. O presidente da ACP, André Jansen, revela que torce para que o exemplo das duas cidades possa influenciar outras da Paraíba. “Tomara que a Paraíba siga o exemplo de Sergipe, que oferece o camarão na merenda em 100% do estado, proporcionando assim uma proteína rica e nobre aos alunos da rede pública”, explicou André.

Saiba Mais

A produção de camarão, ou carcinicultura, envolve o cultivo em cativeiro utilizando diferentes sistemas (extensivo, semi-intensivo, intensivo) e pode ocorrer tanto em regiões litorâneas quanto em áreas interiores, com infraestrutura para água salobra ou doce. O processo inclui reprodução, larvicultura e engorda, exigindo cuidados com a água e na alimentação dos animais, para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Mestre em Economia UFPB

A economia vai bem? Pergunte às empresas

O Banco Central (BC) lançou, recentemente, a Pesquisa Firmus, criada para medir não apenas projeções, mas, principalmente, o sentimento das empresas sobre a economia brasileira. Diferente de relatórios técnicos, como o Boletim Focus, que, muitas vezes, soa distante da realidade, a Firmus mostra como empresários e empresárias sentem o peso dos custos, a incerteza sobre o futuro e o ânimo para investir. Fica a provocação: o que os números dizem bate com o que as empresas realmente sentem? Na inflação, o contraste é evidente. O Focus projeta 4,80%, em 2025, e 4,28%, em 2026, enquanto a Firmus mostra 5% e 4,5%. Ambos permanecem fora do centro da meta de 3,0% definida pelo CMN, com tolerância de $\pm 1,5$ ponto percentual (p.p.). Isso significa que, em 2025, ainda há chance de convergirmos, mas em 2026 já estaremos no limite superior. Para as empresas, isso não é apenas estatística: é a diferença entre absorver parte da alta de custos ou repassá-la ao consumidor. A inflação pressiona insumos, salários e margens, afetando diretamente a competitividade. No PIB, as leituras são próximas. A Firmus apontou 2,05%, em 2025, e 1,90%, em 2026, enquanto o Focus projeta 2,16% e 1,80%. Ambos indicam crescimento modesto, mas o mercado mostra-se mais pessimista para 2026. Para quem empreende, essa diferença importa: planejar expansão em um cenário de crescimento lento exige cautela e escolhas mais estratégicas. A mensagem é que a economia pode até avançar, mas sem força para sustentar ciclos robustos de

geração de riqueza. O câmbio amplia as divergências. O Focus projeta dólar a R\$ 5,45, em 2025, e R\$ 5,53, em 2026, sugerindo estabilidade. Já a Firmus captou R\$ 5,60 nos próximos seis meses. Apesar dessa melhora, o câmbio segue como um dos indicadores mais voláteis, sujeito a decisões de política monetária global, riscos internos e também ao “tarifaço”, que adiciona incerteza ao comércio internacional e pressiona a competitividade das empresas brasileiras. Para quem depende do comércio exterior, essa oscilação pode alterar margens de lucro de um trimestre para outro. Nos juros, o Focus projeta a Selic caindo de 15%, em 2025, para 12,25%, em 2026. A Firmus não mede esse indicador, mas mostra que, pelo terceiro trimestre consecutivo, as empresas seguem avaliando o ambiente econômico como negativo, mesmo com sinais de custos mais controlados e margens discretamente melhores. Ou seja, mesmo diante de sinais técnicos de melhora, a confiança ainda não voltou. Surge a dúvida: se a inflação parece mais sob controle, o BC deveria acelerar os cortes de juros? Afinal, a Selic está diretamente ligada à capacidade de investir, expandir negócios e gerar empregos. A Firmus, portanto, não apenas complementa o Focus, mas o desafia. Enquanto os números sugerem algum alívio, o humor das empresas continua carregado de cautela. E a pergunta que fica é inevitável: a economia brasileira está realmente no caminho certo — ou as empresas já percebem riscos que os números ainda não revelam?

DETECÇÃO DE METANOL

Pesquisa é financiada pelo Estado

Laboratório de Instrumentação Industrial da UEPB desenvolveu tecnologia que identifica bebidas adulteradas

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

Com mais de 200 casos de intoxicação por metanol registrados no Brasil após ingestão de bebidas alcoólicas, pesquisadores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) apresentaram uma solução inovadora capaz de identificar adulterações antes que uma crise sanitária se espalhe. O desenvolvimento da tecnologia, criado por professores e estudantes do Laboratório de Instrumentação Industrial (Lins), é resultado direto dos investimentos do Governo da Paraíba em ciência, tecnologia e inovação, que vêm fortalecendo a capacidade das universidades de oferecer respostas aos desafios de saúde pública.

O secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties), Claudio Furtado, comentou sobre a importância histórica do momento. “A ciência sempre tem dado resposta para vários problemas que aparecem em momentos de crise. Foi assim durante a pandemia, que deu respostas para a questão das vacinas em tempo recorde. E agora com essa questão de saúde pública que é a contaminação de metanol nas bebidas alcoólicas aqui no Brasil”, afirmou.

A pesquisa financiada pelo Governo Estadual apre-

senta resultados expressivos, com uma taxa de acerto de 97% na determinação do percentual de metanol nas bebidas. Para Claudio, o caso mostra a necessidade de investimento contínuo em pesquisa científica. “A ciência está dando resposta a problemas da sociedade, dando retorno. Por isso a importância de se investir em ciência para que possa, cada vez mais, trazer retorno para a sociedade”, ressaltou.

A pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da UEPB, Nadja Oliveira, enfatizou a importância do financiamento. “Ninguém faz nada sozinho. A Secretaria de Ciência, e Tecnologia e Ensino Superior, através da Fapesq, vem investindo não só nos laboratórios de pesquisa para aquisição de equipamentos, mas também com bolsas de iniciação científica e programas de internacionalização”, disse.

Segundo observou Claudio Furtado, o investimento deve acontecer ainda que, em alguns casos, os resultados apareçam apenas em longo prazo. “Mesmo que inicialmente você pense que às vezes um problema não tem retorno imediato, ele dá respostas à sociedade, como é o caso dessa pesquisa de metanol, que vem demonstrar a importância desse grupo da UEPB nesse cenário agora, de uma crise nacional”, completou.

Graças a esse investimento contínuo, quando a crise do metanol ganhou repercussão nacional, a UEPB já tinha a tecnologia necessária para tentar mitigar os danos do problema. O principal é o teste colorimétrico, que tem maior acessibilidade. O método consiste em um dispositivo tipo canudo contendo reagentes químicos. Em contato com a bebida, o líquido sobe por capilaridade e altera a coloração na presença de metanol. A tecnologia foi criada para ser utilizada por distribuidores e estabelecimentos comerciais, após um treinamento adequado.

Com a crise sanitária, a pesquisa ganhou repercussão e foi destaque na mídia nacional. A equipe atualmente trabalha na proteção da propriedade intelectual das tecnologias desenvolvidas. O objetivo é incorporar os testes, especialmente o colorimétrico, nos protocolos de inspeção sanitária em todo o país. A proposta prevê que a análise torne-se procedimento-padrão em fábricas, distribuidoras e órgãos de fiscalização.

Além disso, paralelamente, a universidade estrutura programas de treinamento para que órgãos de regulamentação, distribuidores e proprietários de estabelecimentos possam utilizar a tecnologia com segurança e eficácia.



Pesquisadores usam canudo com reagente químico para verificar a presença do metanol

Objetivo inicial era melhorar a qualidade da cachaça

A pesquisa começou em 2019, quando o Brasil ainda não imaginava enfrentar uma emergência sanitária desse tipo. Naquele período, o Governo Estadual, por meio da Secties e da Fapesq, já investia em pesquisa e inovação voltadas aos arranjos produtivos locais. O objetivo inicial focava na melhoria da qualidade da cachaça paraibana, tendo em vista que a Paraíba é o maior produtor de cacha-

ça de alambique do Brasil.

O coordenador do Laboratório de Instrumentação Industrial (Lins) da UEPB, o professor Railton de Oliveira, explicou que, em 2023, a equipe publicou um artigo na Food Chemistry, revista de alto impacto na área de química, com fator próximo a 10. O estudo analisou 462 amostras de cachaças paraibanas não contaminadas. Em ambiente laboratorial controlado, os pes-

quisadores adicionaram adulterantes como etanol combustível, metanol e outros compostos.

“O objetivo foi verificar se uma tecnologia que combinava espectroscopia na região do infravermelho associada a processamento multivariado de dados seria capaz de distinguir as amostras não adulteradas daquelas adulteradas”, explica Railton. A taxa de acerto alcançou 97%. “O mé-

todo é muito assertivo, muito preciso e gera um índice com muita precisão de se há ou não contaminação na amostra”, garante o pesquisador.

Investimentos

O destaque nacional do investimento da Paraíba em ciência também é visto nos dados. A Paraíba conquistou o primeiro lugar do Nordeste e a vice-liderança do Brasil em investi-

mentos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), de acordo com o levantamento do Ranking de Competitividade dos Estados, divulgado pelo Centro de Liderança Pública (CLP).

De acordo com o *ranking*, a Paraíba atingiu a média de 80,9 em investimentos públicos em P&D. A pesquisa científica do Estado também foi destaque no levantamento, com uma média de 67,4, atingindo a sexta posição no *ranking* do Brasil e a terceira no Nordeste.

Esses indicativos fazem parte do pilar inovação, o responsável por levar a Paraíba à 11ª posição geral no *ranking* e a primeira posição regional, com uma média de 69,3. Nesse sentido, a Paraíba subiu cinco posições em nível nacional e duas em nível regional, em comparação com o ano anterior.

O professor Railton comentou sobre a importância que esses números revelam: “Isso demonstra a capacidade das universidades paraibanas e o compromisso com o desenvolvimento da tecnologia e o retorno que essa tecnologia deve ter para a sociedade”.

Orientações

A recomendação do Ministério da Saúde, segundo publicação do ministro Alexandre Padilha, é que a população evite ingerir produtos destilados, sobretudo

os incolores. Além disso, ele listou três orientações: certeza da procedência da bebida; alimentação e hidratação; se beber, não pode dirigir em hipótese nenhuma.

O professor Railton Oliveira reforçou a importância de a população seguir essas orientações. “Minha orientação enquanto professor da universidade é que sigamos os protocolos e as orientações que o Ministério da Saúde, órgão extremamente competente, tem compartilhado para que as pessoas se protejam em relação às bebidas contaminadas”, disse.

“

O método é muito assertivo, muito preciso e gera um índice com muita precisão de se há ou não contaminação na amostra

Railton de Oliveira



Tecnologia combina espectroscopia na região do infravermelho associada a processamento multivariado de dados

ARBORIZAÇÃO

Progresso desafia verde da capital

Em meio à expansão urbana, cidade busca conciliar o desenvolvimento com a preservação ambiental



Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Uma das cidades que mais constrói e se urbaniza no país, João Pessoa enfrenta o desafio de crescer sem “cortar” suas raízes. Dados do Censo Demográfico de 2022, do IBGE, mostram que 53,2% das vias da capital paraibana são arborizadas, com pelo menos uma árvore por trecho — número expressivo, mas inferior ao de capitais como Natal (55,2%), Teresina (57,7%) e Fortaleza (59,7%). A taxa também fica abaixo dos 78,4% registrados em 2010, o que traz à tona o impacto que a expansão urbana teve sobre a paisagem pessoense ao longo da última década. Para se ter ideia, a cidade é apenas a 17ª mais arborizada do país, segundo o levantamento. E é justamente aí que reside o maior dos desafios da atualidade: estabelecer um modelo de desenvolvimento sustentável que não suprima o verde.

Em meio ao avanço do concreto, algumas das principais vias da cidade já dão sinais de que é hora de repensar o processo de urbanização por aqui. A Avenida Josefa Taveira, em Mangabeira, e o Retão de Manaíra são exemplos de corredores onde o asfalto predomina. Até a Avenida Eptácio Pessoa, cartão-postal da capital, parece menos verde do que há 40 anos — ao menos na memória de quem a viu arborizada de ponta a ponta.

Mas é na Avenida Cruz das Armas, que corta o bairro de mesmo nome, que essa transformação revela-se de forma mais evidente. Com as calçadas tomadas por estabelecimentos comerciais, o espaço para o verde quase desapareceu. Severino Ramos de Albuquerque, que trabalha no Mercado Público do bairro há mais de 10 anos, acompanha de perto essa mudança.

A maioria das pessoas derrubou suas árvores nos quintais e ficou muito quente

Severino Ramos



Arnaldo da Silva

Lá onde eu moro, também estão derrubando tudo, fazendo prédios e mais prédios

Futuro mais verde

A solução, no entanto, não brota do solo sozinha. Um novo ciclo de arborização já está em curso para devolver à cidade o título do passado: o programa João Pessoa + Verde. De olho no futuro, a Prefeitura quer alcançar 500 mil árvores até 2030, requalificando corredores urbanos e recuperando áreas degradadas. Segundo Anderson Fontes, engenheiro agrônomo e diretor de Con-

“As árvores envelheceram e ninguém fez nada. Não tem mais sombra aqui. A maioria das pessoas derrubou suas árvores nos quintais e ficou muito quente”, conta.

A mesma percepção é compartilhada pelo colega de mercado, Arnaldo da Silva Nascimento, morador do bairro Valentina Figueiredo. Segundo ele, o verde desaparece na mesma velocidade em que os prédios sobem. “Estão arrancando muitas árvores aqui. E, lá onde eu moro, também estão derrubando tudo, fazendo prédios e mais prédios”, diz. O replantio, para ambos, precisa ser um compromisso coletivo, compartilhado entre Poder Público e população.

Para o arquiteto e urbanista Ricardo Vidal, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB), o calor decorrente da ausência de sombra não é um mero efeito térmico, mas sintoma de um problema já enraizado. “A arborização não é um detalhe estético, mas parte central do planejamento urbano. Uma avenida bem arborizada é mais agradável de percorrer e valoriza o entorno, equilibrando infraestrutura e qualidade de vida”, reforça.

Como ele explica, quando o verde deixa de acompanhar a expansão da cidade, o resultado é imediato: aumento das ilhas de calor, piora na qualidade do ar e perda da identidade paisagística. Na prática, uma simples árvore consegue reduzir a poluição sonora, melhorar a drenagem local e amenizar o calor, deixando o ambiente muito mais confortável ao pedestre. “E preservação exige manutenção constante, política pública e integração entre urbanismo e meio ambiente”, acrescenta.

Futuro mais verde

A solução, no entanto, não brota do solo sozinha. Um novo ciclo de arborização já está em curso para devolver à cidade o título do passado: o programa João Pessoa + Verde. De olho no futuro, a Prefeitura quer alcançar 500 mil árvores até 2030, requalificando corredores urbanos e recuperando áreas degradadas. Segundo Anderson Fontes, engenheiro agrônomo e diretor de Con-

trole Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente (Semam), apesar do desafio que é equilibrar crescimento urbano com preservação ambiental, a capital ainda mantém uma boa cobertura vegetal, com cerca de 35% a 37% de sua área composta por parques, reservas e unidades de conservação. Já nas ruas e avenidas, estima-se a presença de 250 mil a 300 mil árvores viárias, distribuídas por canteiros, praças e calçadas, dentro de um universo de mais de oito mil vias. “É um bom número para uma cidade com 37% da área verde preservada. Estamos bem”, afirma. Para ele, a proporção entre quantidade de árvores, população — hoje próxima de 900 mil habitantes — e território (210 km²), é satisfatória, mas ainda há espaço para crescer.

Urbanização

Mas o problema não está apenas na quantidade de árvores nas vias pessoenses. Com a expansão urbana, outros fatores têm dificultado a presença do verde na cidade, de calçadas estreitas a canteiros centrais minúsculos, especialmente em bairros que cresceram sem o devido espaço para o plantio. Na

Avenida Josefa Taveira, a falta de padronização dos passeios é um dos principais entraves, por exemplo. “É quase impossível ter arborização por lá. Em gestões anteriores, houve um descontrole. As calçadas não existem. É muito difícil fazer um trabalho de rearborização no local, mas não quer dizer que não estamos estudando isso”, explica o engenheiro agrônomo. O mesmo ocorre no Retão de Manaíra, onde o comércio intenso deixou pouca área livre para as raízes.

Por isso, ele reforça que não é “só chegar e plantar uma árvore”, como muita gente acredita, já que cada via exige um tipo de intervenção. “Você abre a cova e encontra tubulação de gás, rede de esgoto ou cabeamento subterrâneo. Não adianta plantar 100 mudas se todas elas morrerem. A arborização precisa ser pensada para durar”, complementa. Na Eptácio Pessoa, por exemplo, o replantio vem sendo guiado por estudos de solo e testes com espécies mais resistentes, assim como nas avenidas Beira Rio e Tancredo Neves, que passam por diagnósticos específicos. Já na Cruz das Armas, a reposição já acontece no canteiro central.

“Plantando” a cidade possível em meio ao concreto

Definitivamente, entre os desafios de “plantar” uma cidade mais verde, o espaço é um dos mais difíceis de resolver — ainda mais em um território em pleno crescimento. Anderson Fontes lembra que boa parte dos bairros antigos de João Pessoa foi construída sem qualquer padrão de passeio, o que, hoje, dificulta o plantio de novas árvores. Já nas áreas mais recentes, a legislação passou a exigir calçadas mais amplas, com 2 m de largura, garantindo espaço tanto para o pedestre quanto para a vegetação. Segundo ele, toda rua ou loteamento novo já segue esse modelo. “Hoje, a cada calçamento concluído, a Prefeitura já entrega a via com a árvore à frente, desde que o morador aceite”, completa.

Essa diferença entre o que foi construído antes e o que está sendo planejado agora revela um problema ainda maior: a falta de integração entre infraestrutura, mobilidade e paisagem urbana. Quem faz o apontamento é o arquiteto e urbanista Ricardo Vidal. Para ele, é preciso abandonar a ideia de que adensamento e arborização são processos opostos. “O crescimento

urbano pode — e deve — vir acompanhado de calçadas amplas, arborização planejada e espaços de convivência. Não se trata de escolher entre crescimento ou verde, mas de colocar ambos no mesmo plano de prioridade”, defende. O especialista lembra que a solução passa por revisar a legislação urbanística, a fim de garantir as dimensões adequadas para as calçadas, e tratar a árvore como parte da infraestrutura da cidade. “Calçada não é sobra de terreno, é espaço público essencial para a vida urbana. Se não corrigirmos essa distorção agora, corremos o risco de perder a condição de cidade verde no futuro”, alerta.

Já em bairros consolidados, especialmente nas áreas históricas, ele aponta algumas alternativas criativas, como ruas compartilhadas, niveladas à altura das calçadas, com carros e pedestres circulando juntos; recuos específicos e canteiros lineares no meio-fio, que permitem o plantio de árvores mesmo em vias estreitas. São soluções que, segundo ele, ampliam o espaço de convivência e o fluxo de pedestres sem comprometer a mobilidade. Também é importante considerar o cabeamento aéreo, que muitas vezes inviabiliza o crescimento de espécies de maior porte. “Integrar arborização com calçadas acessíveis, drenagem eficiente e iluminação pública fortalece a função das árvores no conjunto urbano”, finaliza o urbanista.



Fotos: Evandro Pereira

WORLD BEACH GAMES

Dia de Rei e Rainha

Crianças também vão participar do festival de esportes de praia que acontece hoje



Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

A capital pessoense recebe, hoje, o Rei e Rainha do Mar, festival de esportes de praia que já envolveu mais de 150 mil atletas amadores e profissionais em mais de 45 etapas pelo Brasil. Pela primeira vez na Paraíba, a convite do Governo do Estado, o evento integra a programação do Paraíba World Beach Games deste ano, que vai até o dia 9 de novembro, em Tambaú.

A etapa paraibana terá provas de natação no mar (500 m, 1 km, 2 km ou 4 km), corrida na areia (2,5 km e 5 km) e *beach biathlon* (1 km de natação + 2,5 km de corrida na areia). No Dia das Crianças, o público infantil também terá programação própria, com provas de corrida (50 m, 100 m, 300 m, 600 m) e de natação (200 m e 400 m).

“O Rei e Rainha do Mar foi convidado pelo Governo da Paraíba para compor as modalidades do Paraíba World Beach Games por conta do nosso histórico de mais de 15 anos de eventos. Ao longo deste tempo, o Rei e Rainha do Mar cresceu e se tornou o maior festival de esporte de praia do mundo. Para a gente, é uma grande alegria voltar ao Nordeste depois de quase 10 anos em que estivemos

aqui, não em João Pessoa, mas já realizamos etapas em Fortaleza e Salvador”, comemora a diretora do Rei e Rainha do Mar, Claudia Porto.

“Esperamos cerca de 800 competidores e vamos ter a alegria de ter dois atletas que já nos deram muito orgulho para o Brasil: a nadadora olímpica Etiene Medeiros, primeira mulher do país a conquistar uma medalha de ouro em um Campeonato Mundial de Natação e em Jogos Pan-Americanos, virá de Pernambuco, com 25 crianças e adolescentes do seu projeto social; e o medalhista paralímpico e campeão mundial Felipe Rodrigues, que também é pernambucano, mas radicado na Paraíba há quase 20 anos”, acrescentou a organizadora.

A diretora enalteceu o potencial intergeracional da

modalidade, evidenciado por meio da participação de atletas de todas as idades (a partir dos 11 anos) no evento. “Acreditamos que a natação no mar é uma modalidade muito democrática, porque é possível começar ainda criança e não tem limite de idade. Nas outras etapas, é bem comum termos participantes 80+. O que esperamos é que um evento como o Rei e Rainha do Mar incentive não só os paraibanos, mas os estados vizinhos a aumentar a prática dessa modalidade”, pontuou Claudia.

Com uma proposta de envolver turismo, inclusão social e sustentabilidade, a etapa atraiu paraibanos, além de moradores de estados vizinhos que desejam participar de uma experiência semelhante à tradicional, oferecida no Rio de Janeiro.

“João Pessoa é uma cidade com paisagens exuberantes, com o turismo aquecido. Isso é um atrativo. Por exemplo, 60% dos inscritos são de fora da Paraíba: Pernambuco lidera com 29% dos participantes, seguido de 11% vindos do Rio Grande do Norte. Se conseguirmos plantar a semente da maratona aquática, incentivar que haja outras competições, porque o atleta gosta de se desafiar e não só ficar treinando, já valerá a pena. Ah, um ponto muito importante é o legado social: além das vagas gratuitas para projetos sociais, incentivamos a troca de latas/pacotes de leite em pó na retirada do kit e entregamos para uma instituição local”, explicou a organizadora.

Futevôlei

Também pelo Paraíba

World Beach Games, chegam ao fim hoje as disputas do futevôlei, com o Team Águia Footvolley Cup (TAFC), competição que foi iniciada na última quinta-feira (9).

Os jogos começam às 8h30, na arena montada no Busto de Tamandaré, com as Iniciantes Feminino, seguidas pelas Profissionais Feminino às 9h. Às 13h, é a vez dos Iniciantes Masculino, e às 14h, os Profissionais Masculino encerram o torneio.

O próximo evento no local será o Beach Wrestling, que será realizado paralelamente aos Jogos de Verão da OAB, na sexta-feira e no sábado, dias 17 e 18. Já o Aquarace está programado para os dias 18 e 19. Além dessas modalidades, outras três ainda terão competições na programação: *beach tennis*, polo aquático e handebol de praia.



Foto: Evandro Pereira

As disputas do futevôlei chegam ao fim hoje, na arena do Paraíba World Beach Games, montada no Busto de Tamandaré

NOVO TORNEIO

João Fonseca estará no Rio Open

Atual número 43 do mundo, o brasileiro de 19 anos junta-se ao italiano Lorenzo Muzetti, bronze em Paris 2024

Agência Brasil

Sensação do tênis mundial, o tenista carioca João Fonseca, de 19 anos, é o segundo nome confirmado na 12ª edição do Rio Open, torneio ATP 500, o maior do continente sul-americano. Atual número 43 do mundo, o brasileiro de 19 anos junta-se ao italiano Lorenzo Muzetti (10º no *ranking* e bronze olímpico em Paris), primeiro a garantir presença no torneio. Mais jovem no *top 100* do *ranking* da Associação de Tenistas Profissionais (ATP), Fonseca competirá no saibro carioca pela quarta vez na carreira. O Rio Open ocorrerá de 14 a 22 de fevereiro de 2026, no Jockey Club Brasileiro, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

“O Rio Open é um torneio muito especial para mim, que representa diferentes experiências na minha vida. Já fui como torcida, como *sparring*, foi onde joguei meu primeiro ATP. Criei muita vivência vendo grandes jogadores e tênis do alto nível de perto, e foi o lugar que me inspirou a querer jogar tênis. Estou animado para disputar mais uma edição em casa, diante da minha família, amigos e toda a torcida brasileira”, disse o carioca.

A relação de Fonseca com o Rio Open teve início ainda na infância, quando foi com a família assistir aos jogos da edição inaugural, em 2014, que contou com a presença do multicampeão espanhol Rafael Nadal. Daí em diante, o carioca não perdeu nenhuma edição. Em 2022, Fonseca tornou-se *sparring* oficial do Rio Open, e chegou a treinar com o espanhol Carlos Alcaraz e com o italiano Matteo Berrettini. No ano seguinte, o tenista carioca foi convidado a disputar a chave principal do Rio Open, estreando em casa em seu primeiro torneio profissional. Na edição de 2024, Fonseca venceu sua primeira partida na chave principal de um torneio ATP — na ocasião, ele avançou até às quartas de final. Já nesta temporada, em sua terceira participação, o carioca chegou ao Rio Open logo após conquistar o primeiro título profissional no ATP 250 de Buenos Aires. Fonseca despediu-se precocemente do torneio, ao perder na estreia.

Presente

João Fonseca diz que o torneio no Rio de Janeiro é muito especial porque ele o acompanha, desde a infância, com a família, sempre assistindo a grandes nomes jogarem, como Rafael Nadal



João Fonseca diz estar bastante animado para disputar mais uma edição do Rio Open, diante da família, amigos e de toda a torcida brasileira

Brasileiro projeta sonhado duelo com Alcaraz

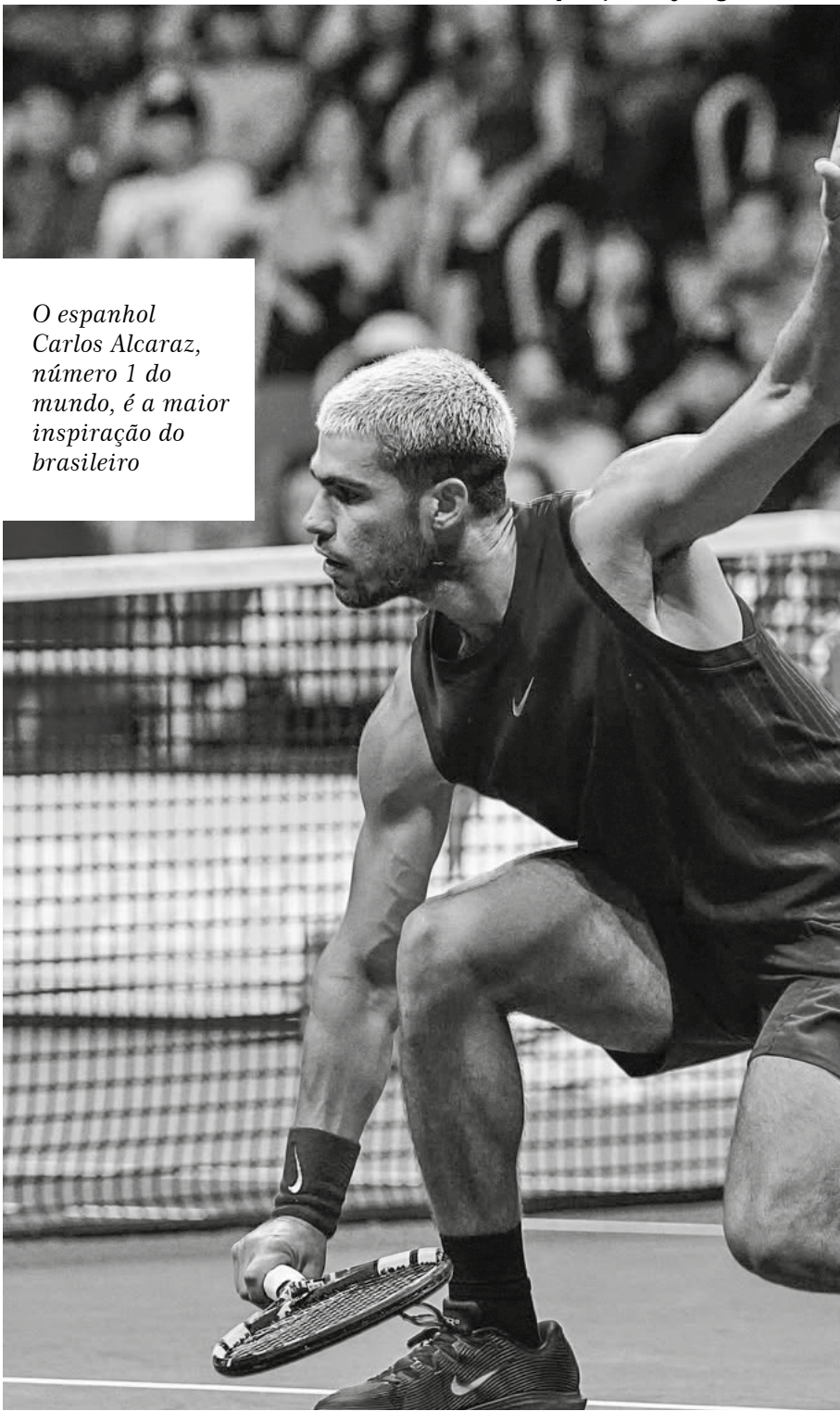
Agência Estado

João Fonseca não se cansa de elogiar o líder do *ranking*, Carlos Alcaraz. Inspiração do brasileiro, o espanhol será seu adversário no Miami Invitational, um evento agendado para o dia 8 de dezembro, nos Estados Unidos, e ele não esconde a ansiedade pelo tão sonhado encontro.

“Ter a oportunidade de receber a experiência desses grandes jogadores é o principal para mim. Até mesmo em uma pequena conversa, podemos fazer uma grande troca. Vaiser um dia com muitos ensinamentos, muito legal, ainda mais com um cara como ele, com quem sempre tive uma boa relação”, afirma João Fonseca

O brasileiro revela que o espanhol é sempre simpático e solícito quando se encontram. “Sempre que nos cruzamos, a gente se cumprimenta e conversa um pouquinho, ele é muito gente fina”, diz o tenista de 19 anos, sem esconder sua inspiração no melhor do mundo da atualidade.

“Ele nos incentiva muito a acreditar e a manter a motivação para sermos melhores jogadores. É um tenista que representa muito bem uma forma de levar as coisas com tranquilidade, sempre sorrindo, mas, ao mesmo tempo,



O espanhol Carlos Alcaraz, número 1 do mundo, é a maior inspiração do brasileiro

Foto: Reprodução/Instagram @carlitosalcarazz

dedicando-se e trabalhando duro”, frisa.

Jogar contra Alcaraz na Flórida será mais especial ainda para João Fonseca, pelo fato de muitos compatriotas morarem na região, o que promete uma grande torcida verde e amarela nas arquibancadas do Depot Park, palco do evento.

“Acredito que vai ser bem barulhento, com uma *vibe* bem legal. Nós dois gostamos muito de jogar com a torcida, do entretenimento, então acho que vai ser divertido. Espero que tenha mais torcida para o meu lado e que tenha muitos brasileiros presentes, mas tenho certeza que a *vibe* em quadra vai estar boa de qualquer maneira”, acredita.

Além do confronto entre Alcaraz e Fonseca, a programação do evento ainda prevê um duelo entre a norte-americana Amanda Anisimova, número 4 do mundo e campeã recentemente do WTA 1000 de Pequim (foi finalista de Wimbledon e do US Open na temporada), com a britânica Emma Raducanu, atual número 30 do mundo (campeã do US Open em 2021).

GRANJA COMARY

CBF fará “intensivão” com árbitros

Comissão realiza mais uma etapa do programa permanente de educação continuada visando jogos finais de 2026

Agência Estado

Em meio às polêmicas pela qualidade da arbitragem do futebol brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) anunciou que a Granja Comary receberá, a partir de hoje, a 5ª Concentração de Árbitros do Quadro Nacional. Essa será a primeira vez que o centro de treinamento da Seleção é palco do “intensivão” dos árbitros e auxiliares.

A pausa para a Data Fifa permitiu à CBF promover essa concentração. Ao todo, 62 árbitros, assistentes e árbitros de vídeo participarão de uma semana de atividades em Teresópolis, no Rio. O objetivo do encontro é aprimorar os níveis de preparação técnica e física nas fases decisivas do Campeonato Brasileiro e da Copa do Brasil.

A última concentração de árbitros havia ocorrido em agosto, de 11 a 15, também no Rio, com árbitros das séries C e D. Antes disso, no fim de julho, aqueles que trabalham na Primeira e Segunda divisões do futebol brasileiro reuniram-se na capital fluminense.

Além do novo local para a concentração, a CBF trará pela primeira vez um especialista em Psicologia Esportiva para o trabalho junto à arbitragem. João Ricardo Cozac, pós-doutor em Psicologia Esportiva, foi selecionado pela gestão de Samir Xaud pela experiência em diferentes modalidades, como automobilismo, vôlei e futebol.

“Desde o início da nossa



Ramon Abatti Abel, centro de polêmicas na arbitragem, deve participar do programa

gestão, a arbitragem é tratada como uma prioridade. Esta concentração na Granja Comary é mais um passo dentro do nosso projeto estruturado de educação continuada para a categoria. Qualificação é resultado de tempo, método e investimento. Estamos oferecendo o melhor ambiente e estrutura possíveis para profissionais que fazem parte da CBF”, afirmou o presidente da CBF, Samir Xaud.

O grupo selecionado passará por uma imersão completa em treinamentos teóricos e práticos, com acompanhamentos técnico, físico e psicológico. Ele terá o suporte de instrutores da Comissão de Arbitragem da CBF, bem como do presidente e do vice, Rodrigo Cintra e Marcelo Van Gasse. Outros nomes, como Luís Flávio de Oliveira e Péricles Bassols, integrarão o trabalho conjunto da entidade.

Apesar de essa ser a quinta edição, os árbitros chegam à Granja Comary no pior momento da arbitragem esportiva neste ano. Após as polêmicas no clássico entre São Paulo e Palmeiras, Ramon Abatti Abel (Fifa-SC) foi afastado pela CBF e denunciado no Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD). O time tricolor chegou a reclamar diretamente com Samir Xaud sobre os supostos erros na partida.

JOGO NOS EUA

Presidente da LaLiga critica o Real Madrid

O presidente da LaLiga, Javier Tebas, defendeu a realização do jogo entre Villarreal e Barcelona em Miami, nos EUA, em dezembro, dizendo que a decisão foi pedida por torcedores, clubes e jogadores. Apesar das críticas do Real Madrid e de outros, Tebas afirmou que levar a partida para fora da Espanha ajuda a divulgar o futebol espanhol globalmente, sem comprometer a competição, e ainda beneficia os torcedores internacionais.

A partida entre Villarreal e Barcelona recebeu sinal verde para ser realizada em Miami, no fim de semana de 20 de dezembro. Enquanto clubes como Barcelona e Villarreal apoiam a mudança, o Real Madrid posicionou-se contra, argumentando que jogos da liga nacional devem permanecer na Espanha para preservar tradição e justiça. O presidente da LaLiga, Javier Tebas, rebateu, dizendo que clubes, jogadores e fãs querem a partida fora do país e que isso não compromete a competição. De forma parecida, a partida da Série A entre Milan e Como, marcada para 16 de janeiro, será em Perth, Austrália, também buscando maior exposição e receita para a liga italiana. Em coletiva, Tebas chamou de “demagógicas” as críticas à partida e reforçou que torcedores, clubes e jogadores estão a favor.

“São os próprios torcedo-



Javier Tebas assegura que levar uma partida para Miami ajuda a divulgar a competição

res do Villarreal que querem vir para Miami, são os clubes e os jogadores. Estamos falando de uma partida entre 380. É sobre levar nossa cultura, língua e universidades para o mundo. Não colocamos nada em risco”. Sobre o Real Madrid e o sindicato dos jogadores (AFE), Tebas disse: “Madrid não tem nada a dizer sobre isso. Nem mesmo a própria liga. Os regulamentos dizem que os clubes pedem à Federação, LaLiga dá sua opinião e somos favoráveis. Mas, com os líderes atuais do Madrid, é impossível. Eles criticam tudo que fazemos”. Ele reforçou ainda que 42% da receita da LaLiga vêm do exterior e que é importante respeitar esses fãs internacionais.

Insatisfeitos

Nem todos estão satisfeitos

com a mudança para Miami. Alguns veem isso como benefício comercial para clubes e liga, e não para a competição. Frenkie de Jong, do Barcelona, criticou a longa viagem e disse que não é justo. Ronald Koeman, ex-jogador do Barça e técnico da Holanda, alertou que o Villarreal pode perder a vantagem de jogar em casa, com mais torcedores do Barcelona presentes. Adrién Rabiot expressou frustração sobre a partida do Milan na Austrália, citando desgaste de viagens e calendários apertados. Com mais jogos e a Copa do Mundo no horizonte, o estresse aumenta para jogadores e técnicos. A liga pretende continuar expandindo sua marca global sem comprometer a integridade da competição e o bem-estar dos jogadores. As medidas in-

cluem compensação para torcedores de temporada, ações de engajamento em Miami e aprovação condicional da Uefa. Tebas acredita que a exposição global trará benefícios em longo prazo para o futebol espanhol, mas admite que mais partidas fora da Espanha dependem de regulamentações futuras.

Miami

Villarreal e Barcelona vão jogar na cidade dos EUA, no dia 20 de dezembro, pelo Campeonato Espanhol

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

A sinuca de bico do Galo

Seria hoje a eleição para a presidência do Treze para que se pudesse ter o primeiro norte no Galo da Borborema em matéria de 2026, quando o clube mais uma vez disputa a elite do futebol paraibano em busca da taça e de retornar, em 2027, para a Série D do Campeonato Brasileiro e para outras competições nacionais. Vale lembrar que o Alvinegro ainda vive a expectativa, via *ranking* nacional, de beliscar um lugar na Quarta Divisão de 2026, diante da mudança de calendário anunciada pela CBF. O que ainda não é certo e só deve ser sabido em dezembro, com a divulgação do novo *ranking*.

Não é certo também qual é o futuro do Treze em termos de gestão. Isso porque a eleição deste domingo (12) foi novamente adiada. Pela segunda vez seguida em menos de 30 dias, ninguém inscreveu chapa para a presidência do Galo até o fim do prazo do calendário eleitoral. Uma realidade à lá anos 1990 e 1980, onde dívidas se acumulavam, gestões eram meteóricas, juntas governativas eram comuns, assim como antecipações de eleições.

Quase todos esses ingredientes estão presentes no tacho de incertezas sobre a política trezeana. Por ora ninguém quer assumir o Treze por motivos bem lógicos. Numa percepção de responsabilidade, com certo componente de medo, as forças políticas alvinegras estão mais escondidas do que egôlatras dessa vez. O que normalmente não é comum dos dirigentes em geral, que se por muitas vezes são incompetentes, mas feitos a percorrer um caminho de popularidade e de relevância política que o cargo de presidente de um Treze traz, também não dá para negar que muitas dessas idas ao topo hierárquico institucional é fruto de uma coragem em assumir um clube que historicamente tem dificuldades de receitas e muitas contas a pagar. Muitas vezes, claro, a coragem vira covardia, demonstrada em um aprofundamento construído pelos dirigentes, por exemplo, das dívidas.

O Treze, atualmente de férias dos gramados, joga mesmo numa grande sinuca de bico. Há alguns anos, o futebol brasileiro vive uma febre de SAFs. E o Galo da Borborema já discute há muitos meses a possibilidade de se constituir nesse modelo de gestão. Acontece que o clube deve cerca de R\$ 30 milhões a uma centena de credores de toda ordem. E nenhum grande investidor quer assumir uma SAF do Treze tendo que se comprometer a pagar esse montante e sob as condições que os credores propuseram, que, de fato, não foram as mais atraentes para o clube. Mas quem deve e sistematicamente desrespeitou acordos trabalhistas não tem muito o direito de reclamar.

Do outro lado, o ainda Treze associativo, pertencente ao modelo atual e histórico de gestão de clubes do futebol brasileiro, não tem capacidade nenhuma de honrar qualquer compromisso que assuma, mesmo que conseguisse, por exemplo, derrubar pela metade o montante das dívidas a pagar. O que, por sinal, nem aconteceu e não parece perto de virar realidade.

Ou seja: o Treze só vai conseguir se sanear com recursos que não passam pela ordem do que a instituição tem a receber num curto prazo, visto que o Galo só tem o Paraibano garantido para disputar em 2026 e fontes de receitas escassas pela dinâmica do futebol.

Por outro lado, o mercado de SAF não olha hoje o clube paraibano como um grande negócio, tendo em vista que as dívidas são astronômicas. Trocando em miúdos, o Treze precisa de uma SAF (ou de outro tipo de investimento, hoje improvável no mercado da bola) para poder pagar dívidas. E não há no horizonte alguém querendo comprar a SAF do Alvinegro com as condições atuais de endividamento, sem uma queda substancial do valor devido.

Enquanto isso, o tempo urge, a Sapucaí é grande — assim como as dívidas e as incertezas —, e o Galo não tem time e nem presidente até agora. Enquanto que o 2026 de Campinense, Botafogo-PB, Sousa e Serra Branca, por exemplo, já começou, com renovações, contratações, escolhas de treinadores e investimentos definidos, cada um do seu jeito e no seu nível de pretensão.

No Presidente Vargas, a certeza segue sendo uma interrogação: quem vai assumir o Treze?

AMISTOSO EM TÓQUIO

Brasil nunca perdeu para o Japão

Em 13 jogos, foram 11 vitórias e dois empates; seleções enfrentam-se na próxima terça-feira, a partir das 7h30

Da Redação

Depois de golear a Coreia do Sul por 5 a 0, a Seleção Brasileira prepara-se para enfrentar o Japão, em Tóquio, nesta terça-feira (14), às 7h30. Até a convocação final para o Mundial, contando com o duelo contra os japoneses, o Brasil ainda fará mais cinco amistosos. As partidas restantes do time verde-amarelo devem ser diante de seleções africanas e europeias.

A Seleção Brasileira tem larga vantagem contra o Japão. Em 13 oportunidades, considerando amistosos e competições internacionais, como Copa do Mundo, Copa das Confederações e Copa América, não há registro de derrotas da equipe pentacampeã mundial, com 11 triunfos e dois empates.

As duas seleções encontraram-se pela primeira vez em 1989, iniciando uma sequência de cinco vitórias brasileiras em cinco amistosos. Os empates ocorreram nas edições das Copas das Confederações de 2001 e 2005. Em Copas do Mundo, há o registro de um encontro na edição de 2006, quando o Brasil venceu por 4 a 1. Junho de 2022 é a data que marca o último encontro dos países. Naquela ocasião, o confronto terminou com triunfo verde-amarelo, por 3 a 1.

Paraibanos

Matheus Cunha e Douglas Costa iniciaram a partida contra a Coreia do Sul como titulares. Os paraibanos representam o estado e a Região Nordeste na lista de convocados desta Data Fifa. Cunha participou de um dos gols da goleada brasileira e deu assistência para o quinto gol, marcado por Vini Jr. No segundo tempo, o meia-atacante foi substituído por Igor Jesus, aos 35 minutos.

Já o lateral-esquerdo Douglas Costa teve participação discreta no duelo contra os coreanos. O setor defensivo brasileiro pouco foi ameaçado. A Coreia do Sul não criou nenhuma chance clara de gol nos 90 minutos do duelo. Ofensivamente, o atleta do Zenit, da Rússia, não teve destaque e foi substituído por Carlos Augusto aos 25 minutos.

O técnico Carlo Ancelotti deve fazer mais observações, principalmente no gol, onde Hugo Souza, do Corinthians, terá a oportunidade de começar a partida. Em outros setores, ele estuda alterações, mas não pretende mexer no quarteto de frente formado por Matheus Cunha, Estêvão, Vini Jr. e Rodrygo.



O paraibano Matheus Cunha deve ser mantido como titular no amistoso diante do Japão, ao lado de Vini Jr. e Rodrygo

BRASILEIRO

Coritiba faz boa campanha e está perto de retornar para a Série A

Da Redação

Quatro jogos, hoje, dão continuidade à 32ª rodada do Campeonato Brasileiro Série B: no Jorge Ismael de Biasi, em Novo Horizonte (SP), às 16h, jogam Novorizontino e Operário; no OBA, em Goiânia (GO), às 18h30, o Vila Nova recebe o Amazonas; no Heriberto Hülse, no sul catarinense, também às 18h30, o Criciúma enfrenta o América-MG; na Arena Pantanal, na capital mato-grossense, às 20h30, o líder Coritiba visita o Cuiabá.

Nas próximas rodadas, o Coritiba viverá a expectativa de voltar à elite nacional. A equipe vive bom momento na Segunda Divisão e faz contagem de quantos pontos ainda precisa para confirmar sua vaga na Série A. Diante do Cuiabá, o Coxa busca a quarta vitória consecutiva na competição de pontos corridos. Numa campanha geral que soma 56 pontos, 16 vitórias, oito empates e sete derrotas, o desempenho recente fez a equipe terminar a 31ª rodada com cinco pontos de vantagem para o segundo lugar.

O técnico Mozart Santos pode poupar jogadores pendurados na noite de hoje, isso porque enfrenta o Athletico-PR na rodada seguinte. “Temos bastante jogadores pendurados, vários titulares. Mas as minhas decisões em relação à equipe que vai iniciar contra o Cuiabá será muito mais pela questão física do que pelos pendurados. Óbvio que, nessa reta final, ninguém quer ficar de fora do clássico. Mas o jogo com o Cuiabá também é importantíssimo para nós”, destacou em coletiva de imprensa.



Foto: Divulgação/Coritiba

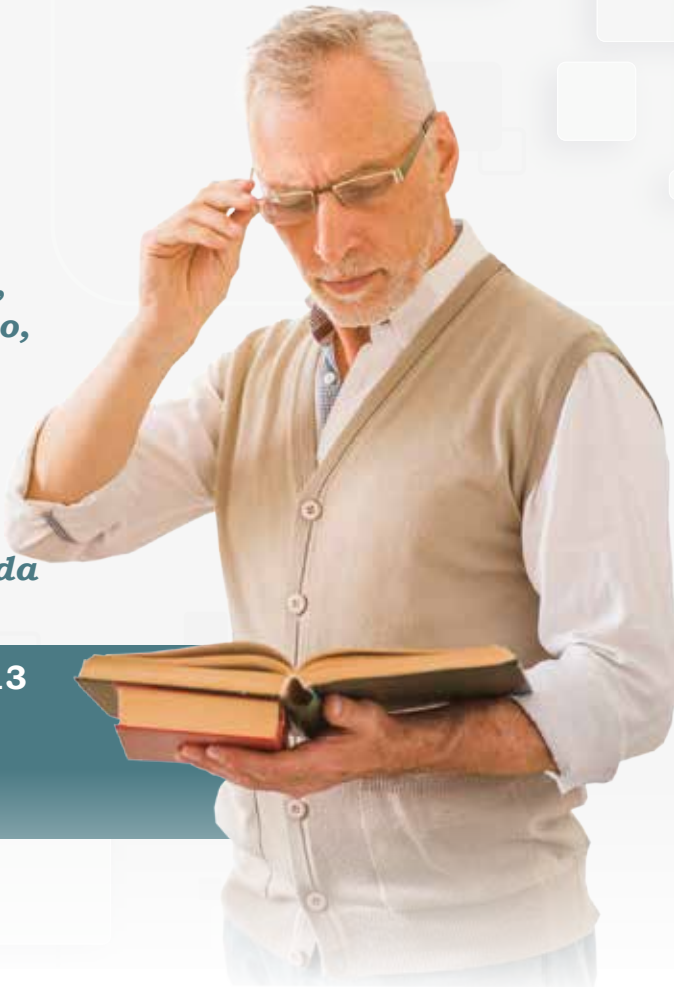
Com 56 pontos e na liderança, o Coritiba enfrenta, hoje, o Cuiabá, na Arena Pantanal

DIA DO PROFESSOR NA LIVRARIA A UNIÃO

PARA GRANDES MESTRES, GRANDES HISTÓRIAS!

No mês de outubro, na Livraria A União, professoras e professores das redes pública e privada terão 10% de desconto na compra de títulos da Editora A União.

Visite-nos no Box 13 do Espaço Cultural José Lins do Rego. João Pessoa - PB



(83) 99604-0011 @livrariaaunião



AFROTURISMO

Um novo olhar para o Centro Histórico

Embasado numa educação antirracista, turismo realizado em João Pessoa tem roteiros destacando a cultura e as memórias de resistências da população negra

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Percorrer ruas, praças e espaços do Centro Histórico de João Pessoa com um novo olhar, atento às marcas da cultura e às memórias de resistências da população negra. Essa é a proposta da Apuama, agência de afroturismo idealizada pelo artista visual e *design* Felipe Coutinho, paraibano que se confessa apaixonado por sua terra e orgulhoso de ter sangue negro e indígena correndo nas veias. Nos roteiros que conduz, ele entrelaça a herança ancestral às narrativas invisibilizadas dos povos negros em busca de ressignificar espaços, resgatar memórias, promover a conscientização e valorizar a cultura afro-brasileira.

“As vivências de afroturismo que realizamos têm como intuito trazer um turismo pedagógico, embasado em uma educação antirracista e na história pública. Com isso, a gente apresenta narrativas que os livros de história não contam, aprofundando, a partir de um olhar da população afro-indígena, aquilo que foi apagado durante os séculos. É pensar que cada pedra que foi colocada numa cidade histórica como João Pessoa teve mão de obra escravizada indígena e negra e que essas pessoas deixaram elementos de sua cultura nestes espaços”, explica Felipe, que guia três rotas no Centro da capital paraibana e está para lançar uma nova, no próximo mês.

O primeiro desses roteiros é a *Caminhada Jampa Negra*, que nasceu por iniciativa do professor de história Danilo Silva e da turismóloga Bárbara Tenório, há cerca de cinco anos. Como os idealizadores se mudaram para fora do estado, Felipe deu continuidade ao percurso, que inclui visita a espaços como o Centro Cultural São Francisco, onde podem ser vistos elementos identificados da cultura Iorubá na fachada por trás da igreja, e passeio pela Rua Nova, atual General Osório, considerada ponto de encontro dos capoeiristas no século 19.

A rota *Sankofa Parahyba* é um convite a percorrer os passos de figuras negras, como o escravizado Manuel, o abolicionista Cardoso Vieira e o pai da cenografia brasileira, o paraibano Tomás Santa Rosa. Felipe explica que *sankofa* é um elemento da escrita visual *adinkra*, utilizado pelo povo *akan*, etnia da região que hoje é o país de Gana, e que pode ser encontrado na arquitetura de várias cidades históricas, cujo significado remete à sabedoria africana de voltar ao passado para ressignificá-lo, aprendendo com o que ficou para trás.

“A gente vai identificando alguns elementos *adinkra* nos gradeados desde a Basílica de Nossa Senhora das Neves, que é o ponto inicial dessa vi-

vência, passando pelo Bistrô 17 e alguns sobrados e casarões na Rua da Areia. A *sankofa* é esse chamamento para a gente explicar o que são esses símbolos e dizer o significado e a influência dos povos africanos dentro da nossa arquitetura”, esclarece o guia.

A Rua do Grude (Praça Coronel Antônio Pessoa), espaço onde grupos de maracatu e coco de roda se apresentavam, é o ponto de encontro para a terceira rota, que explora as *Raízes do Catolicismo Negro*. O percurso também passa por locais onde existiam duas igrejas católicas vinculadas a irmandades de negros e pardos.

Rotas pela PB e novo projeto

A quarta vivência, que Felipe lançará em novembro, será chamada *Marcelino: caminhos de resistência, liberdade e encruzilhadas*. A rota procura reconstruir os trajetos e as histórias desse escravizado do Engenho da Graça, que costumava se refugiar onde hoje é o Cemitério Boa Sentença — na época, o local onde os negros libertos viviam.

Os passeios foram pensados inicialmente tendo os turistas como público-alvo, mas, nos últimos anos, Felipe Coutinho tem buscado investir em experiências voltadas para estudantes de escolas públicas, por meio de editais e parcerias. Além das vivências na capital, a agência de afroturismo realiza rotas junto a comunidades quilombolas, indígenas e povos de terreiros nas cidades paraibanas de Areia, Conde e Alhandra, Rio Tinto e Mamanguape.

Coutinho relata que os visitantes se impressionam quando percebem a conexão entre passado e presente. “Eu trago a história de Gertrude Maria, a primeira mulher negra que lutou pelo seu direito à liberdade, lá no início do século 19, mas quantas mulheres negras não estão, neste momento, passando pelo mesmo processo de tentar se libertar. Trazer essas histórias para mais próximo da gente deixa as pessoas impactadas, porque normalmente elas passam despercebidas”, reflete.

A construção das vivências e rotas envolve um trabalho de pesquisa de historiadores que investigam a população negra e indígena na Paraíba, assim como um olhar crítico sobre as narrativas eurocêntricas predominantes na literatura histórica oficial. Uma das fontes que Felipe

Coutinho faz questão de referenciar é a professora de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Solange Rocha. A pesquisadora, que integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) esteve envolvida nas primeiras iniciativas de aulas públicas, realizadas na Praça Rio Branco, onde ficava o pelourinho (atual local do *Sabadinho Bom*), que buscava demarcar a presença negra na capital paraibana.

“A população precisa conhecer as violências do sistema escravista, mas, para além disso, que em tal sociedade houve pessoas livres das camadas médias como Eliseu César (1871-1923), um intelectual que exerceu a vida política desde cedo, como abolicionista, e depois integrou a Federação de Homens de Cor (defesa da República), exercendo cargos variados (professor, escritor, deputado provincial no Pará etc.)”, destaca a docente.

Visibilizar essas e outras histórias significa, segundo a professora, mostrar que nem todas as pessoas negras eram escravizadas e, ao mesmo tempo, visibilizar as ações de resistências para minar a escravidão. As rotas turísticas da história afro-brasileira, desenvolvidas de forma contínua, tornam-se, então, uma oportunidade para que mais pessoas possam conhecer e refletir sobre a participação do povo negro na construção da sociedade que temos hoje.

As rotas e vivências afro-indígenas promovidas pela Apuama acontecem regularmente e são divulgadas com até 15 dias de antecedência, mas a agência também atende a pedidos sob demanda. Datas, horários e mais informações específicas sobre cada roteiro podem ser encontradas no *site* oficial (apumaturismo.com.br).

Agência de afroturismo idealizada pelo artista Felipe Coutinho (acima) acolhe três iniciativas na capital paraibana: “Caminhada Jampa Negra”, cujo percurso inclui visita a espaços como o Centro Cultural São Francisco; rota “Sankofa Parahyba” (ao lado), percorrendo os passos de figuras negras; e “Raízes do Catolicismo Negro”, com visitas a igrejas vinculadas a irmandades de negros e pardos, com maracatu e roda de coco; abaixo, para a apresentação desse seguimento nos 440 anos da capital, a performance da atriz Norma Goes, que teve como encenação temática o extermínio de jovens negros

Fotos: Arquivo/Apuama



Fotos: Caio Fernandes/Apuama



Pelo QR Code acima, acesse a página oficial da Apuama na internet



Luzardo Alves

Paraibano tinha como traço marcante o bom humor

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Traços marcantes, bom humor e ironias em torno de histórias do cotidiano foram os instrumentos com os quais o chargista, cartunista, quadrinhista e gravador Luzardo Alves inscreveu seu nome na história das artes paraibanas. A mesma simplicidade de vida e de traços que o projetou nacionalmente em trabalhos com a revista *O Cruzeiro*, também o fez artista das ruas do Centro de João Pessoa, onde produzia e distribuía as suas produções.

Luzardo Alves da Costa nasceu no bairro de Jaguaribe, na capital paraibana, em 9 de abril de 1932. Apesar de ele nutrir, desde criança, o sonho de ser cantor, a exemplo dos irmãos Livardo e Leonardo, foram os traços a lápis grafite que lhe abriram portas ao meio artístico. As habilidades para o desenho revelaram-se com ele ainda pequeno, na calçada da bo-dega de seu Vicente, onde representava, com carvão e tijolo, a história dos filmes a que assistia. “Era muita gente para assistir no dia que eu cismava de fazer aquilo”, confessou o artista gráfico, em entrevista ao amigo e também desenhista Henrique Magalhães, para o livro *O humor gráfico de Luzardo Alves* (Marca de Fantasia).

Na juventude, trabalhou como encadernador no jornal **A União**, onde, de vez em quando, era convocado para fazer um desenho quando faltava uma fotografia. Quando saiu do Exército, foi vendedor ambulante nas ruas de João Pessoa, até que viu a possibilidade de fazer gravações em vidros e metais. Conseguii um aparelho para o ofício no Recife (PE) e comecei a treinar. “Passei uns dois anos lutando para poder me sentir um pouco profissional. Então descobri que, para ser gravador de objetos, eu precisava ser de-

senhista. (...) Naquela hora, eu senti que ganhei a minha vida e, até hoje, eu continuo vivendo disso”, contou.

Procurava conciliar o serviço como gravador, do qual tirava o sustento diário, com trabalhos nos meios de comunicação da época, como o quadro de um programa de auditório na Rádio Tabajara e depois na TV Jornal do Commercio, de Recife, onde fazia caricaturas ao vivo. O talento chamou a atenção de Assis Chateaubriand, que o levou para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar no departamento de arte da revista *O Cruzeiro*, fazendo capas e revistas em quadrinhos.

“Aquilo ali foi uma faculdade, foi tudo na minha vida. (...) Quando eu cheguei no Rio para ser cartunista, todo mundo sentia que eu tinha qualidade. Chateaubriand só me levou por causa dos desenhos da TV. No programa, eu fazia um quadro muito rápido; num abrir e fechar de olho, eu criava um cenário. Então ele achou que aquilo era importante e me levou. Mas acontece que, no cartum mesmo, eles não achavam aquela graça toda, não. Eles diziam que meu traço era meio duro. Eles sentiam que eu tinha talento, só faltava amolecer o dese-

nho, o que por sinal aconteceu, mas não tanto quanto eu queria”, contou o próprio Luzardo Alves.

Na revista, foi responsável pelo cartum *O Amigo da Onça*, criado por Péricles, e que Luzardo não chegou a conhecer. O paraibano também esteve na

criação da seção de humor *O Centavo*, junto com cartunistas como Fortuna e Ziraldo. Com este último, compartilhou, além do sobrenome Alves, uma forte amizade, que perdurou por longos anos. Além de publicar na revista carro-chefe do grupo de Chateaubriand, participou da *Revista do Rádio* e dos jornais *Correio da Manhã* e *O Dia*.

Apesar de elogiadas, as caricaturas de Luzardo nem sempre eram bem recebidas. Da escritora Rachel de Queiroz, o paraibano levou um “cão” e a advertência para que não fizesse mais sua caricatura. A simplicidade e o riso do cartunista era sua defesa para sair de situações embaraçosas como aquelas, tanto que conquistou a colunista-estrela de *O Cruzeiro* e tornou-se seu amigo. A caricatura da esposa, Martraça era meio duro. Eles sentiam que eu tinha talento, só faltava amolecer o dese-



Bat-Madame, criação de Anco Márcio e Luzardo

Imagem: Luzardo Alves/Reprodução

15 dias sem falar com o chargista.

Luzardo voltou para João Pessoa, mas permaneceu ligado aos Diários Associados, trabalhando em *O Norte*, onde criou os personagens Botinha (um cachorrinho que representava o Botafogo) e o macaco Autino (ferramenta mecânica para representar o Auto Esporte). “Veja bem como criei o personagem: ‘auto’ é relativo a automóvel e o ‘macaco’ é um instrumento de necessidade para alguns problemas com o carro. É um personagem bem bolado, mas eles não aceitaram essa ideia”, explicou Luzardo.

Em 1971, o artista articulou-se com outros jornalistas paraibanos para fundar o semanário alternativo *Edição Extra*, uma espécie de *O Pasquim* local, distribuído às segundas-feiras, quando não circulavam outros jornais na capital paraibana. No periódico, Luzardo criou, com o jornalista Anco Márcio, a personagem Bat-Madame, uma das mais irônicas dos quadrinhos paraibanos. A mulher de bunda meio exagerada e traço pouco convencional chegava a extrapolar os contornos dos quadros e afastar um dos quadros (linha que define o quadrinho) para se dirigir ao leitor, feito pouco usual nas HQs. O deboche e a ironia, a começar pelo nome, eram as principais características da personagem.

“Bat-Madame era sensacional. Uma sátira ao personagem Batman e, ao mesmo tempo, aos costumes da Paraíba. Ele brincava com as coisas de João Pessoa e de Campina Grande, e com a rivalidade que havia entre as duas cidades. Era hilário e muito engraçado, uma sátira cultural extremamente eficaz no seu humorismo”, avalia o quadrinhista Henrique Magalhães, que conheceu Luzardo por aquela época, quando o artista mantinha uma banca de gravação na Praça Pedro Américo, no Centro da cidade.

Henrique relata que já era admirador

de quadrinhos desde a adolescência e ficou ainda mais empolgado quando descobriu que, em João Pessoa, havia um artista que fazia esse tipo de trabalho. É que, além dos milagres que Luzardo fazia com sua broca, gravando nomes em canetas, isqueiros e alianças, ele também fazia charges avulsas, patrocinadas e editadas, em uma folha de A4, pelo Café São Braz, do Viaduto Damásio Franca, e distribuídas no comércio local.

“Eu fiquei muito entusiasmado com aquilo, até pela própria mídia, que era um panfleto humorístico distribuído gratuitamente. As pessoas pegavam a charge no café e guardavam. Eu via que muitas delas decoravam as paredes de barbearias e de oficinas, porque as pessoas gostavam muito do trabalho dele. Eu também colecionava. Era um desenho bonito, muito personalizado, e que tinha umas críticas engraçadas sobre o dia a dia da cidade”, conta o desenhista, que começou a ser assíduo frequentador da banca de Luzardo, onde podia vê-lo desenhar, na rua, nas horas vagas. De tanto acompanhar esse trabalho, os dois tornaram-se amigos.

Na *Charge da Semana*, o personagem Patatconho, um gozador que oscilava entre a malandragem carioca e a seriedade paulista, metia o bedelho em tudo, às vezes nem sempre de forma oportuna, e ironizava a política e a banalidade da vida cotidiana. As representações também incluíam figuras populares da cidade, que dialogavam com o personagem. Em setembro de 1973, Luzardo reuniu essas charges para publicar em forma de coletânea.

“Esse trabalho era novidade, pois o comum é os chargistas publicarem nos jornais. Luzardo publicou nos jornais, mas a criação dessa mídia panfletária, acho que isso é a única coisa, pois eu não vi nada semelhante, nem antes, nem depois disso. É uma coisa muito interessante do perfil

dele, pois ele cria o seu próprio veículo”, ressalta Henrique Magalhães.

O bom humor era traço marcante não só das representações do artista gráfico como também de personalidade. A essa qualidade, juntavam-se a simplicidade e a gentileza, que, segundo Magalhães, traduziam-se na bondade do conversar e do “ser amigo”. Os mesmos traços são lembrados pelo vizinho Niutildes Batista, que destaca como o menino de classe média baixa que conseguiu vencer na vida e projetar-se nacionalmente como um dos mais importantes cartunistas, não se deixou impressionar pela fama e manteve-se fiel às origens.

Com a convivência, Niutildes passou a conhecer melhor a trajetória do artista gráfico e idealizou um documentário. “Ele era uma figura humana fantástica e uma pessoa que tinha uma projeção e uma história de vida muito rica, mas que passava um pouco despercebida. Até as pessoas do condomínio onde morávamos não tinham noção da história dele na área de artes e da cultura, do grande talento que ele foi”, conta o jornalista, que sente a ausência de um trabalho mais intenso para recuperar a memória dos grandes vanguardistas paraibanos.

“Luzardo teve uma projeção fantástica e reconhecida quando ele migrou para o Sudeste. Além de talento e da perspicácia artística em relação aos temas do cotidiano que ele trazia pra sua charge e seu cartum, ele tinha uma sensibilidade com a cultura e essa sede de resistir, de batalhar para tentar criar coisas que dessem continuidade à produção de sua arte, de seus traços. Era um artista que podia ter sido até mais explorado, no bom sentido, quanto a sua produção”, ressalta Niutildes.

O documentário *Traços de Vida* estimulou outras iniciativas em homenagem a Lu-



Luzardo trabalhou nos jornais “A União” e “O Norte”, na revista “O Cruzeiro” e na Rádio Tabajara, onde fazia caricaturas ao vivo num programa de auditório

Ilustração: Tono

Angélica Lúcio

Antes de ser capacitista, lembre-se dos nossos atletas paralímpicos

O Brasil conquistou 44 medalhas no Mundial de Atletismo de Nova Délhi, na Índia. Com o resultado, o atletismo paralímpico brasileiro alçou o status de maior potência mundial da modalidade pela primeira vez. *A performance* dos nossos atletas, que acompanhei pelas redes sociais e vibrei muito a cada conquista, lembra-me do quanto ainda somos capacitistas e de como ainda usamos, de forma indevida, expressões equivocadas em nosso cotidiano.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência define capacitismo como qualquer tipo de discriminação contra uma pessoa em função da deficiência. De acordo com a lei, “toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação”.

A discriminação em razão da deficiência, detalha o estatuto, é qualquer forma de “distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas”.

Muitas expressões ultrapassadas também podem indicar capacitismo. Há poucos dias, aliás, ouvi uma pessoa, durante uma reunião, comentar que a unidade onde tra-



Na Índia, paraibano Petrucio Ferreira conquistou o pentacampeonato do atletismo paralímpico

balha “não tinha pernas” para fazer determinada ação. Na hora, chamei a atenção: “Isso é capacitismo! O correto é você falar que não tem pernas suficientes em sua equipe”. Ok, fui deselegante, admito. Mas também passa da hora de esquecermos completamente alguns termos.

No guia *Combata o Capacitismo*, lançado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em 2023, são citadas expressões que devem ser eliminadas do nosso vocabulário. Conforme

a publicação, terminologias com características de pessoas com deficiência não podem ser utilizadas como referência de incapacidade, limitação ou desvantagem. Ou seja, quando você diz “não ter pernas” para fazer algo, está implícito que uma pessoa sem pernas não possui capacidade ou competência. E isso não é verdade.

Além de mostrar que tal postura é capacitista, a publicação da Fiocruz também traz exemplos de como podemos substituí-

-las. Vejamos: se fazer de surdo — parece que não ouviu/entendeu; parece que é cego — não entendeu ou percebeu algo; dar uma de João Sem Braço — fugir das obrigações; deu mancada — faltou com o compromisso; está muito autista — está distraída, alheia; fingir demência — se fez de desentendido; sem pernas para isso — sem condições de executar; colocar o projeto de pé — elaborar o projeto; está mal das pernas — está com algum problema; retardado — imaturo, brincalhão, com dificuldades de aprendizado.

Expressões capacitistas reforçam estigmas e causam sofrimento. O guia também desaconselha o uso dos termos “inválido”, “doente”, “especial”, “anjo”. Tais palavras são consideradas ofensivas, preconceituosas ou condescendentes. Mais: ao criar algum conteúdo, garanta acessibilidade comunicacional com audiodescrição, legendas, libras, linguagem simples e fácil, comunicação aumentativa e alternativa, a chamada CAA.

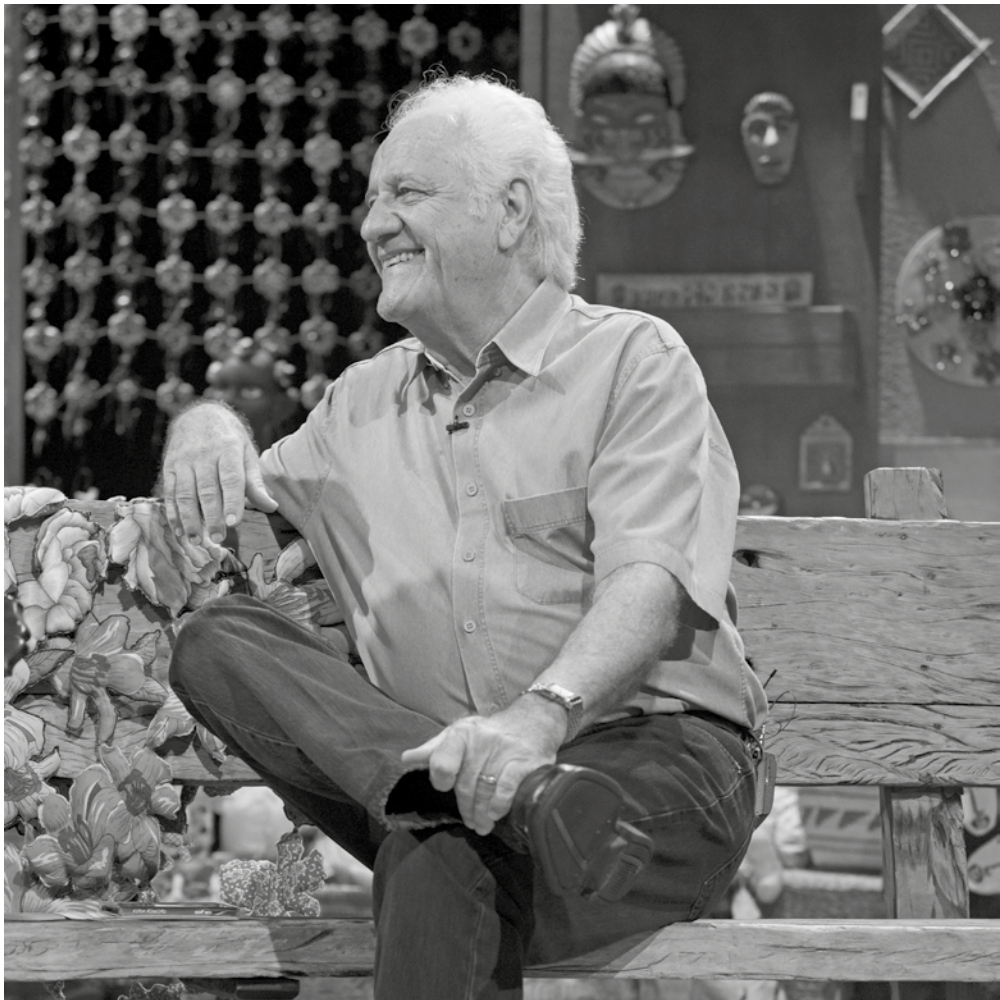
Os feitos dos nossos atletas paralímpicos, incluindo medalha do pentacampeão paraibano Petrucio Ferreira, reforçam o quanto os termos “Dar uma de João Sem Braço”, “Parece que é cego”, “Sem pernas para isso” (e tantos outros) são equivocados e desatualizados. O desempenho dos atletas brasileiros é só um exemplo de que pessoas com deficiência são capazes sim. Tratá-las com capacitismo é falta grave!

Tocando em Frente

Do caipira ao sertanejo de raiz — I

Como dito antes, o pioneiro da música caipira foi João Baptista da Silva, oriundo das terras produtoras de café, no interior paulista, filho e neto de escravizados, que, depois de viver na pele os sofrimentos que a vida proporcionava aos seus familiares, resolveu conhecer outros mundos, aventurando-se nas bandas de Limeira. A adolescência vai encontrá-lo em Campinas, na atividade de trabalhos domésticos, inclusive em casa de parentes do maestro Carlos Gomes. Foi nessa época que, nos fim de semana, foi aprendendo a tocar bateria, tendo se engajado na banda de música local e aprendendo a conviver com os “brancos” e, mulato que era, assimilando os modos daqueles. Foi o seu temperamento calmo e tranquilo que o fez receber o apelido de Pacífico, que ele agregou ao nome próprio. Após mal haver frequentado a escola primária, começa então a recitar e “criar” letras e melodias, cujos conteúdos faziam sempre referências a um mundo rural, bucólico, romântico e, até certo ponto, rude e simples em que vivera. O seu talento raro o fez ser conhecido e aceito por quantos passaram a conhecer a admirar o seu trabalho artístico.

Já haviam surgido no Brasil, por esse tempo, obras literárias que iam dando alma e contemplando a vida que se levava nos sertões brasileiros: *Os Sertões* (Euclides da Cunha), *Canaã* (Graça Aranha), ambas de 1902, e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (Lima Barreto), de 1911. Surgiam, assim, ambientes e personagens que o Brasil precisava conhecer. Juntem-se aos aspectos literários os impulsos depois advindos à



Músico e apresentador Rolando Boldrin durante gravação do programa “Sr. Brasil” (TV Cultura)

pintura (Tarsila do Amaral — *Abaporu*, de 1928) e, no caso, à música, que fez trazer a lume a nostalgia da roça, como já foi explicitado antes. Quanto a este aspecto, faça-se justiça a Guilherme de Almeida que, com Mário de Andrade, deram impulso ao

estilo do poeta João Pacífico, tornando-o admirado e festejado.

Pode-se afirmar que João Pacífico, criador de músicas, como viveu o período de glória, também sofreu o esquecimento que ainda acompanha o seu nome na MPB.

Mas o fato é que, pelo menos durante três décadas, os principais sucessos dele estavam presentes em festas populares, como quermesses, carrosséis, circos e emissoras de rádio com seus incipientes e atraentes programas de auditório.

Diz-se, então, que a música caipira expandiu-se, dando origem a outros gêneros que foram embrioados daquela, como a caipira romântica, a moda de viola, a sertaneja de raiz e outras tantas de igual viés.

Em tempos mais recentes, Inezita Barroso (São Paulo, 1925–2015), Rolando Boldrin (São Joaquim da Barra-SP 1936–São Paulo, 2022) e a dupla Almir Sater e Renato Teixeira, entre outros, têm colocado esses gêneros em evidência, levando-os às telas de TV, o que fez com que eles não perdessem o gosto popular, que o “alimenta” até os nossos dias.

Além dos supracitados, merecem ainda destaques os antigos e novos criadores e intérpretes que, embora alguns já tenham nos deixado, continuam divulgando a chamada música de raiz, como Cornélio Pires, Jacó & Jacozinho, Liu & Léu, Moreno & Moreninho, Nenete & Dorinho, Pena Branca & Xavantinho, Raul Torres & Florêncio, Serrinha & Zé do Rancho, Tião Carreiro & Pardinho, Vieira & Vieira, Zé Carreiro & Carreirinho, Zico & Zecca, Zilo & Zalo, Palmeira & Biá, Palmeira & Luizinho, Silveira & Barrinha, Tibagi & Miltinho, Torrinha & Canhotinho, Tonico & Tinoco, Carreiro & Pardinho, Rioneiro & Solimões, Cascatinha & Inhana, Chitazinho & Chororó, Leandro & Leonardo, Zezé de Camargo & Luciano e muitos outros mais...

REDE SOCIAL

Instagram “escuta” as conversas de usuários?

Chefe do aplicativo desmentiu as conjecturas; o problema é outro na era da IA

Alice Labate
Agência Estado

O chefe do Instagram, Adam Mosseri, usou sua conta pessoal para desmentir uma das teorias mais antigas sobre a rede social: a de que o aplicativo ativaria secretamente o microfone do celular para ouvir conversas e direcionar anúncios. A declaração, feita no dia 1º de outubro, ocorre justamente quando a Meta anuncia mudanças na política de privacidade para ampliar a coleta de dados por meio de interações com ferramentas de inteligência artificial (IA).

A suspeita de que a empresa monitora conversas em tempo real circula há anos entre usuários e foi alvo de diferentes contestações públicas. Em 2016, a Meta, então conhecida apenas como Facebook, publicou um comunicado negando o uso do microfone para publicidade. Dois anos depois, o próprio CEO, Mark Zuckerberg, reforçou essa posição, em depoimento no Congresso dos EUA.

Mosseri afirmou em vídeo que ativar o microfone seria uma “grave violação de privacidade” e facilmente percebida pelos usuários: os aparelhos mostrariam uma luz na tela e a bateria acabaria mais rápido. Ele contou que até sua esposa já questionou se o Instagram ouvia suas conversas, diante da precisão das recomendações de anúncios. “Já conversei três vezes com a minha esposa sobre isso”, diz.

O executivo explicou que há várias razões para um usuário ver anúncios de produtos sobre os quais conversou recentemente, sem que ninguém esteja ouvindo. Isso pode ocorrer se a pessoa pesquisou ou clicou em algo relacionado antes da conversa. “A Meta também recebe informações de anun-

ciantes sobre visitantes de sites e mostra anúncios com base em interesses de pessoas semelhantes. Às vezes, o anúncio já apareceu antes da conversa e você nem percebeu. Mas quero deixar claro: não ouvimos o seu microfone”, pontuou Mosseri.

O executivo citou que é até mesmo possível que o usuário passe rapidamente por anúncios no feed, internalize isso inconscientemente, e inicie, posteriormente, conversas sobre o assunto, o que supostamente transmite a sensação de ser monitorado pelo Instagram.

A declaração do chefe do Instagram chega no momento em que a Meta se prepara para usar ainda mais dados dos usuários. A partir de 16 de dezembro, a nova política de privacidade permitirá que interações em ferramentas de IA, como a Meta AI, sejam usadas para segmentar anúncios em diferentes mercados — até aqui as conversas podiam ser usadas para treinar os modelos de IA da companhia.

A Meta AI é um assistente virtual com IA, disponível no WhatsApp, Instagram e Facebook. Ele conversa com os usuários, responde perguntas, dá recomendações e registra interações que ajudam a Meta a entender interesses e preferências, tudo sem ouvir o microfone do celular.

Essa mudança deve aumentar a sensação de vigilância, porque conversas com assistentes virtuais (muitas vezes pessoais) vão alimentar o sistema de publicidade, ampliando a base de dados além do tradicional modelo de recomendações “quem gostou disso também gostou daquilo”.

Mosseri ressalta, porém, que nem sempre há mistério por trás dos anúncios. Muitas vezes, o usuário já teve contato prévio com deter-

minado produto ou anúncio sem perceber, o que cria a impressão de que a rede social “lê mentes”.

Teoria da conspiração?

Para muitos usuários, a ideia de que os aplicativos escutam conversas para direcionar anúncios soa como teoria da conspiração, mas a prática já foi admitida por empresas de publicidade, mostrando que o mito não é totalmente infundado.

Em 2023, duas companhias americanas, MindSift e Cox Media Group (CMG), afirmaram, publicamente, que utilizavam microfones de celulares para captar conversas e direcionar publicidade altamente segmentada. A CMG chamou a prática de *active listening* (“audição ativa” em português), com capacidade de identificar consumidores “a partir de conversas casuais em tempo real”. Já a MindSift confirmou que sua tecnologia de análise de dados de voz de milhões de dispositivos permitia saber quando alguém buscava produtos ou serviços no mercado.

Apesar das declarações, as empresas não explicaram exatamente como essas ferramentas funcionam, o que levanta dúvidas sobre sua real eficácia. A CMG che-

gou a dizer que a tecnologia poderia dar vantagem às empresas sobre concorrentes, mas retirou as informações após a repercussão negativa. A MindSift também removeu menções à ferramenta de seus canais de mídia social.

Em 2024, Google, Meta e Amazon negaram qualquer envolvimento e tomaram medidas contra a prática. De acordo com o veículo americano *New York Post* e a empresa 2PM, a senadora americana Marsha Blackburn abriu investigação sobre a CMG, questionando se a ferramenta respeitava as regras de privacidade. Em resposta, a empresa descontinuou o *active listening* e afirmou que nunca teve acesso a conversas reais, apenas a dados agregados.

No caso da MindSift, pressão da imprensa e do público levou a empresa a remover menções à tecnologia. Ela não divulgou declarações detalhadas, mas a ação sugere uma tentativa de minimizar o impacto negativo. Esses casos mostram que, mesmo com grandes plataformas como Meta e Google negando o uso de microfones, o debate sobre privacidade e publicidade personalizada continua em destaque.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Minha irmã (2) tem ódio (2) àque-la praia (4). **Solução:** Manaíra.

Charada de hoje: No documento (2), ele usava uma linguagem rígida (2), para falar de uma tira mecânica (4).



Ilustração: Bruno Chiossi



Eita!!!!

Conheça os brasileiros que já foram indicados ao Prêmio Nobel

É mais de um século de existência, mas o Prêmio Nobel nunca laureou um brasileiro em suas categorias: Medicina, Física, Química, Literatura, Paz e Economia. Indicado sete vezes, de 1950 a 1956, o físico paranaense César Lattes (foto acima) foi considerado o mais injustiçado. Veja a seguir mais exemplos.

Manoel de Abreu (1891–1962)

O médico paulistano recebeu três indicações ao Nobel de Medicina, em 1946, 1951 e 1953. O especialista desenvolveu a abreugrafia, exame que permite o diagnóstico precoce da tuberculose. Por ser rápido e barato, o exame provocou uma redução considerável no número de mortos pela doença.

Carlos Chagas (1879–1934)

O sanitarista mineiro recebeu duas indicações ao prêmio de Medicina, em 1913 e 1921. Ele foi o responsável pela descoberta de todo o ciclo da Doença de Chagas, que levou seu nome, além de importantes pesquisas sobre a malária.

Mario Schenberg (1914–1990)

O pernambucano, considerado um dos maiores nomes da física teórica do país, recebeu uma indicação ao prêmio em 1983. Ele fez importantes descobertas na Astrofísica e trabalhou com grandes nomes internacionais como Subrahmanyan Chandrasekhar (que ganhou o Nobel de Física naquele ano).

Johanna Döbereiner (1924–2000)

A agrônoma tcheca naturalizada brasileira revolucionou a produção mundial de alimentos e recebeu uma indicação ao prêmio de Química, em 1997. As suas pesquisas foram cruciais para o desenvolvimento do Programa Nacional do Alcool, para o aumento exponencial da produção de soja no país e também pelo barateamento na produção de alimentos.

Otto Gottlieb (1920–2011)

O químico tcheco naturalizado brasileiro foi indicado ao prêmio de Química, em 1999, por seus estudos sobre a estrutura química das plantas que permitiram avaliar a preservação de vários ecossistemas do Brasil.

Cotados, mas sem indicações

Outros importantes nomes da ciência brasileira foram cotados para o prêmio, mas não chegaram a receber indicações. É o caso do fundador do Instituto Butantan, o médico mineiro Vital Brazil (1865–1950), responsável pela criação de diferentes soros contra o veneno de animais peçonhentos, como cobras e aranhas; e o sanitarista paulista Oswaldo Cruz (1872–1917), responsável pelas campanhas de erradicação da febre amarela, peste bubônica e varíola no país. Outro exemplo de apenas cotados é da dupla de médicos Maurício Silva e Sérgio Ferreira, responsáveis pela descoberta de um composto vasodilatador no veneno da jararaca.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

9 – espelhos; 7 – tanques; 8 – portões; 5 – janelas; 6 – escape; 1 – pssaros; 2 – placa; 3 – porta; 4 – estrada; 1

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

